

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**  
**MESTRADO EM COMUNICAÇÃO**

**Carla Ramalho Procópio**

**Um retrato do caos:** a representação midiática dos presidiários e a crise da segurança pública

Juiz de Fora  
2020

**Carla Ramalho Procópio**

**Um retrato do caos:** a representação midiática dos presidiários e a crise da segurança pública

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial a obtenção do título de Mestre em Comunicação. Área de concentração: Comunicação e Sociedade.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Iluska Maria da Silva Coutinho

Juiz de Fora

2020

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Procópio, Carla Ramalho.

Um retrato do caos : a representação midiática dos presidiários brasileiros e a crise da segurança pública / Carla Ramalho Procópio. -- 2020.

149 p. : il.

Orientadora: Iluska Maria da Silva Coutinho

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2020.

1. Representação. 2. Mídia. 3. Presidiários. 4. Jornal Nacional. 5. Segurança Pública. I. Coutinho, Iluska Maria da Silva, orient. II. Título.

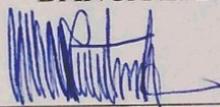
Carla Ramalho Procópio

**Um retrato do caos: a representação midiática dos presidiários brasileiros e a crise da segurança pública**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Comunicação. Área de concentração: Comunicação e Sociedade.

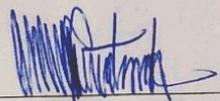
Aprovada em 27 de fevereiro de 2020.

BANCA EXAMINADORA



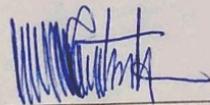
Prof. (a) Dra. Iluska Maria da Silva Coutinho - Orientadora

Universidade Federal de Juiz de Fora



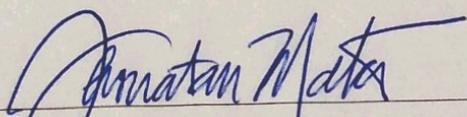
p/ Prof. (a) Dra. Ana Carolina Rocha Pessôa Temer

Universidade Federal de Goiás



p/ Prof. (a) Dra. Sonia Virgínia Moreira

Universidade Federal de Juiz de Fora



Dr. Jhonatan Alves Pereira Mata  
Universidade Federal de Juiz de Fora

## AGRADECIMENTOS

O exercício da pesquisa científica muitas vezes tem mais a ver com a capacidade de estar presente e experimentar a dinâmica do desconhecido, do que de fato, fechar uma página ou uma reflexão. E é somente estando presente que conseguimos mais do que compreender e investigar, mas tornar nossa pesquisa um organismo vivo, pulsante, e de certa forma, transformar algo primeiro em nós, e depois, revelar isso ao mundo. Ao menos, este foi o percurso da presente pesquisa para mim.

A partir da participação no projeto de artes Jequitibá Rosa nas Penitenciárias Professor Ariosvaldo Campos Pires e José Edson Cavalieri, em Juiz de Fora, o significado de “escuta ativa” tornou-se concreto para mim, na medida em que conheci tantas histórias de acautelados e acauteladas que hoje, vivem em situação de privação de liberdade. Com ela, os contextos e privilégios que nos separavam, deram lugar a uma relação de troca, afeto e esperança. Aos Marcos, Clementinos, Jurandires, Franciscos, Robsons, Andelsons, Odoricos, Ivanildos, Luizes e Valtencires e demais moradores do pavilhão 04, o meu agradecimento carinhoso e desejo por dias melhores. À Luciana Maria Barros Lopes, Maria Glazyelly Alcântra Lucarelli e Ledis del Valle Pena Franco agradeço pela parceria compartilhada ao longo de seis meses de projeto, e também pela teimosia em acreditar (e comprovar) que a arte liberta.

Não poderia deixar de agradecer e reconhecer a importância da Universidade Pública, na qual tenho a oportunidade de me desenvolver e contribuir desde a Graduação. À Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), seus professores e funcionários, em especial os que integram o Programa de Pós-Graduação de Comunicação, o meu agradecimento e defesa (sempre). É importante frisar que o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Aos companheiros de luta, todo o amor e gratidão, principalmente àqueles que são, eles próprios, o meu lar. À minha mãe, Elizabete, e pai, José Fernandes, dedico não só este trabalho, mas todo o meu coração. Aos meus irmãos, Mariana, Murilo e Fernanda, agradeço pelo exemplo e parceria que sustentam a caminhada e “alumiam” as ideias e os caminhos. À minha avó Beatriz e Vô Ary (*in memoriam*), por me ensinarem a me importar. Ao Pedro, meu companheiro de vida, meu agradecimento especial, principalmente por cada afago em dias difíceis. A minha orientadora, Iluska Coutinho, que esteve ao meu lado em cada etapa deste trabalho contribuindo não só com sua orientação, conhecimento, amizade e generosidade, mas principalmente, com sua presença, o meu mais sincero abraço de gratidão. Aos amigos Lipe,

Ana, Dedê e Victor, por cada palavra de carinho e incentivo que preencheram meus dias com mais leveza. Aos amigos da vida, do mestrado, do NJA, do trabalho, da ABAN, agradeço por cada momento compartilhado.

À minha estimada banca, sobretudo às professoras Ana Carolina Rocha Pessôa Temer e Sônia Virgínia Moreira, agradeço pelas contribuições à pesquisa, e por serem inspirações de docentes e pesquisadoras em tempos difíceis.

Aos autores, estudiosos e demais pesquisadores das Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas, o meu agradecimento final pelo conhecimento compartilhado, fundamental para as reflexões propostas neste trabalho.

[...]nem sempre sabemos dizer o que é que nos encerra, o que é que nos cerca, o que é que parece nos enterrar, mas, no entanto, sentimos não sei que barras, que grades, que muros. Será tudo isto imaginação, fantasia? Não creio; e então nos perguntamos: meu Deus, será por muito tempo, será para sempre, será para a eternidade? Você sabe o que faz desaparecer a prisão. É toda afeição profunda, séria. Ser amigos, ser irmãos, amar. Isto abre a porta da prisão por poder soberano, como um encanto muito poderoso. Mas aquele que não tem isto permanece na morte. Mas onde renasce a simpatia, renasce a vida. (Van Gogh, 1880, p. 28)

## RESUMO

Separados por grades e um contexto de vulnerabilidades, a forma como a sociedade passa a conhecer e a reconhecer os presidiários no Brasil tem relação com as representações midiáticas, sobretudo as televisivas, pela centralidade que ocupam em nossa dinâmica cultural. Em um contexto em que nossa população carcerária atinge a marca de terceira maior do mundo, e nossa política enfrenta um momento de instabilidade, vemos emergir narrativas que retratam o caos. Tais representações, revelam mais do que um espaço e sujeitos pouco conhecidos, mas ajudam a definir características, contextos e perspectivas que os identificam. Assim, a presente pesquisa pretende abordar como a mídia, enquanto instituição inserida nos mecanismos de dominação que organizam e criam os papéis sociais, é capaz de construir representações dentro de um determinado contexto, atribuindo características a determinados indivíduos e, assim, definindo-os. Partindo de uma análise teórica das representações sociais de Moscovici (2012), especificamente, pretende-se analisar a representação do preso e sua situação carcerária nas reportagens da cobertura do Jornal Nacional (TV Globo), por meio da Materialidade Audiovisual (Coutinho, 2016), em três momentos políticos diferentes. O primeiro semestre analisado refere-se aos seis meses anteriores ao impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff (PT); o segundo, ao período de governo de Michel Temer (PMDB) que antecede as eleições presidenciais de 2018; e o terceiro, revela o primeiro semestre de governo do atual presidente Jair Bolsonaro (PSL). Assim, a pesquisa pretende identificar de que forma essas representações estão inseridas na discussão sobre a atual situação dos presos no país e a discussão sobre Segurança Pública.

Palavras-chave: Representação. Mídia. Presidiários. Jornal Nacional. Segurança Pública.

## ABSTRACT

Separate between crates and a context of vulnerabilities, the shape of how the Society know e recognize the prisoner in Brazil has a relation with the midiatic representation, especially on the television, because of the centrality they occupy in our cultural dynamics. In a context that our prison population reaches the third largest mark in the world, and our politics fights a moment of instability, we see grow the narratives that show caos. Those representations, reveal more than a space and little know subjects, but helps to define features characteristics, contexts and perspectives that identify them. In this sense, this research intends to approach how the media, as an institution inserted in the mechanisms of domination that organize and create social roles, is able to construct representations within a certain context, attributing characteristics to certain individuals and, in this sense, defining them. Starting from a theoretical analysis the social representations of Moscovici (2015), specifically, we intend to analyze the representation of the prisoner and his prison situation in the reports of coverage of the Jornal Nacional (TV Globo), through Audiovisual Materiality (Coutinho, 2016). at three different political times. The first semester analyzed refers to the six months prior to the impeachment of former President Dilma Rousseff (PT); the second, the period governed by Michel Temer (PMDB) leading up to the 2018 presidential election; and the third, reveals the first half of government of current President Jair Bolsonaro (PSL). In this sense, the research aims to identify how these representations are inserted in the discussion about the present situation of prisoners in the country and the discussion about Public Security.

Keywords: Representation. Media. Prisoners. Jornal Nacional. Public security.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Matérias da revista “A estrela” .....	124
Figura 2 - Projeto Carta Social .....	125
Figura 3 - Matéria veiculada na TV Alterosa em 17 de dezembro de 2019 .....	137

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Projeto Jequitibá Rosa.....	127
Fotografia 2 - Fotografia da atividade: O que você diria para alguém que está lá fora? .....	130
Fotografia 3 - Fotografia da atividade: “Saudade” .....	131
Fotografia 4 - Fotografia da atividade: “Quem sou eu? ” .....	132
Fotografia 5 - Fotografia da atividade: “O que gostaria de fazer quando sair da penitenciária” .....	133
Fotografia 6 - Fotografia da atividade: “início das aulas inspiradas nas técnicas de Van Gogh” .....	134
Fotografia 7 - Fotografia da produção de réplica da <i>Noite Estrelada</i> – <i>Van Gogh</i> .....	135
Fotografia 8 - Fotografia dos presentes confeccionados com saquinhos de leite.....	135
Fotografia 9 - Fotografia de peça em argila produzida por alunas do anexo feminino .....	136

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Crescimento dos termos buscados .....	116
Gráfico 2 - Edições em que houve presença das palavras-chave -1º semestre .....	117
Gráfico 3 - Edições em que houve presença das palavras-chave – 2º semestre.....	118
Gráfico 4 - Edições em que houve presença das palavras-chave – 3º semestre.....	119

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Recorte de semestres analisados .....	68
Quadro 2 - Eixo e questões de análises relevantes para a pesquisa.....	70
Quadro 3 - Mapeamento das edições de janeiro do primeiro semestre de 2016.....	71
Quadro 4 - Mapeamento das edições de fevereiro do primeiro semestre de 2016.....	72
Quadro 5 - Mapeamento das edições de março do primeiro semestre de 2016.....	72
Quadro 6 - Mapeamento das edições de abril do primeiro semestre de 2016.....	73
Quadro 7 - Mapeamento das edições de maio do primeiro semestre de 2016.....	75
Quadro 8 - Mapeamento das edições de junho do primeiro semestre de 2016.....	75
Quadro 9 - Eixo e questões de análises relevantes para a pesquisa 2.....	79
Quadro 10 - Mapeamento das edições de junho do segundo semestre de 2018.....	80
Quadro 11 - Mapeamento das edições de julho do segundo semestre de 2018.....	84
Quadro 12 - Mapeamento das edições de agosto do segundo semestre de 2018.....	92
Quadro 13 - Mapeamento das edições de setembro do segundo semestre de 2018.....	94
Quadro 14 - Mapeamento das edições de outubro do segundo semestre de 2018.....	95
Quadro 15 - Mapeamento das edições de novembro do segundo semestre de 2018.....	97
Quadro 16 - Eixo e questões de análises relevantes para a pesquisa 3.....	100
Quadro 17 - Mapeamento das edições de janeiro do primeiro semestre de 2019.....	102
Quadro 18 - Mapeamento das edições de fevereiro do primeiro semestre de 2019.....	105
Quadro 19 - Mapeamento das edições de março do primeiro semestre de 2019.....	107
Quadro 20 - Mapeamento das edições de abril do primeiro semestre de 2019.....	108
Quadro 21 - Mapeamento das edições de maio do primeiro semestre de 2019.....	110
Quadro 22 - Mapeamento das edições de junho do primeiro semestre de 2019.....	112
Quadro 23 - Eixo e questões de análises relevantes para a pesquisa 4.....	114

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Edições de janeiro 2016 com edições em que houve presença das palavras selecionadas .....	70
Tabela 2 - Edições de fevereiro 2016 com edições em que houve presença das palavras selecionadas .....	71
Tabela 3 - Edições de março 2016 com edições em que houve presença das palavras selecionadas .....	72
Tabela 4 - Edições de abril 2016 com edições em que houve presença das palavras selecionadas .....	73
Tabela 5 - Edições de maio 2016 com edições em que houve presença das palavras selecionadas .....	74
Tabela 6 - Edições de junho 2016 com edições em que houve presença das palavras selecionadas .....	75
Tabela 7 - Edições de junho 2018 com edições em que houve presença das palavras selecionadas .....	80
Tabela 8 - Edições de julho 2018 com edições em que houve presença das palavras selecionadas .....	84
Tabela 9 - Edições de agosto 2018 com edições em que houve presença das palavras selecionadas .....	91
Tabela 10 - Edições de setembro 2018 com edições em que houve presença das palavras selecionadas .....	93
Tabela 11 - Edições de outubro 2018 com edições em que houve presença das palavras selecionadas .....	94
Tabela 12 - Edições de novembro 2018 com edições em que houve presença das palavras selecionadas .....	96
Tabela 13 - Edições de janeiro 2019 com edições em que houve presença das palavras selecionadas .....	102
Tabela 14 - Edições de fevereiro 2019 com edições em que houve presença das palavras selecionadas .....	105
Tabela 15 - Edições de março 2019 com edições em que houve presença das palavras selecionadas .....	106

Tabela 16 - Edições de abril 2019 com edições em que houve presença das palavras selecionadas .....	108
Tabela 17 - Edições de maio 2019 com edições em que houve presença das palavras selecionadas .....	109
Tabela 18 - Edições de junho 2019 com edições em que houve presença das palavras selecionadas .....	111

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABAN	Associação Benéficas dos Amigos
ABI	Associação Brasileira de Imprensa
CNJ	Conselho Nacional de Justiça
COMPAJ	Complexo Penitenciário Anísio Jobim
IGTV	Instagram TV
JN	Jornal Nacional
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil
OMS	Organização Mundial de Saúde
PJEC	Penitenciária José Edson Cavaliéri
PM	Polícia Militar
PPACP	Penitenciária Professor Ariosvaldo Campos Pires
PSDB	Partido Social Democracia Brasileira
PSL	Partido Social Liberal
PT	Partido dos Trabalhadores
STF	Supremo Tribunal Federal

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>17</b>
<b>2</b>	<b>TELEVISÃO E REPRESENTAÇÃO SOCIAL .....</b>	<b>20</b>
2.1	O CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO SOCIAL E O DEBATE CONTEMPORÂNEO DO FENÔMENO .....	21
2.2	O AUDIOVISUAL COMO ELEMENTO DE CONSTRUÇÃO DA REALIDADE ....	25
2.3	O ENTENDIMENTO DE IMAGINÁRIOS E ESTEREÓTIPOS .....	30
<b>3.</b>	<b>QUEM SÃO OS PRESIDÁRIOS DO BRASIL? O TELEJORNALISMO COMO JANELA PARA O CÁRCERE .....</b>	<b>35</b>
3.1	DETRÁS DAS GRADES: O SISTEMA PRISIONAL NO BRASIL .....	38
3.2	TENSIONANDO A VIOLÊNCIA, O INTERESSE PÚBLICO E A AUDIÊNCIA ....	42
3.3	ENTRE PACTOS, CONTRATOS E PREMISSAS .....	46
3.4	NARRATIVAS COM UM RASTRO DE SANGUE: UM PANORAMA DA VIOLÊNCIA NO TELEJORNALISMO BRASILEIRO .....	48
<b>4</b>	<b>O RETRATO DOS PRESÍDIOS NO PAÍS .....</b>	<b>55</b>
4.1	O PRESÍDIO E SEUS ESPAÇOS NA MÍDIA.....	56
4.2	A REPRESENTAÇÃO DOS PRESIDÁRIOS NO BRASIL .....	59
4.3	O SILENCIAMENTO DA FALÊNCIA DO SISTEMA PRISIONAL .....	62
<b>5</b>	<b>NAS TELAS: O CÁRCERE NAS COBERTURAS DO JORNAL NACIONAL... 64</b>	
5.1	LINGUAGEM E SIGNIFICAÇÃO: PRESOS, PRESIDÁRIOS OU BANDIDOS? ...	65
5.2	A PERSPECTIVA POLÍTICA NA COBERTURA DA VIOLÊNCIA .....	66
<b>5.3.1</b>	<b>Análise da Materialidade Audiovisual do primeiro semestre .....</b>	<b>77</b>
5.4	A COBERTURA DOS PRESÍDIOS NO GOVERNO TEMER.....	80
<b>5.4.1</b>	<b>Análise da materialidade audiovisual do segundo semestre.....</b>	<b>98</b>
5.5	O LUGAR DOS PRESIDÁRIOS NO GOVERNO BOLSONARO .....	102
5.6	UMA REFLEXÃO SOBRE O BOOM DA VIOLÊNCIA .....	115
<b>6</b>	<b>NAS RUAS: CONFRONTANDO A REALIDADE.....</b>	<b>121</b>
6.1	COMUNICAÇÕES POSSÍVEIS: OUTROS MODOS DE NARRAR A VULNERABILIDADE NA PRISÃO.....	122
<b>6.1.1</b>	<b>Projeto A Voz – São João Del Rei/MG.....</b>	<b>123</b>
<b>6.1.2</b>	<b>Projeto Carta Social – Patrocínio/ MG .....</b>	<b>125</b>
<b>6.1.3</b>	<b>Projeto Jequitibá Rosa – Juiz de Fora/ MG.....</b>	<b>126</b>

6.2	ENTRE EXPERIÊNCIAS E AFETAMENTOS: A PARTICIPAÇÃO NA OFICINA DE ARTE NAS PENITENCIÁRIAS JOSÉ EDSON CAVALIERI (PJEC) E PROFESSOR ARIOSVALDO CAMPOS PIRES (PPACP).....	127
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	138
	REFERÊNCIAS.....	144

## 1 INTRODUÇÃO

É possível afirmar, com toda a convicção, que vivemos no mundo em que acreditamos viver? A pergunta, que a princípio pode parecer complexa e sem sentido, revela uma dimensão bastante conhecida pela mídia: a de atuar na construção da realidade. Nessa perspectiva, o modo como entendemos as dinâmicas que ordenam e movimentam nossas ações e relações não são exclusivamente produzidos por nós; desde a função das instituições, as hierarquias de poder, os limites e o entendimento de fronteiras físicas e simbólicas são apreendidas por nós a depender do modo como elas nos foram apresentadas; inicialmente pela linguagem, mas que se estendem a dimensão das vivências, rituais, e sobretudo, a mídia. São esses sentidos, também compartilhados, capazes de produzir nossa ideia de mundo, mas não somente em uma perspectiva ampla, simbólica. Também afetam a interpretação que fazemos de nosso país, instituições, líderes, cenários econômico e político.

Assim, para organizar o caos da realidade, recorremos a instituições e práticas que acreditamos ser capazes de nos explicar o mundo, e às quais atribuímos essa responsabilidade. Nessa perspectiva, caberia ao Jornalismo a tarefa de ordenar a vida presente, oferecendo informações para que possamos deliberar sobre as nossas vidas e dar a conhecer a quem, ou a o que, não se conhece. Na perspectiva de Kovach e Rosenstiel (2003), “a imprensa funciona como um guardião, tira as pessoas da letargia e oferece uma voz aos esquecidos” (KOVACH, ROSENSTIEL, 2003, p.31), ou pelo menos, deveria. No entanto, é na tentativa de ordenar o caos de nossas vivências que muitas vezes o trazemos para nossas salas. Ao assistirmos os telejornais, experimentamos a simulação dos acontecimentos reais, com todos os sentidos presentes na matéria. “Desta forma, a notícia também deve ser compreendida a partir do seu potencial de trazer o caos, uma vez que interfere (ainda que em alguns casos apenas temporariamente) na percepção que os indivíduos têm das relações de poder.” (TEMER, 2014, p.121)

Mas como revelar o retrato caótico de uma realidade consensualmente ignorada, sobretudo em um momento político em que ela se configura um dos principais problemas nacionais? Esse é o desafio das matérias jornalísticas em retratar o cárcere, seu universo e sobretudo, os presidiários – seus personagens. Na busca por atender uma audiência que consome a violência de variadas formas, os presidiários são frequentemente apresentados por um viés estereotipado, sendo sentenciado ao lugar ao qual foi destinado – o da punição. Em um país em que a ressocialização é parte intrínseca ao nosso sistema prisional (já que em nossa Constituição não são permitidas prisões perpétuas ou

pena de morte), na prática, o que acontece é o gerenciamento das tolerâncias, classes, sujeitos. Para Foucault (2014), a penalidade moderna seria responsável por uma “economia” geral das ilegalidades, sendo ela própria um mecanismo de dominação. Seguindo essa lógica de punição e isolamento, as estratégias de Segurança Pública do país são eficazes em prender, mas não em combater a criminalidade: atualmente, o Brasil é o terceiro país do mundo com maior população carcerária, e ao mesmo tempo, o 18º mais violento do mundo. Por uma perspectiva estatística, parece claro que a prisão não é sinônimo de justiça e diminuição da violência, então, como explicar a preferência da maioria da população (ilustrada pelo resultado das eleições presidenciais de 2018) por um projeto político que visa a letalidade policial e o endurecimento de leis relacionadas à prisão?

É perante esses questionamentos colados ao contexto brasileiro atual que buscamos investigar como a mídia, enquanto definidora de papéis sociais, é capaz de construir uma representação midiática dos presidiários, atribuindo características, sentidos e significados a esses sujeitos, e construindo também nossa percepção sobre a crise da Segurança Pública. Partindo de uma análise teórica sobre as representações sociais de Moscovici (2015), especificamente, pretende-se analisar a representação do preso e sua situação carcerária nas reportagens da cobertura do Jornal Nacional (TV Globo) em três recortes temporais: final de 2015 (período pré-impeachment de Dilma Rousseff), segundo semestre de 2016 (período governado por Michel Temer) e o primeiro semestre de 2019 (no atual governo de Jair Bolsonaro). A tentativa é compreender como são representados os presidiários em momentos políticos diferentes, em que a Segurança Pública ocupa um papel central nas discussões políticas, e entender como nossa forma de atribuir um significado a essas pessoas, depende do modo como sua representação é construída. Assim, na busca por compreender a complexidade dos produtos audiovisuais, que apresentam uma combinação de sons, textos, imagens, efeitos; e a relação íntima e peculiar estabelecida com a televisão, utilizamos a metodologia da Análise da Materialidade Audiovisual, desenvolvida por Coutinho (2016), capaz de manter a unidade audiovisual e ir revelando os percursos e eixos de análise do pesquisador.

Para os objetivos da pesquisa, faz-se necessário uma discussão sobre os recursos utilizados para a construção das representações – tanto em relação aos presidiários, quanto à crise da segurança pública. Em nossa perspectiva, elas teriam íntima relação com a essência da TV: a capacidade de se parecer a própria vida, em uma tônica familiar. Para Temer (2014) assistir à TV é também um ato de criação, “cujas origens remontam as origens do homem, a sua necessidade de dar permanência às situações voláteis da própria vida; em congelar em imagens o tempo que não pode ser congelado” (TEMER, 2014, p.167). Para isso, procuramos tensionar os conceitos de interesse público, contratos e audiência; intimamente relacionados com a discussão sobre a proposta de

representação apresentada pelo telejornal observado, relacionando-os com o cenário atual de nosso sistema prisional.

No entanto, para o desenvolvimento da pesquisa também julgamos necessário uma aproximação com a vivência no cárcere, de modo que também pudéssemos comprovar em quais realidades estávamos e estamos inseridos. Assim, durante um período de seis meses, a autora deste trabalho participou enquanto jornalista do projeto Jequitibá Rosa, desenvolvido pela Organização não-governamental Associação dos Amigos (ABAN), registrando o cotidiano das oficinas que apresentavam técnicas em argila e pintura para acautelados e acauteladas dos regimes misto e fechado das Penitenciárias Professor Ariosvaldo Campos Pires (PPACP) e José Edson Cavaliere (PJEC). A experiência teve papel fundamental na compreensão das dinâmicas do espaço do cárcere, bem como o funcionamento da punição, de suas hierarquias e estruturas. Além disso, possibilitou o reconhecimento empírico de como o Jornalismo e a Televisão de uma forma geral estão presentes por trás das grades de ferro.

## 2 TELEVISÃO E REPRESENTAÇÃO SOCIAL

Presente em nossa sociedade como fonte de informação, conhecimento, educação e entretenimento, o audiovisual se insere cotidianamente em nossas vidas, seja pela dimensão do entretenimento, representado pela indústria televisiva, cinematográfica, dos anúncios nas plataformas digitais; ou mesmo pelo âmbito da educação, do aprendizado, como nas faculdades à distância por meio das videoaulas, os vídeos informativos - popularmente conhecidos como tutoriais; e até pela dimensão do afeto, nos registros de familiares compartilhados em aplicativos e mídias sociais como o *whatsapp*, *facebook* e similares.

No entanto, apesar das variedades com que o audiovisual se apresenta, nenhuma outra forma possui a mesma relação e interação pessoal e principalmente coletiva, quanto a televisão. Se analisarmos a TV pela perspectiva da possibilidade de interação, podemos fazer uma leitura de um meio opressor, que apenas exhibe sua programação com poucas lacunas para a interação; afinal, a televisão entendida com um conjunto de espectros ocupado por canais, e estes pertencentes a emissoras (públicas e privadas) ainda não permite que o conteúdo exibido responda aos estímulos e interações de todos e cada um dos telespectadores – espaço que as plataformas digitais começam a ocupar, com as chamadas *lives*<sup>1</sup>, e recursos como o IGTV<sup>2</sup>. No entanto, indo ao encontro do pensamento de autores como Raymond Williams e Jesus Martín-Barbero, ressaltamos que a televisão ultrapassa sua dimensão tecnológica, e não oferece uma experiência apenas no local físico, onde sua programação é exibida. Ao contrário, suas ondas são capazes de movimentar os outros espaços da casa, da comunidade, das cidades, e de realizar uma integração mesmo em um país continental como o Brasil. Temer (2014), ao pensar na Televisão, ressalta a dimensão da “tecnomagia da imagem no espaço doméstico”, capaz de se tornar quase um organismo vivo na dinâmica das casas:

O conteúdo cinético/colorido e esteticamente sedutor que surge após a ação automática de ligar a televisão tem algo de mágico, pois oblitera a percepção de que se está lidando com um aparato cujas condições técnicas para o funcionamento são conhecidas por uma minoria. Enquanto aparelho, a televisão é um conjunto de pontos ou linhas que formam imagens que pretendem representar algo. Na maioria dos casos, algo que se encontra lá fora, no tempo e no espaço. (Flusser, 1985 apud TEMER, 2014, p.7).

---

1 Traduzido do inglês, as lives seriam o equivalente a transmissões ao vivo.

2 Traduzido do inglês, que seria o equivalente a TV do Instagram, o IGTV é um aplicativo de vídeo (independente do Instagram) para smartphones Android e iOS. Seu grande diferencial é permitir a postagem de vídeos mais longos do que aqueles que podem ser veiculados no Instagram.

No entanto, essas representações e significados são produzidos por um ordenamento próprio da televisão, que a autora aponta como um mundo diferente do real, tratando de uma “representação com regras próprias cujas características são determinadas por sutis relações de dependência e exploração da técnica com os interesses político – empresariais” (TEMER, 2014, p.165). Assim, para nós, é justamente por ultrapassar tais limites tecnológicos, ou seja, por afetar individualmente e coletivamente a vida em sociedade que a televisão seria capaz de causar a sensação de proximidade e de completa integração com a vida cotidiana – e também com o próprio mundo. E é na perspectiva da dimensão cultural da televisão (WILLIAMS, 2016) que entendemos que olhar a TV por uma perspectiva crítica pode fornecer respostas, ou pelo menos indícios, para a compreensão de nossas dinâmicas sociais, e também, para um entendimento mais profundo de nossos desafios sociais.

Contudo, para compreendermos tais afetamentos é preciso, de certo, nos aproximarmos dos aspectos técnicos da TV, sobretudo que envolvem a formação dos sons e imagens. Para Ana Carolina Temer (TEMER, 2014), parte da tecnomagia que envolve a produção de imagens no aparelho televisão está em aceitar imagens que efetivamente não existem em um “esforço de se abstrair duas das quatro dimensões espaço-temporais, para que se conservem apenas duas das quatro dimensões do plano. (Flusser, 1985 apud TEMER, 2014, p. 165). Sobre esse processo de “aceitação” em relação a realidade construída, ou mesmo à ficção, entendemos a necessidade da criação dos contratos e promessas, exemplificados por François Jost (2004) em *Seis lições sobre a televisão*, e discutidos mais a fundo nos capítulos seguintes deste trabalho. Assim, é por ser capaz de combinar em um mesmo espaço as representações do real e também a ficção, que entendemos a televisão como um elemento complexo, que atua diretamente em nosso entendimento da realidade por meio de tais representações. Assim, neste trabalho, trabalharemos o conceito de representação pela perspectiva do psicólogo social Serge Moscovici (MOSCOVICI, 2015).

## 2.1 O CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO SOCIAL E O DEBATE CONTEMPORÂNEO DO FENÔMENO

Desde o surgimento da dramaturgia, na Grécia, a expressão “representar”<sup>3</sup> é utilizada para uma espécie de empréstimo de materialidade para um outro significado, em outras

---

<sup>3</sup>Verbo transitivo direto, descrito como: Ser a imagem ou a reprodução de; figurar como emblema, imagem ou símbolo; aparecer em outra forma diferente do habitual, exhibir em teatro, encenar.

palavras, pensamos na representação também como uma suspensão da ordem lógica e material de uma determinada coisa – aquela que seria sua ordem primária - para dar significado à uma outra, e assim, tornar-se ela própria. No entanto, as representações não acontecem apenas em uma dimensão ordenada e material, em que se pode compreender quais elementos tecem o fenômeno; elas acontecem em meio à vida social, engendrada nas relações sociais, nas relações de poder, no cotidiano, sendo também afetada por eles. Na perspectiva de França (2004), as representações “podem ser tomadas como sinônimo de signos, imagens, formas ou conteúdos de pensamento, atividade representacional dos indivíduos, conjunto de ideias desenvolvidas por uma sociedade”. (FRANÇA, 2004, p. 14).

Assim, na busca por compreender em que medida elas se afetam, e como isso acontece, recorreremos a psicologia social por meio de Serge Moscovici (2015), que cunhou o termo *representações sociais*. Para ele, representar significaria “a uma vez e ao mesmo tempo, trazer presentes as coisas ausentes e apresentar coisas de tal modo que satisfaçam as condições de uma coerência argumentativa, de uma racionalidade e da integridade normativa do grupo” (MOSCOVICI, 2015, p.216).

Nesse sentido, para compreendermos o pensamento do autor, antes de entendermos como funcionam as representações, seria preciso conhecer minimamente o funcionamento do nosso sistema cognitivo. Sobre ele, a psicologia social já teria identificado duas dimensões: a que indivíduos normais reagem a fenômenos, pessoas ou acontecimento do mesmo modo que os cientistas ou os estatísticos, e que compreender consiste em processar informações.

Nós percebemos o mundo tal como é, e todas nossas percepções, ideias e atribuições são respostas a estímulos do ambiente físico ou quase físico, em que nós vivemos. O que nos distingue é a necessidade de avaliar seres e objetos corretamente, de compreender a realidade completamente; e o que distingue o meio ambiente é sua autonomia, sua independência com respeito a nós e nossas necessidades e desejos. (MOSCOVICI, 2015, p. 30).

No entanto, ao cunhar o termo das representações sociais, o autor aponta alguns fatos bastante simples que contradizem o funcionamento ordenado de pensamento e compreensão. O primeiro deles estaria relacionado a nossa “não consciência” de determinadas falas, convicções e, além disso, ao fato de que nós não conseguimos compreender verdadeiramente determinadas coisas, simplesmente porque elas não fazem parte do que (para nós) nos constrói enquanto indivíduos, ou seja: aquilo que ouvimos, experimentamos e participamos ao longo da vida.

Dessa forma, é didático verificar a provocação do autor em nossa vida cotidiana, no modo como agimos em determinada situação, com determinadas condições, e outras pessoas reagem de formas completamente diferentes.

Um segundo contraponto seria a noção de que nós muitas vezes aceitamos determinados fatos sem discussão. Podemos entender esse movimento se observamos o avanço da ciência em relação ao movimento das marés, por exemplo, ou mesmo dos planetas, exemplo dado pelo autor, uma vez que cremos e visualizamos suas dinâmicas sem tê-las vivido objetivamente. Assim, à grosso modo, para Moscovici (2015), qualquer um de nós que não tenha conhecimento científico suficiente para compreender como acontece a rotação da terra em torno do sol, consegue visualizar sua movimentação por meio de uma imagem mental construída a partir do que compartilhamos socialmente em relação ao fenômeno. Assim, nossa capacidade de distinguir as aparências da realidade das coisas, está relacionada a nossa capacidade de passar da aparência à realidade através de alguma noção ou imagem (MOSCOVICI, 2015, p. 31). Por último, o autor afirma que nossas reações aos acontecimentos, nossas respostas aos estímulos, estariam relacionadas a uma determinada definição que é comum a todos os membros da comunidade da qual fazemos parte. De todo modo, por meio dessa perspectiva vemos agir o fenômeno das representações sociais, de modo a moldar, influenciar e até mesmo determinar nossas ações/compreensões de determinados acontecimentos.

Isso significa que nós nunca conseguimos nenhuma informação que não tenha sido distorcida por representações, assim, quando contemplamos esses indivíduos e objetos, nossa predisposição genética herdada, as imagens e hábitos que nós já aprendemos, as suas recordações que nós preservamos e nossas categorias culturais, tudo isso se junta para fazê-las tais como as vemos. (MOSCOVICI, 2015, p. 33).

Nesse sentido, a teoria das representações sociais torna-se fundamental para compreendermos os verdadeiros motivos e forças que agem nas pessoas para a tomada de ações, na criação e desempenho de determinados papéis, ou mesmo de determinados rituais. Por ela, podemos compreender que por trás dessas ações existe uma representação de mundo que ultrapassa a perspectiva da racionalidade, atuando por um complexo conjunto de sentidos que são criados e partilhados socialmente. Tendo em vista que boa parte do funcionamento da sociedade depende da afirmação e a legitimação de crenças e regras, regidos também pela movimentação dos poderes simbólicos (BOURDIEU, 2002), entendemos que, na maioria das vezes, nos falta consciência de que essas movimentações afetam nossas vidas em diferentes níveis e formas, agindo como um conjunto de forças invisíveis, “exercido com a cumplicidade

daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 2002, p.08).

Dessa forma, apesar de admitir a existência das hierarquias e dos poderes que movimentam as instituições, as relações sociais e as dinâmicas de suas legitimações, Moscovici nos revela que é por meio das representações sociais que esses poderes se estruturam e fazem possível a sua manutenção.

Certamente existem poder e interesses, mas para serem reconhecidos como tais na sociedade devem existir representações ou valores que lhes deem sentido e, sobretudo, que se esforcem para que os indivíduos convirjam e se unam através de crenças que garantem sua existência em comum. Isso tudo é guiado por opiniões, símbolos e rituais, isto é, por crenças e não simplesmente pelo conhecimento ou técnica. As opiniões pertencem a uma ordem diferente: crenças sobre a vida em comum, sobre como as coisas devem ser, sobre o que se deve fazer; crenças sobre o que é justo, o que é verdadeiro e o que é belo; e ainda outras coisas, todas produzindo um impacto nos modos de se comportar, de sentir e permutar bens. (MOSCOVICI, 2015, p. 173).

É por assumir essa característica que encontramos na teoria das representações sociais alguns indícios que nos ajudam a compreender como se estruturam algumas crenças e valores sociais, que se apresentam na forma de estereótipos e imaginários em nossa sociedade (que serão discutidos mais à frente). Dessa forma, para compreendermos como é construída a representação dos presidiários no Brasil (um dos objetivos deste trabalho), e sobretudo, como a televisão e principalmente os telejornais colaboram para tais construções, é imprescindível considerarmos a perspectiva da representação na partilha social.

Um ponto interessante trabalhado por Serge Moscovici (MOSCOVICI, 2015) que nos ajuda a compreender como determinadas crenças surgem, pode ser encontrado ao longo da leitura do livro *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Nele, o autor esclarece à luz da psicologia social que nós, seres humanos, possuímos uma espécie de predisposição para aceitar fatos que confirmam as nossas crenças habituais: “a maior parte das pessoas prefere explicações populares a explicações científicas, fazendo correlações enganadoras que fatos objetivos são incapazes de corrigir” (MOSCOVICI, 2015, p. 168). Nesse sentido, nossas partilhas de experiências sociais, sendo elas pela dimensão da oralidade, dos símbolos, das narrativas, ou mesmo a midiática, auxiliam na construção e manutenção de tais crenças, e assim formatam as representações. Isso ocorre pois, no território midiático são apresentados espaços físicos, mas que também são subjetivos, representando maneiras de viver, de pensar e de se comportar. Ao pensarmos em uma narrativa audiovisual para retratar a

violência, por exemplo, estereótipos utilizados para o reconhecimento de um personagem, lugar ou situação, acabam por reforçar discursos que nem sempre dão conta de problematizar situações de conflito que refletem profundas dinâmicas de desigualdade, relações de poder e abismos sociais.

No entanto, a produção de sentidos, a legitimação de crenças ou mesmo a construção de determinados estereótipos não acontecem de forma tão simples no ambiente midiático. Cada meio possui particularidades de construções narrativas, de interações tecnológicas e, principalmente, uma relação cultural com a sociedade na qual se desenvolve. E é justamente na busca de compreender como a mídia e principalmente, a televisão é capaz de estabelecer tal vínculo, que julgamos pertinente discutir a participação da mídia na construção social da realidade.

## 2.2 O AUDIOVISUAL COMO ELEMENTO DE CONSTRUÇÃO DA REALIDADE

Ao longo do desenvolvimento das sociedades, transformam-se as culturas, as crenças, os modos de pensar e até mesmo a ciência, no entanto, há um elemento integrador, invisível, capaz de agir quase como algo etéreo, sempre presente, mas que precisa ser construído e reafirmado por nossa convivência e partilha: a dimensão da realidade. Objeto de análise de diversas áreas do conhecimento, a noção de realidade, aqui neste trabalho, será desenvolvida a partir da perspectiva de Peter L. Berger e Thomas Luckmann (BERGER; LUCKMANN, 2004), que cunharam o termo da sociologia do conhecimento – é ela que nos auxiliará a compreender como os indivíduos percebem/constroem a sua realidade no mundo (objetivas e subjetivas), e permitem que elas “coexistam” no mundo.

Inicialmente, partiremos do entendimento que o pensamento humano se relaciona com o contexto social que é criado, assim, por meio da experiência em sociedade, todos os indivíduos criam, reproduzem e legitimam padrões de realidade assimilados por suas experiências – atuando sobre a sociedade e sendo igualmente afetada por ela. É este conhecimento, comum a toda a sociedade que forma o “tecido de significados sem o qual nenhuma sociedade poderia existir” (BERGER; LUCKMANN, 2004). Dessa forma, a vida cotidiana (aquela que todo ser humano experimenta na inserção em sociedade), em que todos compartilham dos mesmos espaços físicos e “acontecimentos”, é encarada como a realidade para a grande maioria dos indivíduos.

Conforme vimos, as realidades da vida cotidiana mantêm-se pelo fato de corporificar-se em rotinas, o que é a essência da institucionalização. Ademais,

porém, a realidade da vida cotidiana é continuamente reafirmada na interação do indivíduo com os outros. Assim como a realidade é originalmente interiorizada por um processo social, assim também é mantida na consciência por processos sociais. Estes últimos não são radicalmente diferentes dos exercidos na primeira interiorização. Refletem também o fato básico de que a realidade subjetiva deve ter com a realidade objetiva uma reação socialmente definida. (BERGER; LUCKMANN, 2004, p.198).

No entanto, para nós, o grande desafio de pensar a realidade pela perspectiva de sua construção, é que mesmo um compartilhamento de espaços e acontecimentos é capaz de produzir realidades pessoais diversas, pois são os elementos subjetivos, que constroem o que pode ser chamado de individualidade de cada um de nós, que podem diferenciar o modo como cada um de nós compreende a realidade – a partir de nossa autonomia para relacionar nossas experiências a determinados sentidos. Assim, seria justamente para combater essa fragmentação de sentidos, e para que essa diversidade de interpretações não prejudique nossa vida objetiva, reforçamos as vivências, os compartilhamentos de significados que experimentamos na existência compartilhada. Ou seja, na medida em que obtenho de forma conjunta a percepção de uma determinada coisa, ela se torna mais verdadeira para mim, pois reafirmo em mim a certeza de sua existência por meio da confirmação do outro, e assim, também compartilhamos a realidade.

De acordo com Peter L. Berger e Thomas Luckmann (2004), uma das causas que reforçam essa dimensão compartilhada da realidade são elementos como o hábito e a rotina, sendo repetidas cotidianamente, gerando uma complexa estrutura ao entorno do que envolve “executar” uma ação (como o conhecimento da ação, o conhecimento técnico para realizá-la, o conhecimento simbólico do que ela significa). Assim, o conhecimento do sentido comum, ou senso comum, compreende um modo pré-estabelecido e já validado que basicamente “instrui” uma realização específica. De acordo com os autores, a realidade cotidiana teria esquemas chamados “tipificadores”, apreendidos por nós nessas interações e influenciando o modo como lidamos com a vida em geral. É nessa dimensão que os autores consideram a importância da linguagem e dos símbolos na legitimação do mundo subjetivo e objetivo.

Pensando nessa perspectiva, entendemos a produção audiovisual como um dos espaços possíveis para a apreensão da realidade, tendo em sua dinâmica a mesma percepção do mundo que temos no mundo objetivo. Na prática, “vemos” o mundo também como um conjunto de sons e imagens, e nessa perspectiva, o audiovisual pode, muitas vezes, parecer uma extensão dessa experiência. Uma das causas dessa característica está na própria essência da linguagem audiovisual, capaz não só de estabelecer um vínculo narrativo, mas também atuar na crença

partilhada da realidade. Para Giddens (2003 apud VIZEU, 2015 p. 83) as rotinas diárias - presentes nas dinâmicas televisivas - desempenham um papel central na sociedade, por isso, a confiança na continuidade do mundo objetivo e no tecido da atividade social depende de determinadas conexões entre os indivíduos e os contextos nos quais se movimentam no cotidiano. Assim, no território audiovisual, são apresentados cotidianamente espaços físicos, mas que também são subjetivos, representando maneiras de viver, de pensar e de se comportar.

Na televisão, meio em que observamos a dinâmica do audiovisual em funcionamento, julgamos pertinente incluir a perspectiva da realidade simulada, conceito discutido por (MARTÍN-BARBERO, 1997). Para o autor, o que está em jogo na tela da televisão seria a simulação da vida objetiva. No entanto, como essa simulação seria suficientemente convincente para nos trazer a dimensão da realidade? Para nós, indo de encontro a diferentes pensadores das ciências humanas, a produção de uma ideia de verdade – presente nas dinâmicas jornalísticas, teria um papel central. No entanto, entendemos que a própria construção de “verdade” teria a ver com esses processos sociais aos quais nos referimos ao longo do capítulo. Nesse sentido, numa tentativa de compreender o que seria essa verdade identificada nas produções jornalísticas, voltaremos nossa atenção a ao significado da palavra. Assim, em relação ao modo como a verdade foi representada nas línguas, Coutinho (2013) discute as origens do vocábulo *truth*, passando pelas definições de origem grega e latina, chegando a definição aristotélica, que configura uma das bases para o entendimento do significado da palavra.

O conceito de verdade estaria ligado a cinco variáveis ou pressupostos que condicionam as relações intrínsecas a sua própria compreensão. Assim, a verdade pode ser vista como: 1) correspondência ou concordância; 2) revelação ou eficácia; 3) conformidade a uma regra ou verificabilidade; 4) coerência; 5) utilidade ou propriedade física. (COUTINHO, 2013, p.133).

No entanto, entendemos que cada um dos pressupostos listados por Aristóteles, sozinhos, não podem ser suficientes para uma definição definitiva sobre o termo, uma vez que tais pressupostos também se inserem na discussão dos estudos do discurso, pois revelam uma dimensão da interpretação, produção de sentidos e de enunciação. Para Bakhtin (1997) por exemplo, as palavras possuem uma conclusibilidade abstrata, e por isso carecem de qualquer relação com o enunciado do outro, com a palavra do outro. Nesse sentido, “aceitar” ou então apreender uma ideia de verdade dependerá também do modo como a recebemos, do contexto comunicativo no qual ela é formada. Na busca por compreender o entendimento dos estudiosos do discurso sobre a verdade, Coutinho (2013) traz a discussão as contribuições de Foucault

(1996), também interessado na análise das verdades em relação as proposições, na sua utilização nos enunciados (FOUCAULT, 1996, p.23), desenvolvida especialmente na lógica, nos estudos do discurso.

É fundamental ressaltar, porém, que embora a questão da verdade seja central no campo da lógica, esta não se ocupa em verificar se uma proposição é verdadeira ou falsa no que se refere ao seu conteúdo, ou a forma e/ou estrutura da proposição; atentar para as verdades semânticas ou verdades lógicas. Na verdade semântica, o “ser verdade” é visto como um predicado de certo enunciado ou proposição: os chamados predicados metalógicos. A verdade e a falsidade são formais, não dependem do conteúdo. Assim, é possível ter situações empiricamente verdadeiras, mas falsas em sua concepção lógica, como discurso produzido ou enunciado. (COUTINHO, 2013, p. 135).

À medida que as organizações políticas se desenvolveram e as sociedades conquistaram uma vivência democrática, o Jornalismo assumiu cada vez mais sua função social, pois estabeleceu uma conexão com o público, que confia na mediação feita sobretudo a partir da figura mais visível do repórter. Conexão esta criada através de sua amplitude e alcance, fator que unifica as pessoas, e também através da reputação do jornalismo que, historicamente, participou de momentos muito importantes para a sociedade em geral. Essa relação é uma cadeia duplamente alimentada; de um lado pelo processo de consumo dos espectadores da “mídia”, consumo este revelado na audiência, e por outro, através da entrega ao público informações e entretenimento que ajudam a construir as estruturas sociais nas quais estes indivíduos estão inseridos. “A mídia só é poder, por causa dos efeitos causados na sociedade, cuja parte afetada é justamente aquela que se submete à programação televisiva. ” (GUARESCHI, 2007, p.13)

É importante dizer que à medida que o jornalismo traz à sociedade informações importantes sobre todas as partes de nossa estrutura social, ele funciona também como um regulador, influenciador e às vezes educador, de forma que o que é enunciado por meio do Jornalismo é entendido como verdade e tem poder de ser. E isso graças à capacidade do jornalismo em se instituir como uma forma preponderante de saber-poder. Ao promover a punição da imagem veredicto impossível para a Justiça, a mídia consegue adquirir capital simbólico para efetivar-se como instituição reguladora da sociedade contemporânea: aquela que, se não dita as normas de funcionamento das diferentes instituições, no mínimo exige destas o funcionamento que seria o considerado correto (Mendonça, 2002 apud MOREIRA, 2006, p.40).

Apesar de sua importância social relevante há uma contradição aparente entre o jornalismo e o legítimo poder que ele possui; esta seria introduzida pelo tensionamento entre os interesses empresariais por trás dos veículos nos quais o jornalismo é veiculado, e seu caráter público. No primeiro caso, as bases éticas que norteiam o exercício da profissão de jornalista podem (mas não deveriam) ser alteradas por interesses pessoais das detentoras dos capitais das emissoras, revistas, jornais e etc., para beneficiar ou prejudicar quem quer que seja. Já no que diz respeito ao caráter público, é através dele que a função social dos veículos informativos está garantida. Temas como denúncias, educação, cultura e informação são parte dos conteúdos das emissoras de televisão aberta, que por serem concessão pública, deveriam ter sua programação pensada para contribuir com a formação intelectual da sociedade. Por agir como uma instância crítica e fiscalizadora dos poderes constituídos, como um contra poder, a imprensa passou a ser chamada de quarto poder e a liberdade de imprensa como algo importante e imprescindível para a garantia da democracia numa sociedade. (GUARESCHI, 2007, p. 14).

Assim, é importante considerar que por mais que o Jornalismo ocupe de fato esse papel de fiscalizador, e tenha como uma de suas bases fundadoras o compromisso com a verdade, ela estará sempre sujeita a interpretações. Japiassu citado por Coutinho (2013) nos lembra que “os fatos não falam”, e nesse sentido, o que vemos nas matérias e reportagens não é a “voz dos fatos”, e sim, a de pessoas que participaram deles ou então, que estiveram presentes como espectadoras dos acontecimentos, “também em uma categoria carregada de julgamentos e intencionalidades” (COUTINHO, 2013, p.145). Nesse sentido, ao mesmo tempo que os repórteres desempenham o papel de “descobridores”, e de profissionais incansáveis em busca da verdade dos fatos, também precisam ser capazes de desenvolver narrativas empáticas, interessantes e mobilizadoras – sobretudo para fixar a audiência em frente à tela, prática que se aproxima da dimensão da subjetividade, das emoções e do acionamento do “irracional”. Nessa perspectiva, Coutinho (2013) chama a atenção para os jargões e expressões utilizadas na própria prática jornalista, revelando essa dimensão da “contação de histórias”, para fazer referência a prática popular.

A expressão “roteirizar” já demonstra uma aproximação a outros campos de produção cultural, para usar o conceito impresso por Pierre Bourdieu. Do repórter de televisão se espera, além da capacidade de apuração e de redação de um texto, talento para construir/dirigir uma estória e ainda de interpretar, senão um personagem pelo menos uma mensagem determinada. (COUTINHO, 2013, p. 142).

Assim, nesse processo de construção das reportagens, podem ser acionadas representações sociais, capazes de produzir sentido mesmo em poucos segundos de exibição. E nesse sentido, para reconhecer as representações acessamos o nosso repertório histórico-social, a partir de nossas vivências, entendimento da realidade e das dinâmicas que nos cercam e que estamos inseridos – incluindo os estereótipos e imaginários. É também por meio desses recursos que moldamos nossa visão sobre determinadas coisas, ações, julgamentos e interações.

### 2.3 O ENTENDIMENTO DE IMAGINÁRIOS E ESTEREÓTIPOS

Como discutimos nas seções anteriores, as representações de sistemas abstratos por meio da linguagem, dos símbolos e da partilha revelam o modo de funcionamento da sociedade, e assim, dão a conhecer, constroem e desconstroem sentidos, crenças, significados, unidos pelo fio da cultura que permite nossa compreensão de cada um deles. No entanto, a construção de tais sentidos não acontece de forma tão simples; é necessário tempo e o compartilhamento de experiências que envolvam as relações humanas em sociedade. E para que uma representação social se estabeleça, é preciso que haja uma apreensão de significados, símbolos e sentidos. Tal apreensão, pode fazer uso do que conhecemos como imaginários e estereótipos. Tentaremos aqui, estabelecer uma distinção dos conceitos e identificar em que medida se relacionam com a discussão sobre os presidiários e o universo do cárcere.

Presente em nosso cotidiano como um dos cenários da criminalidade, grande parcela da população conhece o espaço das prisões mais pelo que lê, vê e ouve, do que de fato pelo que experimenta em relação a ela. Nessa perspectiva, para boa parte dos brasileiros, o presídio, a prisão, as penitenciárias seriam entendidas em nossa sociedade pela perspectiva dos “imaginários”, que podem ser entendidos uma espécie de crença apreendida e assimilada, e que compartilhada, torna-se uma espécie de verdade entre todos. Isso ocorre pois, o presídio entendido como um espaço a que são destinadas as pessoas que alteram a ordem social, representando aquilo que deve ser “banido” da sociedade, carrega consigo uma série de sentidos que auxiliam a nossa compreensão de que aquele é um espaço socialmente aceito para a punição, e construído para essa finalidade (mesmo que nunca tenhamos pisado em um). Para essa reflexão, utilizamos o pensamento de Castoriadis (2004), em que esclarece que os imaginários podem ser entendidos como um conjunto de relações imagéticas atuando como memória afetivo-social de uma cultura. Para o autor, o imaginário seria um substrato ideológico mantido coletivamente que permanece o tempo necessário para que uma mudança histórica lenta, ou uma nova criação maciça venha transformá-lo ou substituí-lo por outros. Já sob a

perspectiva sócio discursiva dos imaginários, Charaudeau (2001) evidencia que o sintoma de um imaginário é a fala. Assim, ele seria resultado da atividade de representação que constrói os universos de pensamento e verdades. Para o autor, essa construção seria feita por meio da sedimentação de discursos narrativos e argumentativos, propondo uma descrição e uma explicação dos fenômenos do mundo e também de comportamentos humanos. Nesse sentido, os discursos populares que frequentemente registram desejos nas redes sociais que criminosos e bandidos “apodreçam” na prisão, revelam a dimensão desse terrível lugar, em a própria ideia do que seja estar nele – mesmo que nunca se tenha chegado próximo fisicamente a ele - já sugere a dimensão de ser castigado.

Já se tomarmos por empréstimo características e elementos da *dramaturgia do telejornalismo* (COUTINHO, 2012), em que observamos a construção de determinados papéis (herói, mocinho, vilão, vítima), poderemos fazer uma leitura dos presidiários como um dos frequentes personagens eleitos para a representação do mal. Nesse sentido, por terem características físicas, sociais, comportamentais (e por vezes geográficas) que automaticamente são relacionadas com um significado pré-estabelecido, os presidiários se apresentam em nossa sociedade mais ligados ao conceito de estereótipos. Afinal, é por meio da interação entre as associações que se relacionam com determinadas características (que ordenam e classificam), que os estereótipos se estabelecem, reforçando contextos e sentidos nos quais aparece. Para Cerqueira (2018), os estereótipos, seriam como tipos aceitos e padrões correntes que permitem mais facilmente o entendimento do mundo por que interpretam a informação “no trajeto rumo à consciência” (Lippmann, 1996 apud CERQUEIRA, 2018). É importante considerar que, nessa perspectiva, os estereótipos são formas de dar a conhecer realidades e indivíduos em processo de compreensão, quase que como uma “técnica” presente nas línguas para significar. O problema disso, é que essa técnica cheia de significações e dinâmicas também culturais atribuem significados fechados que tiram a possibilidade do conhecimento de outras características e perspectivas, por já terem preenchido de significado esse indivíduo.

Nessa movimentação, consideramos importante destacar alguns elementos, que de acordo com Moscovici (2015) são processos geradores de representações sociais. É importante perceber que os estereótipos também se estabelecem pela instituição das representações sociais. O primeiro deles seria a *ancoragem*, processo que tenta “ancorar ideias estranhas, reduzi-las a categorias e a imagens comuns, colocá-las em um contexto familiar” (MOSCOVICI, 2015, p.61). O autor nos esclarece que é esse processo o responsável por transformar algo estranho e perturbador, capaz de nos intrigar e nos colocar em dúvida sobre seu sentido, a algo familiar,

compreensível, comparando com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada. Como exemplo dessa dinâmica, o autor cita a transferência de sentidos feitas entre “idiotas e vagabundos” para os doentes mentais.

No momento em que determinado objeto ou ideia é comparado ao paradigma de uma categoria, adquire características dessa categoria, e é reajustado para que se enquadre nela. Se a classificação, assim obtida, é geralmente aceita, então qualquer opinião que se relacione com a categoria irá se relacionar também com o objeto ou com a ideia. Por exemplo, a ideia dos aldeões mencionados acima sobre os idiotas, vagabundos e epiléticos, foi transferida, sem modificação, aos doentes mentais. Mesmo quando estamos conscientes de alguma discrepância, da relatividade da nossa avaliação, nós nos fixamos nessa transferência, mesmo que seja apenas para podermos garantir um mínimo de coerência entre o desconhecido e o conhecido. (MOSCOVICI, 2015, p. 61).

Nesse sentido, ao vincular determinadas características e contextos ao presidiário, a mídia estaria colaborando para aquilo que o campo do Direito nomina de “criminalização terciária” (ZAFFARONI, 2015). Tal categorização tem relação com as estruturas que determinam a criminalização – ou seja, revelam os mecanismos capazes de identificar o crime e também o criminoso. Na perspectiva do autor, a criminalização primária teria a ver com a prática do crime propriamente dito e com a legislação; a secundária, se refere ao aparato da Justiça responsável por “medir” e identificar as formas de punição correspondentes ao crime praticado; já a terciária se relaciona com as consequências do contato do indivíduo com o crime e sua ação criminosa, enfatizando as mudanças que essa experiência pode provocar nele e no modo como atua em sociedade. Atuando na dinâmica da criminalização terciária estão a mídia e sociedade, numa relação em que ambas se complementam e se influenciam.

Nessa perspectiva, a existência de um perfil específico da população carcerária (em sua maioria pessoas pobres, negras, jovens e com baixa escolaridade) não significa serem essas características causas do delito, mas sim, possíveis critérios para a criminalização. Podemos citar como uma das consequências sociais para essa criminalização seletiva, o aumento da vulnerabilidade de indivíduos que correspondem às características atribuídas ao estereótipo de bandido, de criminoso, tornando-as assim mais suscetíveis ao abuso de poder policial e também a própria dinâmica da violência.

Na realidade brasileira, a partir de uma observação inicial, as características identificadas nesses crimes divulgados apresentam uma relação com componentes específicos, como: classe social, etnia, faixa etária, gênero e também características estéticas. Nesse sentido, é concreto dizer que a dinâmica da criminalização terciária tem mecanismos para afetar também

a perspectiva secundária; ou seja, o modo como a Justiça entende o aparato penal específico para cada tipo de crime, pode variar dependendo das circunstâncias. Uma forma de exemplificar essa dinâmica, está no desenrolar dos crimes em que se causa uma comoção, e que possui um forte apelo popular, de modo que a pressão exercida por esses agentes (mídia e sociedade) pode acelerar, atrasar e até mesmo alterar as dinâmicas nos tribunais. Mas de que forma apreendemos as características do crime e do criminoso se não vivenciarmos tais experiências de violência? É aí que se inserem a dimensão da partilha e do consumo midiático. Seja pelo consumo de notícias, séries, filmes, podemos pela produção audiovisual, fixar imagens, acontecimentos e sentidos ao entorno do presidiário e suas ações, na maioria das vezes, incapazes de revelar a complexidade das situações nas quais esses sujeitos estão envolvidos, ou mesmo, não sendo capazes de refletir as diversas faces da violência e da criminalidade, criando assim, associações de características específicas a determinados crimes. A partir da observação dos principais programas de informação na televisão – sobretudo nos canais comerciais líderes de audiência - diante de uma enorme variedade de delitos existentes na legislação, identifica-se uma recorrência da divulgação e repercussão de determinados crimes, que acabam ocupando constantemente a centralidade dessa dinâmica de criminalização. Nessa perspectiva, Foucault (2014) nos lembra que nem mesmo os julgamentos estão livres da ideia de criminalizar posturas, contextos e determinadas vivências.

Porém, julgam-se também as paixões, os instintos, as anomalias, as enfermidades, as inaptações, mas, por meio delas, as agressividades, as violações, e ao mesmo tempo, que não são eles que são julgados; se são invocados, são para explicar os fatos a serem julgados e determinar até que ponto a vontade do réu estava envolvida no crime. Resposta insuficiente, pois são as sombras que se escondem por trás dos elementos da causa, que são, na realidade, julgadas e punidas. Julgadas mediante recurso às “circunstâncias atenuantes”, que introduzem no veredicto não apenas elementos “circunstanciais” do ato, mas coisa bem diversa, juridicamente não codificável: o conhecimento do criminoso, a apreciação que dele se faz, o que se pode saber sobre suas relações entre ele, seu passado e o crime, e o que se pode esperar dele no futuro. (FOUCAULT, 2014, p. 22).

Nesse sentido, entendemos que participando dessa disseminação de imagens e significados está o Telejornalismo, presente nos lares não só como fonte de informação, mas como mediador, e elemento legitimador da realidade na qual vivemos. Assim, seja por meio do uso dos estereótipos e acionando sentidos, ele também se apropria das representações para a construção da realidade e, ao mesmo tempo, auxilia cotidianamente na construção de tais representações a partir das interações e do contato com o mundo objetivo (ao passo que a

produção da TV é feita por sujeitos sociais), construindo assim, novos sentidos. Nesse sentido, entendemos que as mensagens estereotipadas televisuais não exercem uma influência mágica e inapelável de forma isolada. Pelo contrário, interagem como muitos outros fatores de socialização, crenças, valores, e julgamentos específicos (e também particulares) dos telespectadores. Se Ferrés (1996) destaca que o sucesso socializador da informação na televisão está na carga emocional - seguindo mecanismos de sedução, como por exemplo, o uso do estereótipo - este último, como vimos também cumpre outro papel: o de tornar palatável um mundo/materialidade desconhecida. Nesse sentido, Cerqueira (2018) retoma a dimensão didática dos estereótipos, de modo que eles também são formas possíveis de compreensão, agindo como facilitadores de sentido, desde que se apresentem como ponto de partida, e não fechando as possibilidades de entendimento. Assim, propondo uma criticidade para encarar a mídia e seus conteúdos, Cerqueira (2018) apresenta contribuições do educador Paulo Freire, ao pensar uma mídia que seja capaz de auxiliar no desenvolvimento educacional e também da cidadania.

Nos muros da escola ou fora deles, debater o que passa na televisão é cada vez mais importante porque é uma forma de enfrentar o extraordinário poder da mídia que com sua sintaxe reduzem um mesmo plano passado e presente, diversificando temáticas no noticiário sem que haja tempo para reflexão sobre os variados assuntos. (CERQUEIRA, 2018, p.129-130).

Assim, na busca por utilizar a mídia como uma ferramenta de aprendizado, Becker (2016) também defende que a educação formal estimule a interpretação dos textos midiáticos e a compreensão de que eles são construções que direcionam a criação de vínculos e identidades, e não reflexos puros da realidade. Tal perspectiva é fundamental para pensarmos alternativas para o presente e futuro do jornalismo e suas produções.

### 3 QUEM SÃO OS PRESIDÁRIOS DO BRASIL? O TELEJORNALISMO COMO JANELA PARA O CÁRCERE

É concreto dizer que a mídia é um dos espaços que a sociedade pode recorrer para conhecer, ler, assistir e escutar a realidade e o mundo à sua volta. No entanto, parece ser a TV o meio que melhor proporciona a percepção fluida, natural de se inserir/perceber nessa realidade. Em 1969, quando a obra de Marshall McLuhan “*Os meios de comunicação como extensões do homem*”, foi publicada, o autor identificava a televisão como “o gigante tímido” - um meio frio, participante, diferente do que apresentam os outros da mesma categoria. À época, escreveu: “a TV não funciona como um pano de fundo, ela envolve, é preciso estar com ela” (MCLUHAN, 2007, p. 351). Meio século depois, ainda identificamos a dimensão do “envolvimento” causada pela TV, próprio do fascínio gerado pela “imagem-movimento” (DELLEUZE, 1985), presente também em outras produções audiovisuais. Assim, mesmo hoje – em um século representado pela velocidade - a TV é capaz de combinar este fascínio com os elementos culturais de partilha social, e também da ideia de que colabora para o compartilhamento da realidade. No entanto, ao pensarmos sobre a perspectiva de McLuhan (2007), talvez o que já não esteja tão presente nos “novos tempos” seja a necessidade de uma presença (também em estado de espírito), completa.

Se Williams (2016), ao entender a televisão como forma cultural, observa que ela é resultado de uma interação complexa entre sua tecnologia e as formas obtidas de outros tipos de atividades culturais e sociais “como o jornal, a reunião pública, a sala de aula, o teatro, o cinema, o estádio esportivo, os anúncios publicitários e os *outdoors*” (WILLIAMS, 2016, p.55), hoje, observamos a mesma capacidade das dinâmicas televisivas em afetar as novas formas de produções audiovisuais/digitais. Hoje, essas produções estão formatadas em nomes como séries, IGTV’s<sup>4</sup>, webséries<sup>5</sup>, vlogs<sup>6</sup>, canais no youtube, entre outros – e também por isso, tal experiência audiovisual em rede nos parece tão familiar (da mesma forma que a transversalidade na formação da TV nos permitia experimentar algo novo, mas conectado a outras estéticas e modos de funcionamento).

No entanto, é importante observar que mesmo manifestando essas características em comum a outros meios, a TV não é resultado de um simples desenvolvimento/combinção dessas formas - já que em alguns casos, ela própria as alterou significativamente. Assim,

---

<sup>4</sup> Plataforma de vídeos da rede social Instagram.

<sup>5</sup> Produções em vídeo para plataformas sociais na internet.

<sup>6</sup> Uma espécie de blog que utiliza vídeos para se comunicar com sua audiência.

entender a televisão e suas dinâmicas (produção, representação, transmissão) requer mais que um entendimento de seus elementos estéticos e suas heranças técnicas. Como exemplifica Trinta (2008), a TV atua como um dispositivo “sociotécnico”, capaz de realizar o “milagre da representação em si – reconhecidamente objetiva – e uma representação para si – disfarçadamente subjetiva”. (TRINTA, 2008, p. 40).

No Brasil, reconhecemos através dos estudos Vizeu (2010) a centralidade da televisão, sendo um espaço de informação, educação, entretenimento, serviço público e publicidade, permeado por afeto e interações; ou seja, um espaço consideravelmente mais complexo que um ambiente de consumo. De acordo com o autor, o espaço ocupado pela televisão se assemelha ao da família, dos amigos, da escola e da religião, “assistimos a televisão e vemos o mundo, ele está, ele nos vê” (VIZEU, 2010, p. 83).

Uma das causas dessa centralidade está na própria essência da linguagem audiovisual, capaz não só de estabelecer um vínculo narrativo, mas também atuar na crença partilhada da realidade. Para Giddens (2003 apud VIZEU, 2010, p. 83) as rotinas diárias - presentes nas dinâmicas televisivas - desempenham um papel central na sociedade, por isso, a confiança na continuidade do mundo objetivo e no tecido da atividade social depende de determinadas conexões entre os indivíduos e os contextos nos quais se movimentam no cotidiano. Nessa perspectiva, entendemos que a Televisão atua também como mediadora das nossas estruturas e organizações sociais. Trinta (2008), ao discorrer sobre o conceito de mediação chama a atenção para a dimensão da formação de consensos:

Chama-se mediação a uma modalidade de intervenção que, em referência a duas partes estabelece entre elas uma relação de proximidade e de entendimento. Por um contato interativo, mediação se faz, igualmente, via apta a permitir acordos (de sensibilidade), afinidades eletivas e conciliações, favorecendo ainda a obtenção de consensos – uma forma de arbitragem, com a qual se assinala a passagem de um termo inicial (emissão) a um termo final (recepção). No âmbito da comunicação, mediar quer dizer encaminha frações de um saber social e peças de valor cultural a um público expectante, recorrendo-se a uma instância institucional. Uma mediação dá a entender o conjunto de atos, ações e atividades que têm lugar entre um evento e a versão noticiosa que dele fornece a mídia, mediante uma interpretação (seleção, formatação e edição) sobrevinda em conformidade com percepções, expectativas e experiência prévia de todos os envolvidos em tal processo. (TRINTA, 2008, p. 35).

Assim, a televisão enquanto mediadora tem a capacidade de tornar-se referenciável, reconhecível perante o público. Por meio de sua montagem, linguagem e seus personagens, reafirma sua semelhança com a vida, a comunidade, e cada indivíduo de forma pessoal. Ao

pensar sobre esses elementos mediadores presentes na TV, Trinta (2008) nos lembra que é também por meio da representação dramatizada de identidades que a TV oferece a milhares de telespectadores sua fisionomia sensível e assimilável, em relação às quais se verificam os fenômenos de “identificação e projeção” (TRINTA, 2008).

Ao pensarmos a perspectiva da mediação televisiva, é necessário trazer à reflexão os estudos de Martín-Barbero, levando em conta os contextos culturais que fazem parte desse papel de mediadora desempenhado pela televisão – especialmente nos países da América Latina. Para o trabalho aqui proposto, compreender como a televisão desempenha a função de mediadora é também compreender como se movimentam nossas estruturas sociais. Dessa forma, o autor explica que as mediações teriam origens em construções que delimitam e configuram a ‘materialidade social’ e a ‘expressividade cultural’ da televisão (MARTÍN-BARBERO, 1997), e propõe três lugares de mediação em relação à TV: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural. No primeiro, analisando o contexto latino-americano, o autor cita a família como ‘unidade básica de audiência’, sendo ela um lugar social de uma interpelação fundamental para os setores populares. Nesse sentido, ela não estaria apenas relacionada ao âmbito da recepção, pois participa ativamente da dinâmica e, sobretudo, do discurso televisivo. A ela, Martín-Barbero (1997) atribui dois dispositivos fundamentais: ‘a simulação do contato’ e a ‘retórica do direto’. Na primeira, estaria em jogo essa dimensão de proximidade presente na TV, e na segunda, a sensação de uma comunicação direta, como se fala na vida cotidiana.

Em relação à temporalidade social da Televisão, Martín-Barbero (1997) diferencia aquele tempo que é medido em relação à produtividade (orientado pelo capital), e àquele que não é feito de unidades contáveis, mas sim de fragmentos cotidianos, representando o próprio andamento da vida. Assim, o autor nos apresenta a ideia da ‘estética da repetição’, que trabalha a variação de um idêntico, ou a identidade de vários diversos – resgatando o sentimento de duração inaugurado pelo folhetim do século XIX. Entendemos que é também essa dimensão da estética da repetição que acontece um favorecimento da identificação com as produções televisivas, uma vez que a própria escolha dos horários, dos formatos, influenciaria o reconhecimento do público com a produção.

Por fim, em relação à competência cultural da TV, Martín-Barbero (1997) localiza a tensão em relação à cultura/meio de massa. Se de um lado, a necessidade de uma ‘elevação cultural’ da TV provocaria o que o autor classifica como um didatismo exagerado, a outra defende as demandas manifestadas pela coletividade por meio das pesquisas de audiência, como

se à TV coubesse somente atender às necessidades culturais das pessoas. Entre essas duas perspectivas, o autor pontua que “é a própria noção de cultura, sua significação social, o que está sendo transformado pelo que a televisão produz e em seu modo de reprodução” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p.298).

Assim, para as reflexões que este trabalho propõe acerca da representação midiática dos presidiários, é necessário considerar a dimensão de mediadora da televisão. Equilibrando as necessidades da audiência com a reponsabilidade social de atender as demandas de interesse público, a mediação exercida pela televisão não só organiza a vida cotidiana, mas auxilia – e fiscaliza - o enfrentamento de desafios sociais. Assim, é incluindo a perspectiva da mediação que este trabalho pretende entender como a Televisão representa, informa e dá a conhecer o universo do cárcere.

### 3.1 DETRÁS DAS GRADES: O SISTEMA PRISIONAL NO BRASIL

Um país que prende, para depois julgar. Apesar da semelhança da frase com o discurso do atual projeto do eleito para a presidência do país, do Partido Social Liberal (PSL), em que o aparelhamento da polícia e das forças militares é tido como prioridade, a ideia de que a prisão estaria diretamente relacionada com o combate à violência é uma realidade concreta no país há algum tempo, orientando a prática dos profissionais da Segurança Pública, capaz de fazer do Brasil o terceiro país do mundo com o maior número de encarcerados.

No entanto, o que os números revelam é uma realidade ainda mais complexa. Uma iniciativa do portal de notícias G1<sup>7</sup> *Motor da Violência*<sup>8</sup> revelou por meio de dados do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) que o país possui 41,5% de sua população carcerária sem condenação. O dado reflete um outro problema grave no país: o encarceramento em massa. Com a desigualdade social estruturada, a prisão acaba sendo sinônimo de justiça rápida, enquanto o processo jurídico como um todo (desde a fase de investigação até o julgamento), caminha à passos lentos. Segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2019)<sup>9</sup>, 37% das pessoas presas provisoriamente não são condenadas à pena de prisão ao final do processo. Assim, é também por conta desse tipo de prisão que estamos diante de uma das maiores crises do sistema prisional no país: a superlotação. Com um déficit de 288,4 mil vagas,

---

<sup>7</sup> Portal de notícias da Globo.

<sup>8</sup> Projeto desenvolvido em parceria com o Núcleo de Estudos da Violência da USP e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, vencedor do prêmio Claudio Weber Abramo de Jornalismo de Dados. Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/>. Acesso em: 07 jul. 2019.

<sup>9</sup> Dados disponíveis em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/>. Acesso em: 07 jul. 2019.

o país possui superlotação em praticamente todos os estados da Federação, tornando ainda mais difícil a tarefa de ressocializar e reintegrar o acautelado à sociedade. Segundo o CNJ, o país possui hoje (2019) 812.564 pessoas em condição de privação de liberdade. Ainda de acordo com os dados do *Monitor da Violência*, há em todo o país 366,5 mil mandados de prisão pendentes de cumprimento<sup>10</sup>, dos quais a grande maioria (94%) são de procurados pela Justiça, enquanto os demais seriam foragidos.

Contudo, não chegamos a esses números por um único fator, uma vez que as escolhas governistas ao longo da história do país também fizeram parte da crise que atualmente vivem os brasileiros. Schwarcz (2019) reúne em seu livro dados sobre a violência no país, e atesta que entre 1980 e 2016 cerca de 910 mil pessoas morreram pelo uso da arma de fogo, que comercializa cerca de seis armas por hora no mercado civil nacional, conectando-se à outra contabilidade: o número de novas licenças saltou de 3029 para 33031 (2004-2017), o que na prática significa mais de meio milhão de armas nas mãos dos civis.

Além das armas, as drogas também fazem parte do contexto que torna o Brasil um país marcado pela violência. No sistema prisional, mais de 60%<sup>11</sup> das mulheres estão presas por crimes relacionados ao tráfico, já no caso dos homens, 25% estão encarcerados por crimes diretamente relacionados as drogas, sendo que em muitos casos, homicídios, roubos e furtos (aparecendo na pesquisa de forma isolada) também estão relacionados ao narcotráfico. Geograficamente, o Brasil passou a ser o maior corredor de passagem de drogas para a América do Norte e Europa Central, segundo o Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes<sup>12</sup>, além de ser o segundo maior consumidor de cocaína do mundo.

Em relação ao corte de raça, os dados publicados pelo Jornal Nexo<sup>13</sup> com base no Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias, revelam que entre os encarcerados no Brasil, 67% são negros. O dado, se comparado com a população brasileira revela que a proporção de negros nas prisões é 14 pontos percentuais maior do que na população. Em relação ao sistema prisional do país, o cruzamento de dados em relação a mortalidade e a incidência de determinadas doenças, ou ao percentual de pessoas alfabetizadas marcará de forma ainda mais

---

<sup>10</sup>Dados referenciados no portal G1, no Monitor da violência. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/07/17/cnj-registra-pelo-menos-812-mil-presos-no-pais-415percent-nao-tem-condenacao.ghtml>. Acesso em: 07 jul. 2019.

<sup>11</sup> Dados referenciados na reportagem do portal Nexo. Qual o perfil da população carcerária brasileira. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/grafico/2017/01/18/Qual-o-perfil-da-popula%C3%A7%C3%A3o-carcer%C3%A1ria-brasileira> Acesso em: 07 mai. 2019.

<sup>12</sup>Dados presentes no livro “Sobre o autoritarismo brasileiro”, 2019.

<sup>13</sup>Dados disponíveis no portal Nexo, em: <https://www.nexojornal.com.br/grafico/2017/01/18/Qual-o-perfil-da-popula%C3%A7%C3%A3o-carcer%C3%A1ria-brasileira>. Acesso em: 07 mai. 2019.

clara as lacunas e fragilidades de nosso sistema prisional, que em uma promessa de resolução acaba apenas por “esconder” o problema.

No entanto, esses números refletem também o modo como se desenvolveu a noção de Direito Penal em nosso país. Com bases no entendimento Romano de Direito (referência no desenvolvimento das sociedades), a partir de inúmeros documentos jurídicos, desde a Lei das XII Tábuas até os tempos de Justiniano no período do Império, as leis e conceitos desenvolviam-se no Velho Mundo<sup>14</sup> e determinavam um entendimento de Justiça que perdura até os dias atuais.

Regido pelas leis portuguesas até o século XVIII, o Brasil também importou as diretrizes e leis europeias, sofrendo grande influência do sistema prisional francês, sobretudo em relação aos castigos e violações físicas. Segundo Estefan e Gonçalves (2013), o código Filipino, que orientou as práticas punitivas do Brasil a partir de 1605, por exemplo, reunia quatro espécies de pena capital, sendo elas: “Morte Natural Cruelmente, Morte Natural de Fogo, Morte Natural, Morte Natural Para Sempre” (ESTEFAN; GONÇALVES, 2013, p. 72). Assim, a noção penal estaria intimamente ligada ao suplício e a punição, descrita na obra de Michel Foucault *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. No primeiro capítulo do livro, Foucault (2014) descreve um suplício, principal mecanismo de punição das sociedades europeias até o século XVIII, que consistia basicamente em métodos de mutilação e tortura com finalidades “didáticas”. As violências simbólicas do suplício feriam o corpo, em uma espécie de “espetáculo punitivo”, seja esquartejado, decapitados, amputados, empalados, entre outros métodos punitivos. De acordo com o autor, foi apenas a partir do século XVIII que a ideia de suplício foi substituída pelo que seria um início da noção de pena, uma punição que precisaria alcançar a justiça por meio de outros mecanismos senão a da tortura física.

É a época em que foi redistribuída, na Europa e nos Estados Unidos, toda a economia de castigo. É época de grandes “escândalos” para a justiça tradicional, época dos inúmeros projetos de reformas; nova teoria da lei e do crime, nova justificação moral ou política do direito de punir; abolição das antigas ordenanças, supressão dos costumes; projeto ou redação dos códigos modernos: Rússia, 1769; Prússia, 1780; Pensilvânia e Toscana, 1786; Áustria 1788; França, 1791; Ano IV, 1808 e 1810. Para a justiça penal, uma nova era. (FOUCAULT, 2014, p.13).

A partir daí a noção de punição deveria ser capaz de lidar com as novas estruturas econômicas e sociais presentes nas sociedades. Nesse sentido, o desenvolvimento do sistema

---

<sup>14</sup> Referência ao mundo conhecido pelos europeus no século XV.

penal acabava por incluir em seus mecanismos os tensionamentos de poder, os jogos de opressão e engrenagens sociais mais complexas. Como demonstra Foucault (2014), a própria dinâmica da punição passa a envolver um jogo de poderes em que se movimentam as penas e também os condenados, à medida que se tornam interessantes para a manutenção de determinada ordem:

A penalidade seria então uma maneira de gerir as ilegalidades, de riscar limites de tolerância, de dar terreno a alguns, de fazer pressão sobre outros, de excluir uma parte, de tornar útil a outra, de neutralizar estes, de tirar proveito daqueles. Em resumo, a penalidade não reprimiria pura e simplesmente as ilegalidades; ela as “diferenciaria”, faria sua “economia” geral. E se podemos falar de uma justiça não é só porque a própria lei ou a maneira de aplicá-la servem aos interesses de uma classe, é porque toda a gestão das ilegalidades por intermédio da penalidade faz parte desses mecanismos de dominação. (FOUCAULT, 2014, p. 267).

Nessa perspectiva, é preciso considerar também que, com o desenvolvimento das cidades e estruturas urbanas, os regimes econômicos e políticos, a relação entre a pobreza e a criminalização se tornava mais complexa, à medida em que a ausência de privilégios causava a necessidade da criação de dinâmicas próprias, muitas vezes criminalizadas pelos estados. Os estudos de Foucault sobre o sistema prisional francês no século XX já identificavam um discurso que procura isolar o crime como uma monstruosidade, fazendo cair seu escândalo e suas consequências sobre a classe mais pobre:

Não há então natureza criminosa, mas jogos de força que, segundo a classe a que pertencem os indivíduos, os conduzirão ao poder ou à prisão: pobres, os magistrados de hoje sem dúvida povoariam os campos de trabalhos forçados; e os forçados, se fossem bem-nascidos, ‘tomariam assento nos tribunais e aí distribuiriam justiça’. (FOUCAULT, 2014, p. 284).

É fato que para Foucault (2014), desde o início das práticas punitivas, outros elementos além do crime são considerados no momento de elaboração de sua pena, e muitas vezes, aquilo que poderia ser lido juridicamente como “circunstância atenuante”, ou ainda, um contexto capaz de favorecer ou ser um gatilho para a prática criminosa, ocupa a centralidade do julgamento. Nesse sentido, de acordo com o autor, a análise desses elementos é fundamental para identificar qual ação penal seria apropriada para cada tipo de delito. Observa-se então, uma força que sugere uma adaptação aos questionamentos e punições a depender de contextos, características e situações.

[...]o que significa essa violência ou esse crime? Em que nível ou em que campo da realidade deverá ser colocado? Fantasma, reação psicótica, episódio de delírio, perversidade? Não mais simplesmente: “Quem é o autor?” Mas: “Como citar o processo penal que o produziu? Onde estará, no próprio autor, a origem do crime? Instinto, inconsciente, meio ambiente, hereditariedade?” Não mais simplesmente: “Que lei sanciona esta infração?” Mas: “Que medida tomar que seja apropriada? Como prever a evolução do sujeito? De que modo será ele mais seguramente corrigido?”. Todo um conjunto de julgamentos apreciativos, diagnósticos, prognósticos, normativos, concernentes ao indivíduo criminoso encontrou acolhida no sistema do juízo penal. (FOUCAULT, 2014, p. 24).

Nesse momento em que o crime em si não é mais suficiente para dar conta das complexas expectativas de cumprimento da ordem e do senso de justiça, ao invés da busca pelo fato em si, é necessário se atentar para os elementos que compõem esse fato. Da mesma forma, é possível identificar essa movimentação no jornalismo, que ao noticiar a violência, não pode se contentar apenas com o fato em si: é preciso considerar todo o aparato que determina e constrói a percepção do fato narrado. Ou seja, ao jornalismo cabe mais do que noticiar o que, quem, quando, onde e porque o fato aconteceu, mas sim, quais características estão ligadas ao personagem construído, quais elementos seu cenário revela, o que suas atitudes têm a ver com o grupo social ao qual ele pertence, o que significa a violência praticada. Sobretudo na televisão, são esses elementos que possibilitarão a criação de uma narrativa empática, compreensível, capaz de manter o telespectador em frente à tela.

Nessa perspectiva, por diversas vezes o discurso midiático é responsável pela criminalização de determinados contextos, posturas e pessoas. No entanto, é preciso considerar que tal fenômeno encontra explicação na própria dinâmica de produção da notícia, que precisa encontrar elementos capazes de despertar o interesse público. Essa característica é ainda mais extremada no discurso televisivo, já que precisa representar acontecimentos por meio de uma linguagem audiovisual.

### 3.2 TENSIONANDO A VIOLÊNCIA, O INTERESSE PÚBLICO E A AUDIÊNCIA

Se ao jornalismo caberia a tarefa de informar aos cidadãos para eles sejam livres, e assim, possam se autogovernar (KOVACH; ROSENTIEL, 2003), a busca por compreender quais seriam essas informações (que libertam e permitem a auto governança) é tarefa anterior, e que está no centro do tensionamento entre as dificuldades das rotinas produtivas, dos interesses privados das organizações e o compromisso com tal dever.

Ao tentar esclarecer que o Jornalismo, em sua técnica e prática, precisa atuar aliado ao conceito de interesse público, Chaparro (1994) resgata a origem do termo, ligado à ideia platônica do Bem - que para Platão era princípio do Ser e do Conhecimento. Nesse sentido, as atividades ligadas ao funcionamento da ‘cidade república’, deveriam ser confiadas a pessoas sensatas, eficientes, capazes de cuidar da comunidade de forma especial. Assim, para Chaparro (2016), seria nesse princípio de ordem e razão – em função da cidade justa e verdadeira – que teríamos a primeira noção de interesse público.

Tensionando conceitos como público, telejornalismo e identidade, Coutinho (2007) resgata a influência da origem dos termos “público” e “privado” para as reflexões acerca do conceito de interesse público. Tais termos - que emergiram no contexto do Império Romano - definiram a ideia de “Direito” que partilhamos hoje em nossa sociedade. Nesse sentido, como lembra a autora, o espaço público estaria ligado à “esfera de ação do cidadão, arena onde ocorriam as disputas e embates por reconhecimento, precedência e aclamação de ideias” (COUTINHO, 2008, p. 14).

No entanto, com o desenvolvimento das sociedades, da esfera pública e também da comunicação, os limites entre o público e o privado sofreram alterações, e a ideia de interesse público ganhou outras acepções. Uma delas, estaria relacionada a ideia de uma maior divulgação possível: “seria o que é dado a conhecer” (COUTINHO, 2008, p.14), e a outra, a própria ideia de mundo – ou seja, aquilo que se referiria a todos os indivíduos, cidadãos. Nas reflexões de Chaparro (2016) também encontramos essa noção de que, na cidade real do século XXI, é mais fácil entendermos o conceito de privado – e zelar por ele, do que desvendar a lacuna no entendimento de interesse público. Nesse sentido, hoje, todas essas definições, entendimentos e sentidos movimentam a discussão do que seria o interesse público em relação ao jornalismo e a midiatização (WOLTON, 2006).

Nesse sentido, todos os assuntos característicos da vida – como morte, trabalho, violência, educação, fazem parte da extensa gama de informações que precisam ser trabalhadas pelos jornalistas para a tessitura das teias sociais, entre pessoas, instituições, práticas e leis. No entanto, algumas delas podem ter um efeito específico de consumo e audiência em detrimento de outras. Em nossa análise, este é o caso das temáticas relacionadas à violência, que, além de estarem dentro do contexto de interesse público, sua divulgação nem sempre informa com responsabilidade social, mas sim, na busca de uma reação de consumo, expondo determinadas angulações e enquadramentos que se distanciam da responsabilidade social e se aproximam da lógica de mercado de revelar o irrevelável.

Tal modo de narrar os acontecimentos pode ser entendido também pela perspectiva de uma angulação sensacionalista, que de acordo com Pedroso (1983) constitui um gênero em que o modo de produção do discurso é processado por critérios de identificação e exagero gráfico, temático, linguístico e semântico, “contendo em si valores e elementos desproporcionais, destacados, acrescentados ou subtraídos no contexto da representação ou da reprodução do real social” (PEDROSO, 1983, p.40).

Assim, a própria ideia do sensacionalismo remonta a ordenação ditada pelo capital, à necessidade de lucro e manutenção da audiência. Ao analisar o mundo capitalista, Debord (1997) identifica o ‘fetichismo mercantil’ presente na crítica de Marx às estruturas do capital, como uma das marcas da sociedade contemporânea, em que o acúmulo do espetáculo faz parte das estruturas de exploração que se orientam e estimulam o consumo.

Nesse sentido, não é nova a noção de que a espetacularização da violência é capaz de atrair a atenção do público independente do formato com que ela se apresente. No artigo 13 do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros<sup>15</sup>, produzido pela Associação Brasileira de Imprensa (ABI), encontramos referência do cuidado ao tratar da divulgação de fatos que feririam os valores humanos: “o jornalista deve evitar a divulgação dos fatos com interesse de favorecimento pessoal ou vantagens econômicas; de caráter mórbido e contrários aos valores humanos”. Valores estes orientados pela criação, em 1948, da Declaração Universal dos Direitos Humanos, pela Organização das Nações Unidas.

No entanto, sendo uma presença frequente em grande parte do globo, a violência faz parte do cotidiano, das culturas, práticas e discursos, pois é também um conceito relacionado a marcadores culturais - de modo que a violência precisa ser interpretada como tal, a depender dos contextos nos quais se manifesta. No entanto para este trabalho, entenderemos como violência a violação dos Direitos Humanos, que atualmente orientam e regulam o mais próximo de uma consciência de responsabilidade social.

Nesse sentido, nas variadas formas em que a violência se manifesta e é representada na mídia, são acionadas estéticas, imagens, estereótipos, imaginários e personagens, aos quais atribuímos sentido e os relacionamos com a ideia de violência, de infração, vandalismo ou crime. No contexto brasileiro, em que 335 pessoas a cada 100 mil habitantes são presos<sup>16</sup>, os

---

<sup>15</sup>Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Disponível em: [https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo\\_de\\_etica\\_dos\\_jornalistas\\_brasileiros.pdf](https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf). Acesso em: 07 set. 2019.

<sup>16</sup>Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2019/04/28/com-335-pessoas-encarceradas-a-cada-100-mil-brasil-tem-taxa-de-aprisionamento-superior-a-maioria-dos-paises-do-mundo.ghtml>. Acesso em: 10 mai. 2019.

presídios e as penitenciárias também fazem parte dos elementos que carregam a violência em seu entendimento. Esses espaços e seus moradores são representados por diversos telejornais do país, em que os presidiários e o universo do cárcere são revelados por meio de câmeras de segurança, presídios, delegacias e favelas – atribuindo assim sentido ao crime e também ao criminoso.

Ademais, é preciso reconhecer que a violência é uma marca central em nosso país, e foi também com uma base de regimes violentos e autoritários que a sociedade brasileira se desenvolveu e se estruturou. A historiadora e antropóloga Lília Schwarcz (2019), no capítulo sobre violência de seu livro *Sobre o autoritarismo brasileiro*, relembra as marcas do descobrimento do país, e as tentativas de apagamento de nossas identidades e resistências. No livro, a autora problematiza a “imagem” criada pelos colonizadores europeus que representa os indígenas como passivos e fracos; entregues a todo tipo de ordem/crença que se pudesse impor. Utilizando os bandeirantes como figuras de poder, lidos como “heróis nacionais”, que dominavam os indígenas em prol da civilização, naturalizava-se a ideia de que não havia espaço no presente (ou futuro), para um povo (indígenas) que era ligado ao passado. Assim, em obras como “Iracema” (1865), “A confederação dos Tamoios (1856), os “bons indígenas” eram lidos como aqueles que deixavam-se dominar pelos europeus colonizadores, carregando a metáfora da nova terra.

Nesse sentido, transformamos uma história de violência em uma espécie de conto romantizado, em que mais uma vez se constrói uma visão de mundo eurocêntrica. No texto, entendemos mais sobre as diferentes hierarquias criadas pelo Império para classificar os “bons e maus indígenas”. Nesse caso, os tupis seriam os “nativos do romantismo”, submissos, que colaboravam para o bom desenlace nacional. Enquanto os caiangues, que lutavam pela manutenção de suas terras no Oeste Paulista, passaram na história como “selvagens” e “degenerados”, reforçando uma visão seletiva de história, que privilegia determinados interesses.

Nesse sentido, a historiadora nos lembra como a ideia do nosso descobrimento (romantizado e violento) tendeu a se eternizar em nosso país, em nossa estrutura social. E é na busca de compreender como o telejornalismo, sua forma cultural, práticas e relações representa a violência também por meio da representação dos presidiários do Brasil que este trabalho considera fundamental a reflexão em torno das dinâmicas narrativas (também midiáticas) de produção de sentido.

### 3.3 ENTRE PACTOS, CONTRATOS E PREMISSAS

No ano de 1950, o Brasil inaugurava seu primeiro canal de televisão<sup>17</sup>, dando início ao que seria uma relação íntima entre uma nação de dimensões continentais e um aparelho capaz de integrar as diferentes realidades desse espaço. Não raro, encontramos relatos de quem vivenciou esse período sobre as frequentes “respostas” à televisão pelos membros da família, como se ela estivesse, de fato, falando a todas as pessoas, sentada no sofá da sala à espera do folclórico ‘cafezinho’. Mais do que estar presente, a televisão tornou-se parte integrante do funcionamento da rotina das famílias. No entanto, seria somente o fascínio perante a tela capaz de criar essa densa relação?

No campo da Comunicação, a ideia de contrato (JOST, 2004) vem esclarecer quais são os elementos que atuam na construção de tais ligações, e porque eles permitem que emissor e receptor compartilhem das mesmas razões para se relacionarem: “O texto contém, com efeito, uma imagem de quem fala e mostra; do mesmo modo, compota uma imagem de quem ouve e olha e, por isso, desenha uma relação entre os dois, como bem mostrou Culioli em seus trabalhos sobre enunciação” (JOST, 2004, p. 10).

Em *Seis lições sobre a televisão*, Jost (2004) lembra que a ideia de contrato seria frequentemente utilizada – tanto por analistas do discurso como por semioticistas. Para o segundo grupo, o contrato teria então a função de acordar o reconhecimento entre emissores e receptores no processo de comunicação, assim, ambos entendem os limites e movimentações envolvidas nesse contrato. Já na perspectiva dos analistas do discurso, como Charaudeau (2001), em absolutamente todo ato de comunicação há um contrato, de modo que não seria possível um ato de comunicação sem que ele esteja submetido à um contrato, e nesse sentido, há uma intenção em fazer com que o outro entre na intencionalidade do proponente.

No entanto, a grande contribuição do autor para o entendimento do termo, é que na televisão, esse contrato aconteceria de uma forma dupla. Para o autor, o primeiro se denominaria um ‘contrato de credibilidade’ e o segundo, de ‘captação’. Nesse sentido, a televisão seria uma instância midiática que forneceria informações que tem “a necessidade de se apresentarem como um espetáculo, pois é ele que atrai os telespectadores” (JOST, 2004, p. 11). E nesse sentido, os espectadores tem consciência de que, de fato, se trata de um espetáculo, considerando inclusive que uma das cláusulas deste contrato é que o seu objetivo principal seria conquistar o máximo ibope, audiência. O ‘rompimento’ deste contrato, então, seria a troca de

---

<sup>17</sup> Inauguração da TV Tupi em São Paulo.

canal (representando a audiência), ou mesmo o envio de uma carta/*feedback* em relação à programação em não concordância.

É referenciando o espetáculo televisivo que Trinta (2008) se volta para o conceito da ‘encenação’, mantendo a ideia de contrato aqui discutida. Para o autor, no jogo de encenação, a televisão supõe regimes de crédito e adesão simpática ao telespectador, e faz isso por seu discurso, mas também por sua técnica, acabando assim por orientar o telespectador ao que esperar da tela da TV. Nesse sentido, Trinta (2008) cita três ordens de imagens de televisão, tomando-as como cláusulas necessárias de um contrato de visualização e obtenção de visibilidade. A primeira delas seria a ‘imagem de contato imediato’, que seria aquela imagem reveladora, que faz supor um real cotidiano a ser exibido. Para o autor, essa imagem impõe sua objetividade, e situa-se como representação, no que ele classifica como “esfera ativa da moral coletiva” (TRINTA, 2008, p.41). Aqui, ela revelaria a sua dimensão de real.

Ainda nesse contexto do contrato da encenação, a ‘imagem código’, estaria relacionada à superficialidade. Para o autor seria com ela que o telespectador ingressaria no “mundo da televisão”, que tem relação com os rituais e os processos de difusão coletiva. Assim, promove-se a circulação de significados (socialmente produzidos) e de sentidos (culturalmente orientados). Para Trinta (2008), seria nessa dimensão da imagem em que se propagariam os mitos e se divulgaria as ideologias.

Já a terceira seria a imagem de partilha, que o autor define como fragmentada. Nessa dimensão se tem uma colagem de imagens, uma combinação de intensidades, lembrando ainda a ideia do fluxo televisivo de Williams (2016), mas sem necessariamente representar um fluxo, sendo essa imagem um elemento próprio da televisão.

Ao tomarmos a perspectiva dos contratos e promessas estabelecidos entre emissor e receptor de Jost (2004), entenderemos que nesse produto televisivo que se mostra, há uma espécie de acordo em acreditar que aquilo que está sendo exibido é verdadeiro, ou encontra elementos o suficiente para ser lido como verdade. A isso, estaria atribuído o nome de contrato.

Essa relação torna então a representação do presidiário na mídia, um terreno fértil para a criação de imaginários, que pela perspectiva de Castoriadis (2004), discutida em capítulos anteriores acaba por se manifestar como um tipo de memória, familiar e também presente em uma cultura. Nesse sentido, destacamos que o uso de estereótipos e imaginários pelo jornalismo de uma forma geral, deve ser avaliado levando em conta o compromisso com a verdadeira autonomia e libertação dos indivíduos presentes na sociedade. Sabemos que a tarefa de tornar o mundo menos complexo, não é fácil, e que o cotidiano exige uma série de posturas

direcionadas por interesses e pessoas – incluindo o entendimento do próprio jornalista sobre sua profissão, o mercado, e o mundo em que acredita viver e colaborar. É nesse sentido que identificamos a busca pela pluralidade no jornalismo (tanto em termos de fontes, temáticas, formatos) como uma forma de atenuar as limitações de sentido que se fazem presente nas matérias e reportagens “estereotipadas”.

### 3.4 NARRATIVAS COM UM RASTRO DE SANGUE: UM PANORAMA DA VIOLÊNCIA NO TELEJORNALISMO BRASILEIRO

Em qualquer situação comunicacional, o tipo de narração escolhido é capaz de produzir diferentes sentidos para mesmos fatos/acontecimentos. As estratégias narrativas são capazes de acentuar a complexidade da informação que percorre o caminho da recepção. Em maior ou menor grau, determinada narrativa pode oferecer artifícios de linguagem que exijam uma maior participação dos comunicantes, acessando repertórios culturais diversos. Para Motta (2013) as narrativas seriam mais do que representações, “são estruturas que preenchem de sentido a experiência e instituem significação à vida humana.” (MOTTA, 2013, s.p.). Nesse sentido, para o autor, as narrativas são acessadas em contextos específicos, produzindo efeitos de sentido de acordo com os contratos comunicativos estabelecidos e o que é acordadamente compreendido desses contratos:

A comunicação narrativa gera, assim, certo tipo de relação entre sujeitos interlocutores: consciente ou inconscientemente, o narrador investe na organização narrativa do seu discurso como um projeto dramático e solicita uma determinada interpretação de parte do seu destinatário (se essa interpretação se realizará de fato, é outra questão). (MOTTA, 2013, s.p.).

Ainda de acordo com o autor, a versão de cada pessoa sobre a realidade e sua experiência no mundo, integra-se na definição de realidade de determinada relação, ligando-se assim a estruturas sociais mais amplas que constroem o senso comum. Assim, as vivências narrativas experimentadas ao longo da vida fornecem elementos para a interpretação e significados das mesmas, conferindo uma dinâmica fluida, compartilhada e capaz de se possibilitar um fluxo entre oralidade e escrita, imaginação e realidade. Para Cardoso (1997) a lógica da narratividade existiria antes mesmo dos relatos concretos, ou seja, a narrativa, por si só, é ao mesmo tempo real e figurativa, por reorganizar acontecimentos e personagens no plano das ideias. Já para Barbosa (2009) o ato narrativo, ou seja, a trama que construímos nas múltiplas ações textuais

(orais ou escritas) ganha inteligibilidade por estarem organizadas numa trama que torna possível o outro seguir a história.

Nesse sentido, a narrativa pode ser entendida como uma dinâmica própria de revelar os acontecimentos. Para Motta (2013), com o advento dos meios de comunicação de massa e da dramatização geral da cultura, as fronteiras entre o real e o fictício tornaram-se ainda mais nebulosas. Dessa forma, entendemos que os programas jornalísticos, independentemente de seu formato, também são capazes de atuar na criação de determinadas narrativas, sejam elas sobre economia, violência, política, saúde, entre outros. Assim, é também nos elementos como a escolha das pautas, a montagem da programação, que poderá se contar uma versão de um país promissor, ou ainda, de uma nação tomada pelo caos. Nesse sentido, a estratégia de algumas emissoras específicas é criar programas temáticos, ou que sejam capazes de criar referência sobre a informação de um assunto. No caso dos programas policiais, ou que retratam a violência, os marcadores narrativos devem ser capazes de representar como ela se manifesta na vida social, seja por meio de seus apresentadores, sua estética, trilha ou edição. No entanto, além dos programas produzidos especificamente para essas temáticas, a violência e o contexto policial está presente nas diversas produções e exibições televisivas – desde as telenovelas até os filmes. Assim, na busca por identificar quais seriam os principais programas nacionais que dedicam e dedicaram seu conteúdo a retratar a violência por uma perspectiva informativa, retratando a realidade, selecionamos alguns programas representantes da temática policial na televisão comercial aberta.

### **Aqui e Agora | SBT**

Criado para se diferenciar dos padrões estabelecidos pelo jornalismo da TV Globo, o programa *Aqui e Agora* foi originalmente exibido pela TV Tupi, em 1979. No entanto, enfrentando problemas financeiros para manter o programa ao ar, a TV Tupi vendeu parte da equipe do programa para a criação do então *O povo na TV*, criando basicamente o mesmo programa, com a mesma proposta, em uma nova emissora. Assim, em 1989 Silvio Santos remonta a equipe do antigo programa para levar ao ar o marcante *Aqui Agora*. No entanto, dessa vez o programa assumia sua proposta como um Telejornal, tendo como grande diferencial a prestação de serviço para o povo. Revelando o repórter Gil Gomes para a televisão, o *Aqui e Agora* inaugurou também uma nova forma de se fazer os programas policiais. Com um tom

dramático e de suspense, o repórter era capaz de narrar de forma detalhada os acontecimentos, reforçando os elementos de veracidade e atualidade das matérias.

### **Brasil Urgente | Rede Bandeirantes**

No ar desde 2001, o programa Brasil Urgente (Rede Bandeirantes) é apresentado por José Luiz Datena – personagem indispensável para a narrativa do telejornal. Por meio de opiniões e análises, o telejornal apresenta ao público coberturas policiais, conflitos e outras temáticas ligadas ao noticiário da violência. Com uma linguagem coloquial, o telejornal promete “dizer e mostrar” aquilo que a população deseja ouvir. Também por isso, utiliza uma linguagem coloquial, bem próxima da linguagem falada nas ruas, praças, ônibus e metrô; é como se no espaço do Brasil Urgente o telespectador estivesse, de fato, diante de um apresentador e de matérias que dizem a verdade. Na página oficial da emissora Bandeirantes, em que é possível conferir toda a grade de programação, o texto que descreve o programa revela seu apelo ao cotidiano:

Sempre ao lado do cidadão, o programa traz os principais acontecimentos do dia nas áreas de segurança, saúde, trânsito, trabalho e comportamento. E quando o assunto exige também fala de política e esporte. O público participa através das enquetes e das ações nas redes sociais. (Programação Bandeirantes – Página Oficial)

É importante acrescentar que, na figura do apresentador, encontra-se também o discurso da moralidade, capaz de julgar os acontecimentos das matérias como certos/errados e, assim, determinar justiça para os personagens. Diferente do que indicariam preceitos que, ao longo dos anos, ancoraram o Jornalismo no lugar de transmissor de verdades isentas de partidarismos e privilégios, José Luiz Datena adota uma postura que tem justamente na emissão de opiniões e juízos de valor a referência de um programa honesto e comprometido em relevar os conflitos e as mazelas sociais.

Vale lembrar que todo o telejornal é marcado pela ideia de um conflito narrativo, que seria diferente do conflito narrado, ou seja, ligado ao acontecimento. Neste caso, o conflito proposto pelo programa estaria ligado à uma dramaticidade dos elementos que compõem o programa, desde os repórteres à edição gráfica e sonora. Este conflito que constitui o centro narrativo do programa seria também entendido pelo que Coutinho (2012) identifica como

*pseudoconflito*. É justamente neste termo que encontramos outra característica do telejornal: o entretenimento.

Se por um lado o telejornal ainda é o principal representante do gênero informativo na televisão, outros formatos de programas informativos já investem no híbrido que promete unir informação, entretenimento e educação em um único espaço. É importante pontuar que, para nós, a carga de entretenimento e lazer que estariam ligadas à própria atividade de assistir à televisão em si, estariam mais camufladas no formato do telejornal. Uma explicação seria o formato se apropriar de recursos que legitimariam a ideia de objetividade e neutralidade, como o uso das aspas, dos especialistas, de dados e estatísticas. Nesse sentido, apesar da informação compor uma parte significativa da programação televisiva atual no formato de telejornal, programas como Bem-Estar (TV Globo), Conversa com Bial (TV Globo), A Liga (TV Bandeirantes), são exemplos de programas de mesclam a narrativa jornalística ao gênero entretenimento.

A telenovela, por exemplo, enquadrada por Aronchi (2004) na categoria entretenimento, também pode ser informativa, instrutiva e educativa, à medida que esclarece tabus, representa situações do cotidiano em que personagens são orientados economicamente ou judicialmente, e ainda, quando reconstrói narrativas históricas. Dessa forma, identificar as faces da informação na programação televisiva atual, exige um desprendimento dos formatos pré-estabelecidos, assumindo as interfaces e interrelações que já se fazem presente na tela.

Em Brasil Urgente, ainda que as temáticas possam causar desconforto em alguns telespectadores, também é possível identificar o caráter de entretenimento nas matérias, sobretudo em situações de conflito e perseguição policial que são dramáticas por si só, e parecem suscitar a memória midiática dos filmes policiais em que criminosos são ridicularizados pela esperteza e destreza dos policiais. Além disso, a própria crueldade e violência são explorados por um viés dramático, em que cenas fortes e narrações descritivas são utilizadas para possibilitar os telespectadores que vejam, imaginem e reconstruam os crimes e seus acontecimentos.

### **Cidade Alerta | RecordTV**

Inicialmente apresentado por José Luiz Datena, o programa Cidade Alerta seria o precursor do Brasil Urgente, no entanto, teve sua última edição exibida em setembro de 2011, quando programa saiu definitivamente do ar. Sendo classificado como um programa

jornalístico policial, teve sua primeira fase em 1995, na RecordTV. A segunda fase, teve início em 2005, e contou com apresentadores como William Travassos e Reinaldo Gottino, até em 2011 parou de ser transmitido.

O programa possuía grande parte das reportagens relacionadas à temática do tráfico de drogas, abordando o tema como causa central do aumento da violência urbana, seja por meio do uso e comercialização de cocaína, maconha, craque, entre outras. Nesse sentido, as personagens que dão vida às narrativas estão presentes em várias regiões do Brasil, oferecendo também um panorama geral da criminalidade no país. O programa tinha ainda versões locais exibidas nos estados do RJ, PB, ES, BA, RN, PA, SC, CE, PR e PE.

### **Linha Direta | TV Globo**

Um dos programas mais populares no país com a temática da violência, o Linha Direta foi transmitido pela Rede Globo entre 1999 e 2007, exibido nas noites de quinta-feira. Com o objetivo de apresentar crimes que aconteceram pelo país e cujos autores ainda estariam foragidos, o programa possuía uma dramaticidade expressiva, uma vez que em quase todos os episódios, além das fontes (por vezes exibidas em silhuetas e recursos para a não identificação), atores e atrizes encenavam o crime, em uma espécie de reconstituição da infração por meio de simulações e recursos gráficos. Além disso, o programa apresentava uma perspectiva seriada, em que se apresentavam as temáticas de formas unitárias, mas elas se relacionavam com a temática ou a ambientação do programa de uma forma geral – em algumas vezes, os programas apresentavam um tema conector, como por exemplo, casos de crimes passionais, ou ainda, crimes que aconteceram próximos ao natal.

Assim, além de trazer informações e entreter os telespectadores, o programa estimulava a denúncia, por meio dos fechamentos feitos pelo apresentador Domingos Meirelles, e pelos números de denúncia disponibilizados sempre ao final de cada caso exibido. Sendo a referência de programa com a temática da violência na principal emissora comercial do país, o Linha Direta também se orientava pelo “padrão globo de qualidade”, apresentando recursos técnicos inovadores e fundamentais para a construção de uma narrativa diferente dos outros programas com a mesma temática de outras emissoras.

## **Carcereiros | TV Globo**

A série de televisão *Carcereiros*, exibida na Rede Globo e dirigida por José Eduardo Belmonte, é baseada no livro do médico Drauzio Varella, publicado em 2012, sobre o complexo penitenciário do Carandiru, em São Paulo. A série foi exibida pela primeira vez em 8 de junho de 2017, contendo 12 episódios. O ator Rodrigo Lombardi interpreta Adriano, um agente penitenciário responsável pela “tranca” dos presidiários, ou seja, recolher e conferir que cada detento esteja em sua perspectiva cela, controlando também o acesso das pessoas às celas. Na série, o agente possui uma personalidade íntegra, avessa à violência, no entanto, é frequentemente testado por seu ambiente de trabalho, vivendo dilemas éticos que ultrapassam a esfera de trabalho.

Sendo exibida em um momento crítico para o sistema prisional brasileiro, a série procura revelar os problemas do sistema pela perspectiva do personagem principal. Já a proposta de Drauzio Varella, com o livro que inspirou a criação da série, relata o cotidiano de vários agentes penitenciários, que muitas vezes tem suas carreiras e vidas negligenciadas pelo Estado – da mesma forma que acontece com os presidiários. De todo modo, a adaptação da obra parece cumprir um papel de oferecer maior proximidade e entendimento de um espaço pouco conhecido pela maioria dos brasileiros, sobretudo em um momento onde o discurso conservador em relação aos presidiários promete uma justiça punitiva, em que o poder policial assume uma figura tão bárbara e cruel quanto a dos próprios criminosos, com a diferença de que suas atitudes estariam servindo ao bem social, por isso justificariam excessos e demais violações aos Direitos Humanos.

## **Polícia 24h | TV Bandeirantes**

Com uma estética voltada para o documentário, o programa *Polícia 24h* é exibido desde 2010 pela TV Bandeirantes até os dias de hoje, com câmeras que atuam como “testemunhas” do trabalho dos policiais em diversos estados brasileiros. Inicialmente idealizado para acompanhar a cobertura da polícia de São Paulo, o programa desde 2013 passou a registrar a realidade de quase todo o país, fazendo parcerias com diversas instituições policiais. Nesse sentido, os protagonistas e personagens do *Polícia 24h* são os próprios policiais, em conjunto com a população, autoridades, e demais instituições ligadas à Segurança Pública.

No entanto, diferente dos outros programas aqui citados, o “Polícia 24h” apresenta uma edição que por vezes dá um tom de humor para as narrativas, seja por meio de efeitos sonoros como o de desenhos animados, ou os populares *memes*, próprios da linguagem da internet. No entanto, não chega a ser um programa humorístico, mas possui semelhanças com os personagens policiais que, de certa forma, caçoam da ingenuidade e falta de inteligência de bandidos, presente também nas narrativas cinematográficas.

Em todas essas produções encontramos elementos que nos ajudam a construir interpretações e sentidos sobre a criminalidade no país, bem como o sistema prisional e seus moradores. Afinal, é também por assistir aos personagens, suas reações e motivações que começamos a construir informações sobre aquilo que não conhecemos, preenchendo lacunas de sentido que não são ocupadas pela experiência. No entanto, na maioria das vezes essas representações não conseguem dar conta da complexidade que se apresenta no mundo real. E é nesse sentido que tais construções podem colaborar para uma abordagem rasa, superficial de um problema, dificultando o rompimento com determinados estereótipos e o avanço de políticas que pensem a criminalidade por uma outra perspectiva.

#### 4 O RETRATO DOS PRESÍDIOS NO PAÍS

O Brasil ocupa hoje a 9º posição no ranking de países mais violentos do mundo. Os dados, que são de 2018, são resultado de uma pesquisa da Organização Mundial de Saúde (OMS) e revelam que as taxas brasileiras são cinco vezes a média mundial de homicídios. No entanto, a origem de toda essa violência pode ser muito difícil de identificar. Afinal, nosso país possui particularidades culturais, sociais, políticas e territoriais que tornam a identificação da motivação, origem e mapeamento desses crimes um desafio para a Segurança Pública, bem como as suas resoluções. Nesse sentido, a cobertura da violência brasileira também se torna um desafio para todos os veículos de comunicação, pois seu debate no país parece ter também um corte racial e social. De modo que lidar com a violência personificada em pessoas de classes sociais diferentes, de raças diferentes, contribuem para soluções radicalmente distintas.

Nesse sentido, reconstruir um retrato da violência do país é uma tarefa que exige assumir diferentes posturas, com diferentes olhares. A própria ideia de retrato é utilizada neste capítulo como um lembrete de que mesmo o que consideramos violência é apenas uma perspectiva de uma realidade amorfa, ou seja, que não podemos compreender como uma estrutura ou uma dinâmica completamente definida. Isso acontece, pois, perceber a violência também depende de quem a percebe. O envolvimento na realização de uma pesquisa no ano de 2018 sobre a pobreza no bairro Dom Bosco, em Juiz de Fora/MG, trouxe à autora desse trabalho uma perspectiva interessante sobre o olhar da violência sobre o bairro. Ao serem questionados sobre os principais problemas do local, o quesito violência ocupou o segundo lugar no ranking das respostas mais citadas. No entanto, na análise qualitativa das respostas, descobriu-se que a violência que eles se referiam, era a da imagem de violência que o bairro acabou adquirindo na cidade, pois, determinados crimes que aconteceram em outros lugares, foram praticados por moradores no bairro. Apesar de nenhum dos moradores considerarem o bairro violento, a imagem que se consolidou na cidade é que aquele era um bairro onde a existência de violência era comprovada.

Este é um dos exemplos de como a maneira como os acontecimentos são significados pela mídia, acionam uma série de repertórios que já estão consolidados em nosso pensamento. E isso acontece também para os jornalistas na hora de produzir uma matéria. Em busca de construir de forma mais clara os conflitos narrativos, muitas vezes, são acionadas representações que preenchem de significado todo aquele personagem desconhecido. Para Moscovici (2015) o que acontece é que muitas vezes nosso olhar é eclipsado, e determinadas

coisas e pessoas tornam-se invisíveis para nós, ainda que estejamos as olhando de frente. No entanto, para o autor essa invisibilidade não está associada a falta de informação devida à visão de alguém: “mas a uma fragmentação preestabelecida da realidade, uma classificação das pessoas e coisas que a compreendem, que faz algumas delas visíveis e outras invisíveis” (MOSCOVICI, 2003, p. 30).

#### 4.1 O PRESÍDIO E SEUS ESPAÇOS NA MÍDIA

O desenvolvimento das estruturas sociais, ao longo dos anos, esteve marcado por um forte tensionamento literal e subjetivo dos espaços. Seja no próprio corpo, em comunidade, em nível institucional e geográfico: estamos cercados por limites e espaços que modificam o modo como estamos no mundo e interagimos com ele.

Tendo um potencial de interferir nesses espaços, a comunicação rompe limites e fronteiras, permitindo o estabelecimento de redes de comunicação, criando então, novos espaços, em novas plataformas, com novas linguagens e modos de funcionamento. Por meio da mídia, interpretamos esses espaços, também pelo modo como ela nos dá a conhece-los, estabelecendo assim, vínculos, sensações e conhecimento.

Se em nossa sociedade, o reconhecimento de lugares, instituições, atividades e pessoas é, em grande parte, determinado pela mediação dos meios de comunicação, presentes em nosso cotidiano como ferramentas para nossas ações e funções e, também, para nossa existência e interação sociais, é possível pensar em como tais representações podem determinar o modo como interagimos, reagimos e interpretamos determinados espaços, sejam eles, geográficos, físicos ou subjetivos.

Para Mussey (2008), um dos grandes desafios em pensar sobre os espaços na vida social, é identificar como são estabelecidas as dinâmicas de tais elementos, e quais são as forças que atuam em sua abertura e fechamento. Para a autora, todo espaço está sendo altamente modificado a todo o tempo, mudando em sua construção e sendo renegociado.

O espaço é tão desafiador quanto o tempo. Nem o espaço nem o lugar podem fornecer um refúgio em relação ao mundo. Se o tempo nos apresenta oportunidades de mudança e (como alguns perceberiam) o terror da morte, então o espaço nos apresenta o social em seu mais amplo sentido: o desafio de nossa inter-relacionalidade constitutiva – e, assim, a nossa implicação coletiva nos resultados dessa inter-relacionalidade, a contemporaneidade radical de uma multiplicidade de outros, humanos e não-humanos, em processo, e o projeto sempre específico e em processo das práticas através das quais essa sociabilidade está sendo configurada. (MUSSEY, 2008, p.274).

Nesse sentido, ao identificar os espaços negociados socialmente, encontramos, na figura do presídio, um espaço sem lugar, ou sem relação com seus elementos internos e externos. Ainda de acordo com a autora, “lugar é o espaço para qual foi dado significado” (MUSSEY, 2008, p.259) e nesse sentido, os presídios, sobretudo no Brasil, parecem se manter como espaços de isolamento, de transição, uma vez que possuem a função de isolar indivíduos que não podem mais gozar dos direitos dos livres cidadãos.

No entanto, essa perspectiva de um lugar punitivo, gera um conflito complexo entre o modo como a sociedade encara esses espaços por meio das representações que dele são feitas. Afinal, se por um lado esperam que ele seja capaz de cumprir seu propósito punitivo, por outro, atribuem a ele a tarefa de reinserir esses cidadãos ao convívio social. No Brasil, esse sentimento de esperar o “castigo” daquele que cometeu um delito, também tange a insatisfação com o poder Judiciário, que, por vezes, é marcado pela impunidade em relação a graves crimes.

Se pensarmos por um instante no surgimento do conceito de moral, chegaremos ao momento no percurso deste conceito em que entendemos que nos tornamos reflexivos sobre nossas ações à medida em que somos levados a produção de um relato sobre nós mesmos e nesse sentido, é depois que certos danos são infligidos que tomamos consciência de nós. Para Butler (2015), em seu livro “Relatar a si mesmo: crítica da violência ética”, quando a autora provoca reflexões sobre os relatos que produzimos sobre nós mesmos, chegamos a Nietzsche (1999), dizendo que a criação de uma memória é a primeira noção de castigo com a qual temos contato. Nesse sentido, o que seriam os espaços dos presídios brasileiros senão uma estrutura voltada para a criação de experiências e memórias perturbadoras afim de proporcionar uma experiência de castigo constante?

Presentes na maioria das matérias televisivas como um lugar para onde vão pessoas que praticaram crimes assustadores, os presídios se mantêm como um lugar indesejado pela sociedade e desprovido do menor direito de investimentos básicos, afinal, nele estão as pessoas que precisam ser castigadas. No entanto, a invisibilidade midiática dos presídios parece não ter apenas uma razão jornalística para existir. Fechados atrás das grades de ferro, os presidiários ocupam um espaço na sociedade ligado a punição e a aplicação de uma justiça de exclusão, e a mídia, precisa relatar esse espaço como um lugar para onde não se deve ir. Assim como Hughes (2010) identifica interesses políticos na abordagem de determinados assuntos na mídia, os presídios são alvo de controle de interesses políticos e institucionais e por isso, participam do jogo de forças que impede uma discussão mais aprofundada sobre sua real situação.

A realidade das cadeias brasileiras confirma que esse silenciamento se deve também ao perfil da criminalidade do país. Com alvo nos jovens negros de periferia, os espaços das penitenciárias não são transparentes, tampouco no modo como são geridos. De acordo com a matéria publicada em janeiro de 2017 pelo jornal Nexo, que analisa o perfil dos presidiários brasileiros, a maioria está confinada por crimes relacionados ao tráfico; 62% dos encarcerados são negros, enquanto 32% são brancos e 1% amarelos. Além disso, a prevalência de HIV entre os encarcerados é 60 vezes maior do que no resto da população, enquanto a de tuberculose ocorre 38 vezes mais no presídio, tornando estes ambientes alvos de uma má administração criminoso.

Assim, o que explicaria a falta de perspectivas diversas com relação ao potencial desses espaços? Na prática, os presídios (sem pena de morte) foram criados para permitirem que pessoas que praticaram crimes estabelecidos pela ordem social, fiquem sob a guarda do Estado para que, após um período em privação de liberdade estabelecido por lei, possam voltar ao convívio social. No entanto, a prática sugere algumas dificuldades físicas e subjetivas para o cumprimento dessa máxima, afinal, a medida da justiça pode parecer difícil de compreender de um indivíduo para o outro, problema que agrava a perspectiva do merecimento da punição, de modo a gerar uma compreensão cultural de que não existem sofrimentos exagerados àqueles que cometeram crimes.

Assim, toda a perspectiva que precisaria ser trabalhada sobre como estes indivíduos retornam a sociedade é silenciada na maioria das representações desses espaços. Sem essas representações que visem a abertura de uma discussão complexa, quais são as garantias sobre a qualidade do trabalho que é feito dentro desses espaços para que essa saída seja definitiva e realmente integrante de um processo de aprendizagem maior?

Ao observarmos o principal presídio modelo de prisão humanizada no mundo, em Halden, Noruega, é possível perceber um grande investimento na autonomia dos indivíduos e um cuidadoso trabalho com relação a mudança de suas perspectivas sobre suas formas de atuação no mundo. É claro que nossa intenção não é estabelecer um parâmetro comparativo de como os dois países conduzem seus sistemas prisionais, no entanto, questionar porque os espaços relacionados aos presídios e aos seus personagens não podem ser ocupados por uma perspectiva que visa a discussão dos problemas e a transformação desses espaços ao invés de uma representação que reforça sua finalidade punitiva?

É nesse sentido que pensamos na proposta de Martín-Barbero (1997), ao falar sobre um espaço em que a TV assume uma postura de mediadora, e que tenha a capacidade de ir além de

uma representação definidora de um problema extremamente complexo e socialmente desafiador. Nesse sentido, acreditamos que não é possível admitir uma mediação que não esteja disposta a revelar os verdadeiros problemas e responsabilizar os verdadeiros agentes.

No livro “Comunicação e Cultura: as ideias de Paulo Freire”, o autor Venício de A. Lima (1996) destaca uma das contribuições do educador Paulo Freire para pensar uma comunicação mais ligada a realidade da população, que seria a proposta de uma Comunicação reorientada para uma valorização do universo cultural e do cotidiano dos sujeitos como mediadores dos sentidos produzidos pelos meios de comunicação. É nesse sentido que propomos a existência de uma mídia, e sobretudo uma televisão – pela centralidade que ocupa culturalmente - que seja capaz de considerar esses sujeitos detentores de uma cultura específica e de fato se aproximar dela. Isso incluiria por exemplo, um esforço para representar os diferentes crimes existentes no país e os contextos da desigualdade que fazem, por exemplo, a maioria dos encarcerados brasileiros serem negros, ao invés de uma interpretação fria dos dados que parece apenas apontar um recorte racial na população carcerária do país, quando na verdade, evidencia um grave problema social e institucional que mantém as estruturas da desigualdade no país ainda resistentes e sólidas.

#### 4.2 A REPRESENTAÇÃO DOS PRESIDÁRIOS NO BRASIL

A ideia de representação que aqui trabalhamos, tem relação com o modo como entendemos a realidade do mundo por meio desses esquemas representativos. De acordo com Peter L. Berger e Thomas Luckmann (2004) os indivíduos, em sociedade, atuam em vários “papeis”, e é dessa forma que participam do mundo social. À medida em que interiorizam estes papeis, o mesmo mundo torna-se subjetivamente real para eles. Cada papel compreende funções e significados específicos que auxiliam na “realidade”, tanto relacionada ao papel das instituições e das estruturas como um todo. E para garantir que essa realidade seja compartilhada por todos os indivíduos presentes na sociedade, as interações humanas entram em ação, entre elas a midiática, que expressa as atividades humanas e também fornece elementos para construí-las.

Tais elementos fazem parte da complexa estrutura que Bourdieu (1989) evidencia na trama dos poderes simbólicos, atuando também por meio de normas sociais, de padrões vigentes que circulam nas interações sociais, nas instituições e na mídia – instituindo determinada ordem/padrão. Nesse sentido, tudo aquilo que se pode considerar participante da estrutura

social, age como espinha dorsal para a construção do nosso pensamento. Dessa forma, até a divisão dos espaços, a arte e seus produtos artísticos, a academia como produtora de pensamento, também são afetadas por essa lógica de poder – ainda que tente, em determinados momentos, se colocar contra ele.

Assim, toda essa estrutura social está carregada de representações e significados que moldam a nossa própria percepção sobre a realidade e seus acontecimentos. Para Moscovici (2015), nossas reações aos acontecimentos, nossas respostas aos estímulos, estão relacionadas a determinada definição, comum a todos os membros de uma comunidade à qual nós pertencemos. Assim, só interpretamos um acidente de carro como um acidente, porque é assim que definimos qualquer interrupção involuntária no andamento de um carro, seja por meio das escolas de trânsito, dos jornais, das telenovelas, e das nossas interações cotidianas para esse fato. No entanto, em outra perspectiva, não existiria nada de acidental nesse acontecimento. De acordo com o autor, eles também poderiam ser interpretados como não sendo mais causais que a desintegração dos átomos em uma aceleração sob alta pressão, estando diretamente relacionados a um grau de urbanização de uma dada sociedade e ao número dos seus carros particulares e à inadequação do seu transporte público. No entanto, isso não acontece pois temos a representação do acidente significada em nossa estrutura de pensamento.

Nesse sentido, para Moscovici (2015) as representações orientam os nossos esquemas interpretativos, de modo a oferecer explicações e um determinado significado àquilo a que estamos expostos:

Notamos a intervenção de representações que tanto nos orientam em direção ao que é visível como àquilo a que nós temos de responder; ou que relacionam a aparência à realidade; ou de novo àquilo que define essa realidade. Eu não quero dizer que tais representações não correspondem a algo que nós chamamos de mundo externo. Eu simplesmente percebo que, no que se refere à realidade, essas representações são tudo o que temos, aquilo a que nossos sistemas perceptivos, como cognitivos, estão ajustados. (MOSCOVICI, 2015, p.31).

Assim, é preciso considerar, que são nas interações sociais que reforçamos a apreendemos as representações e seus significados. Uma contribuição interessante para pensar no modo como as mídias influenciam nessa troca, e na concepção de realidade e seus espaços, está na definição de Hall (2003), quando identifica a compreensão pura da realidade como realidade, uma ideia não problemática do real. Por isso, para o autor, a realidade existe fora da linguagem, mas é constantemente mediada e/ou comunicada através dela. Nesse sentido, o que a mídia capta, já é, em si mesmo, um universo discursivo. Para Thompson (2009), o poder

comunicacional – que o autor entende como instituições culturais detentoras de poder simbólico, desde igrejas, escolas, até a mídia - se envolve ativamente na construção do mundo social. Ao tratar especificamente da mídia e o uso dos meios de comunicação, afirma que “ao levar imagens e as informações para indivíduos situados nos mais distantes contextos, a mídia modela e influencia o curso dos acontecimentos, cria acontecimentos que poderiam não ter existido em sua ausência” (THOMPSON, 2009, p. 106).

Assim, se em nossa língua “representação” significa, entre outras coisas, significar e simbolizar, o audiovisual representa um importante recurso para este entendimento, uma vez que pode transformar uma ideia em imagem, diferente de outros recursos midiáticos. Dessa forma, as representações da mídia parecem funcionar como espelhos do mundo real, levando a todos os que tiverem acesso a ela, uma suposta verdade. Por isso, a maneira como as coisas são comunicadas e representadas é tão importante quanto o que se quer comunicar.

Cercado por estereótipos e preconceitos, o cárcere é um tema que se mantém distanciado do cotidiano da maioria da população – tanto do ponto de vista imagético quanto de seu funcionamento. No ambiente audiovisual do jornalismo, é possível identificar a aparição desses espaços (penitenciárias e prisões brasileiras), na maioria das matérias, como o retrato de um lugar finalístico de punição que deve isolar aqueles que não podem mais conviver em sociedade. O problema dessa abordagem, é que esse lugar presídio coloca a discussão sobre o sistema prisional e a segurança pública de uma forma geral, em um debate raso e unilateral. Na imersão de variados programas de diferentes emissoras comerciais, percebe-se que maioria das fontes ouvidas correspondem a fontes oficiais como delegados, ministros e cargos ligados à essas instituições. Assim, o compromisso com a discussão relacionada aos meios e ferramentas necessárias para reinserir estes cidadãos à esfera social, fica em segundo plano.

Nesse sentido, é importante considerar que para um enfrentamento dos desafios sociais relacionados à Segurança Pública, é necessário que tanto a população quanto os responsáveis governamentais envolvidos nas decisões possuam informações o suficiente para a condução de um debate plural, uma vez que as decisões impactam de uma forma sistêmica a vida de todos os brasileiros. E é justamente neste espaço da informação que faltam elementos para uma representação que vá além do acontecimento jornalístico, mas seja capaz de criar pontos de diálogo que dê conta de integrar as vozes dos agentes que se relacionam com este problema, tendo potencial para a transformação desses espaços punitivos em espaços para a reintegração social.

### 4.3 O SILENCIAMENTO DA FALÊNCIA DO SISTEMA PRISIONAL

Na avaliação sobre a cobertura da violência e sobretudo dos presidiários brasileiros, é preciso considerar também o silenciamento de perspectivas, personagens e informações. Enquanto faltam elementos para a compreensão de como nosso sistema prisional surgiu e se consolidou, todo o tensionamento político por trás das instituições de segurança no país, prejudica o esclarecimento de determinadas situações. Ainda que esteja claro que a política que está presente na mídia não é apenas aquela ligada aos partidos políticos, mas sim a um conjunto de esquemas de poder e forças que movimentam e mobilizam os cidadãos nas mais diversas esferas sociais, há que se considerar a força e a presença das coberturas político partidárias na mídia brasileira, que acabam assumindo os espaços das editoriais políticas dos telejornais. Se por um lado a população vive uma fase de descrença em relação ao poder público, que pode ser percebido pelo número de votos nulo e abstenções da última eleição presidencial em 2018, o maior desde 1989, por outro, as matérias parecem colaborar com a ideia de que corrupção e política estão ligadas ao universo partidário, atingindo também o que a população pensa e entende sobre os espaços dos presídios.

Nesse sentido, por muitas vezes a relação entre a mídia e a política passa despercebida pelas matérias diárias nos telejornais. No entanto, essas duas esferas da sociedade atuam em uma parceria complexa e interdependente. Para Kovach e Rosenstiel (2003), quando os jornalistas assumiram, no final do século 20, a função de homens de negócios, tiveram a relação entre cidadãos e jornalistas enfraquecida. Essa conclusão reflete ao universo da imprensa moderna, em que os jornalistas, influenciados pelas novas condições de trabalhos e pelo jogo de forças atuantes do exercício de suas funções, trocaram a premissa da primeira lealdade com os cidadãos, para um compromisso baseado em alianças frágeis, técnicas e cada vez mais inconstantes.

Afim de compreender como a cobertura midiática apresenta as questões relacionadas à segurança pública e ao sistema prisional de forma geral, é preciso desvendar esse jogo de forças que atuam no modo como as situações são representadas e comunicadas. Se por um lado, temos um sistema prisional falido, que representa, em parte um desejo de vingança de uma população explorada em diversos sentidos, por outro, temos indivíduos privados de liberdade por situações tão diversas quando as realidades existentes no território do país. De roubo de remédio a assassinato, consumo e tráfico de drogas, a cobertura midiática parece não dar conta da diversidade de crimes, reduzindo o estereótipo da prisão e os presidiários, a pessoas perigosas

e que precisam sofrer algum tipo de punição do Estado. Assim, quando a mídia cobre os assaltos, os furtos, e os crimes praticados com violência, mostrando como fechamento do caso a prisão dessas pessoas, é como se o que fosse representado em relação à Justiça e a criminalidade para a população, acabasse ali.

Para Hughes (2010), no caso das pautas políticas, o problema se agrava quando as questões relevantes nas matérias são silenciadas ou apagadas em detrimento de outros pontos de desvio de atenção. Ao falar do “ciclo de atenção da mídia”, a autora pontua que, muitas vezes, o que acontece é que questões morais e escandalosas são tratadas de forma mais abrangente pela mídia, enquanto as discussões sobre os reais problemas sociais são silenciados. A mesma problemática aparece também no caso da cobertura da Segurança Pública. Seguindo a tendência pós-moderna de responsabilização individual e enfraquecimento das organizações coletivas, as coberturas se voltam para as perspectivas pessoais, omitindo contextos e problemas sociais que possuem sua raiz em graves negligências políticas, fazendo parecer que os personagens causadores da violência seriam os indivíduos em si, e não também a estrutura social que propicia uma série de desigualdades e situações violências que acabam por estimular a criminalidade e em certa medida, até torna-la promissora. Assim, na medida em que as representações da violência não incluem as negligências administrativas e políticas, que mantêm na desigualdade social um cruel esquema de definição de papéis sociais, os inimigos visíveis continuam sendo aqueles que identificamos como a população marginalizada, entre eles os presidiários e presidiárias.

## 5 NAS TELAS: O CÁRCERE NAS COBERTURAS DO JORNAL NACIONAL

Seja pública ou privada, a programação da televisão é uma importante ferramenta de construção da atual estrutura social. Por meio do consumo de informação ou de programas de entretenimento, o fluxo televisivo no Brasil permite que pessoas sejam conectadas por redes de interesse, que fazem e mantêm as relações sociais. Por isso, é preciso pensar que o modo como as coisas são representadas na mídia, ajudam a construir uma perspectiva de realidade do mundo real.

Graças à combinação das características da TV como o uso de imagens, estrutura e discurso simples (coloquial), o jornalismo televisivo acessa às mais diversas realidades do país, desde as regiões mais desenvolvidas economicamente a aquelas que ainda mantêm uma estrutura tecnológica e de infraestrutura precárias. É exatamente por essa capacidade de adentrar as diferentes vivências do país que o telejornal é também um ponto que as integra, criando uma sensação de proximidade e pertencimento a todos os telespectadores. Sendo a TV o principal veículo de informação da maioria das famílias, muitas vezes é ali onde o único estímulo de pensamento reflexivo é ofertado ao longo da programação televisiva. Além disso, a televisão também contribui para a construção dos “laços sociais” (WOLTON, 2006) e torna possível o encontro das pessoas estimulado pelo compartilhamento de assuntos e ideias, o que se traduz no conceito de “praça pública”, utilizado por Vizeu (2006) para tratar do telejornalismo na atualidade.

Nesse sentido, devido à sua importância social e profunda relação com a vivência cotidiana da população, o telejornal pode ser considerado um dos principais representantes do (senão o principal) gênero informativo. Contudo, a forma como consumimos a informação também foi alterada ao longo dos anos e dos avanços tecnológicos. Pela perspectiva de Sodré (2002 apud Temer, 2002), são também pelos avanços tecnológicos que acontecem as hibridiza es das dinâmicas já existentes. Assim, graças   influência da Internet e a possibilidade de cada usuário produzir e escolher seu conteúdo, os g neros televisivos incorporaram novos elementos em suas estruturas que acompanham a necessidade informativa da popula o. Neste sentido, a realidade atual da televisão brasileira possibilita que a informa o visite novos formatos, experimentando roupagens e discursos diferentes.

No ar desde 1969, o Jornal Nacional ao longo desses 49 anos<sup>18</sup>, consolidou um espaço no cotidiano da popula o brasileira, chegando até mesmo, a tornar-se referência de

---

<sup>18</sup> Informa es disponíveis no *site* Memória Globo ([memoriaglobo.com.br](http://memoriaglobo.com.br)).

telejornalismo no país. Sendo o programa mais antigo exibido na televisão brasileira, teve sua linguagem, identidade e estruturas sendo modificados ao longo dos anos, desempenhando um papel importante no modo como a população se informava e compreendia os acontecimentos do país. Para Gomes (2011), sendo também um produto que é resultado ente interesses de uma elite econômica e um interesse político dos militares (anos 60 e 70), o telejornal foi uma importante ferramenta para a construção de um Brasil que buscava uma soberania nacional. Assim, sendo parte da vida dos brasileiros por meio século, o Jornal Nacional se configura como um espaço dessas partilhas e espaços de vivência. Travancas (2007), em pesquisa realizada com jovens cariocas, identifica a influência do telejornal mesmo em gerações marcadas pela tecnologia digital e a realidade da televisão por demanda. Mesmo nesses casos, para o autor, o telejornal é capaz de acionar memórias e sensações, sendo sempre objeto de reconhecimento, nunca de indiferença.

### 5.1 LINGUAGEM E SIGNIFICAÇÃO: PRESOS, PRESIDÁRIOS OU BANDIDOS?

Dentre as contribuições dos Estudos Culturais, está a localização da cultura nas interações sociais como elemento dinâmico, participativo e fundamental para o entendimento da sociedade, suas instituições e estruturas. Nesse sentido, destacamos a importância da linguagem nessas dinâmicas, uma vez que organizam e estruturam tais relações, sendo também elemento cultural. Dessa forma, entender como acontece a produção de discursos e de que forma seus sentidos e significados são construídos, fazem parte do entendimento dos jogos de poder e das forças que estruturam nossa sociedade.

Por meio da delimitação que faz Charaudeau (2001), o discurso não pode ser entendido unicamente como expressão verbal da linguagem, tampouco como texto, pois mesmo ela (língua) sendo dominante no conjunto das manifestações, corresponde a um conjunto estruturado de signos, que agem de forma conjunta na manifestação, compondo o que o autor nomina de “encenação do ato de linguagem”. A Análise do Discurso, portanto, se debruça a compreender a produção de significações em uma sociedade, bem como os efeitos de sentido produzidos a partir do caráter interativo da linguagem e do discurso, o qual torna-se o seu próprio objeto. Além disso, a partir da Teoria Semiológica apresentada pelo autor, é possível identificar os projetos de fala que se concretizam por meio dos sujeitos que discursivamente se constroem, tendo as interações sociais como uma perspectiva importante para o entendimento do discurso.

Nesse sentido, no caso dos presidiários, é necessário considerar as distinções de sentidos que são adotadas nas palavras que os representam. Em nossa investigação, os termos que mais aparecem para representar esses sujeitos são presos, presidiários e bandidos. Essa característica torna-se ainda mais expressiva quando observamos que, na maioria das coberturas, suas vozes e perspectivas são silenciadas. Nesse sentido, é importante que sejamos capazes de compreender as implicações que essas decisões linguísticas produzem na interpretação das matérias, já que dificilmente os sujeitos em privação de liberdade são entrevistados, é o próprio telejornal que anuncia a representação, escolhendo de forma consciente cada fala presente na matéria, seja por meio do direcionamento das perguntas feitas aos entrevistados e também da edição. Tal dinâmica discursiva presente nas narrativas dos telejornais podem ser entendidas pelo que propõe Charaudeau (2006) na definição do “contrato de comunicação”, em que o telejornal está submetido a um contrato, que impõe a ele uma série de restrições e de estratégias a se seguir. Nesse sentido, é preciso pontuar que a escolha das palavras que representam esses personagens na matéria tem total relação com sua conotação.

## 5.2 A PERSPECTIVA POLÍTICA NA COBERTURA DA VIOLÊNCIA

Ainda que esteja claro que a política que está presente na mídia não é apenas aquela ligada aos partidos políticos, mas sim a um conjunto de esquemas de poder e forças que movimentam e mobilizam os cidadãos nas mais diversas esferas sociais, há que se considerar a força e a presença das coberturas político partidárias na mídia brasileira, que acabam assumindo os espaços das editorias políticas dos telejornais. E se por um lado, a população vive uma fase de descrença em relação ao poder público, as matérias parecem colaborar com a ideia de que corrupção e política estão ligadas ao universo partidário.

Dessa forma, participam do jogo político as matérias e conteúdos midiáticos, assim como esses mesmos conteúdos são influenciados pelo jogo político. Hughes (2010), em estudos sobre países latino-americanos, identifica o discurso midiático – internalizado tanto pela sociedade quando pela mídia em si – nos países da América do Sul como um elemento intermediário passivo. Em outras palavras, para a autora, é como se existisse uma naturalização da ideia de que a mídia não é politicamente determinante, quando na verdade, ela é. O grande problema é que as equipes de assessoria e marketing político perceberam essa força determinante muito antes do que nós (população) pudéssemos acompanhar.

Para a autora, prova disso é o uso cada vez mais forte da “comunicação estratégica”, que aciona líderes de opinião, pesquisas para moldar a mensagem a públicos específicos, também por meio da mídia, que acaba sendo uma ponte direta para a execução dessas estratégias. Assim, o que acontece na prática é que as forças políticas passam a definir e controlar o quadro de notícias, ou como aparecem nesses quadros, por meio do relacionamento com os jornalistas e os veículos de comunicação.

No Brasil, é fácil perceber a nada sutil força política influenciando aspectos reais do cotidiano. Entre a queda da popularidade de Dilma Rousseff já em 2015, aconteceram, paralelamente, uma avalanche de matérias sobre a crise econômica no país, baseadas em estatísticas e profissionais que atestavam que os números obtidos até ali, eram alarmantes. No entanto, ao analisar as matérias diante da posse de Temer, os mesmos números, ou ainda, estatísticas ainda mais negativas, foram interpretadas como números razoáveis. O fato é que mídia e política possuem uma relação de influência mútua, e dificilmente os cidadãos e telespectadores compreendem essas forças em ação.

Assim, é preciso encarar o cenário atual tendo em vista as forças políticas que tensionam as decisões no país. Com a terceira maior população carcerária do mundo<sup>19</sup>, não é surpresa que o Brasil também receba o título de segundo país mais violento da América do Sul<sup>20</sup>, atrás apenas da Venezuela. De 2016 a 2018, os índices de violência não pararam de subir e os dados não se restringiam apenas a capitais e grandes centros urbanos, mas também aos diversos interiores espalhados pelo país. Nesse período, portais de notícia de diversos veículos de comunicação, frequentemente noticiavam a nomeada “crise da segurança pública”.

No entanto, esse período também marcou o aumento da tensão política no país. Se por um lado, as matérias acompanhavam o desenrolar das denúncias e investigações em relação ao partido eleito (PT), por outro, tinham a tarefa de representar um país que passava por uma série de problemas, e viria a ser palco de um atentado à democracia: o impeachment de Dilma Rousseff. Dessa forma, com o objetivo de identificar como o universo do cárcere e os presidiários foram apresentados por meio das imagens, da linguagem, das intervenções dos jornalistas e da construção das matérias neste período, estabelecemos um mapeamento em três semestres que marcam esses importantes contextos políticos: o período semestral de pré-

---

<sup>19</sup>Brasil possui a terceira maior população carcerária do mundo. Matéria disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/brasil-terceira-maior-populacao-carceraria-aprisionada-vez-mais/>. Acesso em: 07 jul. 2019.

<sup>20</sup> Matéria G1. Brasil é o segundo país mais violento da América do Sul. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/07/08/brasil-e-o-segundo-pais-mais-violento-da-america-do-sul-aponta-onu.ghtml>. Acesso em: 28 jul. 2019.

impeachment do governo de Dilma Rousseff; o período semestral do início do governo de Michel Temer e o primeiro semestre do governo de Jair Bolsonaro.

Quadro 1 - Recorte de semestres analisados

SEMESTRE ANALISADO	ANO	PERÍODO POLÍTICO
JAN FEV MAR ABR MAI JUN	2016	PRÉ-IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF
JUN JUL AGO SET OUT NOV	2018	PERÍODO PRÉ ELEITORAL DAS ELEIÇÕES DE 2018
JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL	2019	PRIMEIRO SEMESTRE GOVERNO BOLSONARO

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

A partir de tal recorte, buscamos compreender quais características estão presentes na representação dos presidiários e são importantes para a representação do cenário caótico que vive a Segurança Pública no país. Nesse sentido, além de uma análise quantitativa em relação a aparição dessa temática no telejornal, realizamos também uma análise mais aprofundada, que visa analisar a materialidade audiovisual de forma integrada, levando em conta o percurso da pesquisa e também, a unidade audiovisual apresentada pelo telejornal.

### 5.2.1 Uma metodologia integrada: a Análise da Materialidade Audiovisual

Para a execução da análise que este trabalho pretende realizar, é preciso considerar que ele faz parte de um amplo estudo sobre a representação midiática dos presidiários, em que diversos produtos audiovisuais foram analisados, inclusive, produtos não jornalísticos. Assim, na tentativa de buscar uma metodologia que leve em conta essas questões de pesquisa e possibilite uma análise do conteúdo audiovisual em sua forma ampla, consideramos como metodologia os estudos realizados por Coutinho (2016) no âmbito do Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (NJA CNPq-UFJF). Assim, a Análise da Materialidade Audiovisual, que toma

como objeto de avaliação a unidade “texto+som+imagem+tempo+edição”, estabelece ainda eixos paratextuais levando em conta as questões da pesquisa e também o percurso do pesquisador – no que se refere às suas próprias escolhas no contato com o objeto.

Ao trabalharmos com tal método, destacamos a dificuldade de análise de produtos audiovisuais utilizando outros métodos isolados, que não permitem uma análise que considere todos os sentidos e experiências que um frame possa produzir combinando som, imagem, discurso (verbal e não verbal) e diversos outros elementos, por privilegiarem a narrativa científica junto ao desmembramento de seu conteúdo. Nesse sentido, em busca de solucionar a dificuldade de reconstruir estes momentos em uma narrativa científica (textual), o método proporciona novos eixos de avaliação e recursos de escrita que tornam mais coesa a experiência de análise, sobretudo por não exigir uma estrutura analítica de descolamento dos itens audiovisuais. Numa perspectiva de análise do telejornalismo, a autora aponta que:

[...] diferente do processo de produção e experimentação no telejornalismo, nessas narrativas que se tecem sobre ele, sons e imagens são apresentados em sequência, ao longo de frases e eventualmente parágrafos que buscam reconstruir/ narrar uma simultaneidade que é articulada no quadro/ frame no jornalismo audiovisual e seus espaços-tempos, agora objetos de análises. Esse (s) momento (s) não pode (m) ser recompostos na narrativa científica, tal como a conhecemos. Seria essa "tradução" uma "traição" ao texto televisivo? [...]. (COUTINHO, 2016, p.10).

Como forma de lidar com essas limitações implicadas na pesquisa/ interpretação/ narração de um telejornal, por exemplo, a proposta da Materialidade Audiovisual inclui também o estabelecimento de eixos e itens de avaliação tendo em vista as questões de pesquisa, o referencial teórico utilizado e os elementos paratextuais. Nesse sentido, nós, pesquisadores, ao trabalharmos a análise audiovisual destacamos nossa postura como um “telespectador privilegiado”, capaz de compreender estratégias, as intenções de produção de sentidos e significados, nas narrativas audiovisuais que analisamos. Seguindo os eixos de avaliação propostos na pesquisa, convidamos o leitor a compreender e se inteirar sobre os caminhos da análise e qual é a perspectiva que esta oferece sobre o objeto - já que “traduzir” o conteúdo deste objeto audiovisual em uma análise, exatamente como ele é, seria tarefa impossível apenas na estrutura textual.

Assim, levando em conta as questões de pesquisa aqui apresentadas, tecemos análise por meio do eixo da Representação e questões paratextuais relevantes para nossa discussão. Para tal, desenvolvemos uma tabela, na qual identificamos tais elementos relacionados ao nosso eixo de análise, auxiliando assim a nossa reflexão.

Quadro 2 – Eixo e questões de análises relevantes para a pesquisa

Personagens da matéria	Pluralidade de vozes ou elementos de diversidade	Como se dá a construção da reportagem, há um conflito? Fechamento?	Como são representados o preso/cárcere?	A reportagem apresenta contextos? Quais?
------------------------	--	--	---	--

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

É importante ressaltar que todo o mapeamento das matérias foi realizado por meio do portal *GloboPlay*, onde estão armazenadas todas as edições do Jornal Nacional. A pesquisa foi feita por meio da seleção do período escolhido, por meio de um sistema de calendário presente na plataforma. Para a análise, foram selecionadas as seguintes palavras de busca: presídios, penitenciárias, preso, presos, prisão, criminosos, detentos, bandidos, quadrilha. A escolha das palavras foi orientada por uma maior aproximação ao contexto dos presídios, visto que muitas vezes, os acautelados não são identificados somente como presos/presidiários, mas sim como criminosos, bandidos, detentos, entre outros. Nesse sentido, para compreender como essas pessoas são representadas, selecionamos as palavras que considerassem esse contexto mais amplo. No entanto, essa escolha também acabou por incluir na pesquisa matérias em que esses termos são utilizados para outros contextos, como para violência e criminalidade no geral. Assim, para solucionar o problema de matérias em que os termos buscados não se relacionam ao cárcere, ressaltamos essas diferenças no subcapítulo, em que analisamos o boom da violência nos períodos de análise.

### 5.3 OS PRESÍDIOS E SEUS PERSONAGENS NO PRÉ-IMPEACHMENT

Tabela 1 – Edições de janeiro 2016 com edições em que houve presença das palavras selecionadas

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

**Análise Geral:** No mês de janeiro de 2016, as matérias em relação as denúncias da Lava Jato começam a aparecer na mídia. Inicialmente, o telejornal procura dar destaque para os

depoimentos de Lula e pessoas envolvidas com o Partido dos Trabalhadores (PT). Além disso, as pautas predominantes são as econômicas e de violência. Também aparecem pautas climáticas, políticas, cobertura internacional, protestos pelo país.

Quadro 2 – Mapeamento das edições de janeiro do primeiro semestre de 2016

<b>Dia</b>	<b>Tempo</b>	<b>Título</b>	<b>Descrição</b>
07	3 min	Bandidos levam banca de jornal inteira em São Paulo	Jornal Nacional mostra flagrantes de roubos inusitados, como o caso de o roubo de uma banca inteira. Na Zona Leste da cidade, aconteceu um outro roubo de banca. Em uma rua, criminosos usaram dois ônibus para afastar a polícia. A matéria evidencia a insegurança.
08	2 min	Bandidos matam 4 pessoas e ferem 11	A matéria começa falando sobre as pessoas que foram mortas no crime. O crime aconteceu, na quinta-feira (7), por volta da meia noite, no conjunto habitacional César Maia, em Vargem Pequena. Pelas primeiras investigações, não há aparente motivação para o crime. Na hora de fugir, os homens roubaram um carro.
21	2 min	Presos no Paraná suspeitos de roubar bancos derrubando paredes	A matéria mostra que os Bandidos usavam retroescavadeiras para derrubar paredes de agências. Em um ano, grupo roubou 22 bancos; 21 pessoas foram presas.
23	33 seg	Bandidos conseguem escapar do complexo prisional	A nota coberta mostra quando o muro da prisão em PE foi explodido, as imagens mostradas na matéria são feitas por um celular, mas não sabemos exatamente de quem.
<b>TOTAL DE MATÉRIAS: 04</b>			

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Tabela 2 - Edições de fevereiro 2016 com edições em que houve presença das palavras selecionadas

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29					

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

**Análise Geral:** No mês de fevereiro, as pautas sobre economia se intensificam, com ênfase no desemprego. Além disso, matérias sobre política, protestos, saúde e meio ambiente também aparecem no mês. Em relação aos termos buscados, a temática da crise de violência no Brasil não apresenta os termos buscados, mas em sua descrição no site, as palavras presos e bandidos aparecem para explicar a onda de violência vivida no país.

Quadro 4 – Mapeamento das edições de fevereiro do primeiro semestre de 2016

<b>Dia</b>	<b>Tempo</b>	<b>Título</b>	<b>Descrição</b>
09	23 seg	Preso construtor de prédio que desabou	A nota coberta informa a prisão de 3 pessoas por causa do desabamento de um prédio durante um terremoto, naquela semana passada, em Taiwan. O dono e dois funcionários da empreiteira responsáveis pelo edifício de 17 andares vão responder por homicídio culposo.
11	36 seg	Rebelião em presídio no México deixa 52 mortos	A exemplo do que acontece no Brasil, grupos de defesa dos direitos humanos já denunciaram a superlotação das prisões mexicanas, também dominadas por facções de traficantes de drogas.
<b>TOTAL DE MATÉRIAS: 02</b>			

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Tabela 3 - Edições de março 2016 com edições em que houve presença das palavras selecionadas

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

Fonte: Elaborado pela autora.

**Análise geral:** Em março, as matérias sobre economia se intensificam, novamente com o foco no desemprego. Neste mês, também começamos a observar mais claramente matérias mais negativas em relação à política, crimes, e a insatisfação da população. É importante observar também que muitos dos termos buscados – associados à violência e ao presídio – por conta do contexto da Lava Jato passam a apresentar os políticos como personagens desses espaços.

Quadro 5 - Mapeamento das edições de março do primeiro semestre de 2016

(continua)

<b>Dia</b>	<b>Tempo</b>	<b>Título</b>	<b>Descrição</b>
05	34 seg	Criminosos usam explosivos para abrir buraco em muro de presídio no Recife.	A nota mostra uma explosão dentro de um presídio no Recife abriu um buraco gigante no muro e assustou moradores no entorno, e relembra um caso parecido em que presos também explodiram um muro para escapar. Nenhum preso fugiu, mas a polícia ainda não sabe quem foram os responsáveis.

Quadro 5 - Mapeamento das edições de março do primeiro semestre de 2016

(conclusão)

<b>Dia</b>	<b>Tempo</b>	<b>Título</b>	<b>Descrição</b>
07	35 seg	Justiça Federal de SP determina prisão do senador Luiz Estevão	Justiça Federal de SP determina prisão do senador cassado Luiz Estevão por desvio de verba pública.
10	03 min	Prisão preventiva de Lula	A matéria aborda a discussão em torno da prisão preventiva do ex-presidente Lula. A Juíza não tem prazo para decidir se aceita ou não a denúncia e o pedido de prisão preventiva.
26	03 min	Justiça manda soltar 9 presos da operação Lava Jato	Na matéria, temos a informação de que o juiz Sérgio Moro mandou soltar nove investigados presos na 26ª fase da Operação Lava Jato. Segundo as investigações, eles estão ligados a um setor da Odebrecht que fazia a contabilidade paralela da empresa.
09	03 min	Presos suspeitos de fraude em merenda escolar	Entre os 7 presos está o ex-presidente da Assembleia Legislativa, Leonel Júlio, cassado em 1976 depois de comprar presentes, como calcinhas, com dinheiro público; o vendedor Aluísio Girardi Cardoso e o presidente da União de Vereadores do estado.
<b>TOTAL DE MATÉRIAS: 05</b>			

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Tabela 4 - Edições de abril 2016 com edições em que houve presença das palavras selecionadas

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

**Análise geral:** Em abril as matérias predominantes são relacionadas à política, e parece que toda a mídia está voltada para o desenrolar da operação lava jato. Além disso, temáticas como economia, cobertura internacional, esporte e acidentes também estão presentes nas matérias analisadas.

Quadro 6 - Mapeamento das edições de abril do primeiro semestre de 2016

(continua)

<b>Dia</b>	<b>Tempo</b>	<b>Título</b>	<b>Descrição</b>
09	30 seg	Suspeito preso em Bélgica	Neste sábado, Mohammed Abrini disse à polícia belga que era ele o homem de chapéu ao lado de outro terrorista nas imagens das câmeras do aeroporto de Bruxelas. As explosões no aeroporto e no metrô mataram 32 pessoas.

## Quadro 6 - Mapeamento das edições de abril do primeiro semestre de 2016

(conclusão)

<b>Dia</b>	<b>Tempo</b>	<b>Título</b>	<b>Descrição</b>
23	02 min	Presos com tornozeleira burlam sistema e cometem crime	Um circuito de câmeras internas mostra quando um homem faz uma invasão a escritório em Rondonópolis. Ele roubou o dinheiro e fugiu. Este não foi um caso isolado no estado. Em Cuiabá câmeras de segurança também gravaram um homem com uma tornozeleira eletrônica que fingia estar interessado em comprar joias, quando a mulher abriu a porta, ele anunciou o assalto. Minutos depois o ladrão foi embora com 1 milhão de reais em jóias dentro de uma mala. Na mesma semana, um sargento da polícia militar à paisana foi executado com 5 tiros na cabeça. Segundo a Polícia Civil, um dos suspeitos estava sendo monitorado por tornozeleira, mas conseguiu quebrá-la. A matéria explica que o uso da tornozeleira era uma tentativa de lidar com o problema das vagas nos presídios. O juiz defensor do uso das tornozeleiras diz que falta agilidade da polícia em ir atrás dos reeducandos que cometem crimes. A Secretaria de Justiça e Direitos Humanos de Mato Grosso defendeu o uso da tornozeleira, e que a central de monitoramento avisa quando há algum descumprimento. Já a Secretaria de Segurança Pública do Estado diz que todas as informações são levadas em conta e geram ações imediatas.
27	02 min	Presos no Rio advogado e professora de creche por suspeita de pedofilia	A investigação aponta que o advogado de 63 anos aliciava crianças e as levava para motel. Na manhã da quarta-feira (27), o advogado foi preso em flagrante em casa, no Grajaú, na Zona Norte do Rio, com diversos materiais de pedofilia. A professora levava as meninas de uma creche até o homem. Em uma foto, eles aparecem com uma criança nua.
<b>TOTAL DE MATÉRIAS: 03</b>			

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Tabela 5 - Edições de maio 2016 com edições em que houve presença das palavras selecionadas

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

**Análise geral:** Em maio, a violência aparece tão destacada quanto as matérias políticas. Isso porque, diversos atentados violentos são identificados em estados do Nordeste, consequências de tensionamentos em relação a mudança de administração de penitenciárias. Além disso, muitas das matérias analisadas também se relacionam com a temática da economia, política e segurança pública.

Quadro 7 - Mapeamento das edições de maio do primeiro semestre de 2016

<b>Dia</b>	<b>Tempo</b>	<b>Título</b>	<b>Descrição</b>
21	02 min	Bandidos atacam ônibus no Maranhão	Em menos de 48 horas, homens incendiaram 14 ônibus na região metropolitana de São Luís. A Força Nacional de Segurança vai reforçar a segurança no Maranhão.
23	01 min	Força Nacional chega no Maranhão	Desde quinta-feira 15 foram incendiados; governo do estado pediu ajuda. Integrantes da Força Nacional também estão a caminho de Fortaleza. A matéria cita também a ação da Força Nacional em Fortaleza, devido a rebelião nos presídios e a greve de agentes penitenciários, que aconteceu depois que as visitas foram proibidas.
28	19 seg	Bandidos atiram contra Unidade de polícia pacificadora *	Após atirarem contra a UPP, os criminosos queimaram dois ônibus na mesma região. A polícia suspeita que os ataques tenham sido motivados pela morte do filho de um traficante em um confronto com a polícia. Os ataques aconteceram no Rio.
<b>TOTAL DE MATÉRIAS: 03</b>			

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Tabela 6 - Edições de junho 2016 com edições em que houve presença das palavras selecionadas

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30		

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

**Análise geral:** Em junho, as matérias relacionadas ao cárcere e a violência se voltam para o contexto político. Assim, as temáticas mais frequentes estão relacionadas a corrupção, política, MST e a economia, com foco no desemprego.

Quadro 8 - Mapeamento das edições de junho do primeiro semestre de 2016

(continua)

<b>Dia</b>	<b>Tempo</b>	<b>Título</b>	<b>Descrição</b>
07	05 min	Prisão de líderes do PMDB	A matéria mostra uma movimentação no Senado em relação ao pedido de prisão de Renan Calheiros, Fernando Jucá e José Sarney. Senadores, perplexos, pediam explicações, mas governistas e oposição adotaram uma posição de cautela - no momento de discussão do impeachment da presidente Dilma.

Quadro 8 - Mapeamento das edições de junho do primeiro semestre de 2016

(conclusão)

<b>Dia</b>	<b>Tempo</b>	<b>Título</b>	<b>Descrição</b>
20	04 min	Aumento de violência no Rio	Câmera de segurança mostram ações de violência em toda cidade. Os números da criminalidade mostram que só nos quatro primeiros meses de 2016 o Rio teve 21 roubos a cada hora e 14 assassinatos por dia. Na matéria, o então prefeito Eduardo Paes aparece dizendo que “as pessoas estão aceitando desculpas, é a escuridão, é a desigualdade social, é a falta de urbanização, mas nós precisamos dar uma resposta”. A matéria deixa claro que quem acaba sofrendo mais com isso são os PMs. A matéria ouve uma socióloga que fala sobre o descrédito pelo qual o aparelhamento de segurança pública teve ao longo dos anos na cidade.
20	01	MP pede prisão preventiva de quatro por estupro de jovem no Rio	MP afirma que a vítima sofreu abuso por várias horas, de forma conjunta, pelos denunciados. Eles vão responder por estupro de vulnerável.
26	06 min	Ex-ministro do planejamento é preso	Operação Custo Brasil é desmembramento da Operação Lava Jato. Objetivo é investigar desvio de dinheiro de empréstimos consignados.
28	02 min	Ação contra quadrilha que atua dentro e fora de presídios	A matéria utiliza recursos gráficos para fazer um apanhado dos locais em que houveram as apreensões. Um suspeito foi morto durante a perseguição. A Operação aconteceu no interior de São Paulo e na região de Santos. Na Baixada Santista, entre os presos está um dos principais traficantes. De acordo com a matéria, já haviam informações sobre a ação da quadrilha ao longo de 1 ano.
28	26seg	Operação para prender presidiário que fugiu do hospital no Rio termina com 2 mortos	A nota coberta fala sobre a fuga de um presidiário que fugiu com a ajuda de comparsas. O blindado da PM precisou vencer barricadas em favelas da cidade. Moradores assustados tiveram que procurar abrigo. Cães farejadores encontraram meia tonelada de maconha. Em 9 dias de procura pelo traficante Nicolas Pereira de Jesus, a polícia prendeu 126 suspeitos.
28	03	28 – PF prende 14 suspeitos de desviar verba da Lei Rouanet	A matéria inicia com a chamada dizendo que o dinheiro que deveria ser usado para produções culturais pagou até festa de casamento. Na matéria, somos apresentados a Operação Boca Livre investiga quadrilha suspeita de desviar até R\$ 180 milhões. O ministro da cultura disse que a Lei passaria por uma revisão.
30	06 min	Operação saqueador prende Carlinhos Cachoeira	A operação era contra lavagem de dinheiro e o desvio de verbas em obras públicas. O Empreiteiro Fernando Cavendish está foragido. Foram desviados dos cofres públicos R\$ 370 milhões - dos quais o empreiteiro é acusado.
<b>TOTAL DE MATÉRIAS: 08</b>			

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

### 5.3.1 Análise da Materialidade Audiovisual do primeiro semestre

O primeiro semestre de 2016 possui uma série de particularidades nas matérias relacionadas aos termos selecionados (que se relacionam com o cárcere e os presidiários). Isso porque nesse período a cobertura do Jornal Nacional se voltava para os escândalos de corrupção e também em torno da Lava Jato e o impeachment da presidente Dilma Rousseff. Assim, entendemos que a figura do presidiário nesse semestre passa a ser representada por esses casos, revelando assim uma dimensão de repulsa à política brasileira, que teoricamente, se igualaria aquilo que a sociedade considera “irreparável”. Nesse sentido, selecionamos como matéria representante desse semestre a reportagem exibida no dia 26 de março de 2016, três meses antes do impeachment da presidenta. Com o título “Justiça manda soltar 9 presos da 26ª fase da Operação Lava Jato”<sup>21</sup>, a matéria hospedada no site oficial do programa tem como descrição: “O juiz Sérgio Moro mandou soltar nove investigados presos na 26ª fase da Operação Lava Jato. Segundo as investigações, eles estão ligados a um setor da Odebrecht que fazia a contabilidade paralela da empresa. ”

A matéria tem início com a chamada do jornalista Heraldo Pereira, anunciando a decisão do juiz Sérgio Moro em soltar nove pessoas presas na operação Lava-Jato<sup>22</sup>, na qual o juiz havia conquistado relevância importante, tanto pela perspectiva de sua busca por justiça quanto por representar uma força crível em um momento de descrença em relação às instituições. Neste momento, ao iniciar a matéria, são utilizados recursos gráficos ao fundo da tela, que remontam uma espécie de tubulação hidráulica enferrujada, em que notas são jorradas por essa tubulação. Ao fundo, vemos uma espécie de tanque com o logotipo da Petrobrás, escolha gráfica diferente da que sugere o nome lava jato, ligado ao serviço de lavagem de carros ofertado em postos de gasolina. Ainda na chamada, Heraldo contextualiza que as pessoas presas por Moro faziam parte de um setor da Odebrecht que fazia a contabilidade paralela da empresa. A matéria utiliza imagens dos nove presos entrando em carros cobrindo seus rostos depois de serem liberados das prisões temporárias na qual estavam – nas quais o prazo para a permanência presos, são cinco dias. De acordo com a matéria, a liberação ainda prevê que eles não possam sair do país,

---

<sup>21</sup>Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4913515/>. Acesso em: 18 out. 2019.

<sup>22</sup>A Operação Lava Jato é um conjunto de investigações que teve seu início em 17 de março de 2014 e ainda se encontra em andamento com investigações conduzidas pela Polícia Federal. Até 2019, já foram cumpridos mais de mil mandados de busca e apreensão, prisão temporária, prisão preventiva e de condução coercitiva. Resumidamente, o esquema denunciado pela operação é o da lavagem de dinheiro, capaz de movimentar bilhões de reais em propina. A operação conta ainda com 70 fases operacionais autorizadas, entre outros, pelo então juiz Sérgio Moro, durante as quais prenderam-se e condenaram-se mais de cem pessoas.

e que entreguem seus passaportes à Polícia Federal em três dias. Ao citar o despacho expedido por Sérgio Moro, o recurso gráfico das tubulações serve como pano de fundo, e podemos observar com mais detalhes os aspectos das ferrugens, dando a sensação de algo velho, sujo. Na parte da frente, vemos uma espécie de folha em que o documento é exibido, e as partes citadas na matéria são ressaltadas visualmente. Em seguida, quando é mostrada a fachada da sede da Oderbrecht, por imagens de arquivo, a repórter Malu Mazza cita que essa já é a 26ª fase da operação, revelando também a sensação de que o Jornal Nacional estaria acompanhando cada uma dessas fases, uma vez que preferiu cobrir essa parte do texto com imagens de arquivo, incluindo outras imagens de prisões. É após essas imagens de arquivo que a repórter aparece em uma passagem, dando detalhes da investigação que embasaram a decisão de Sérgio Moro pela prisão das nove pessoas. Assim, apesar da matéria trazer em sua manchete que nove pessoas foram soltas pelo Juiz, seu conteúdo está mais direcionado para as motivações da prisão, e de certa forma, passam ao telespectador a sensação de que Sérgio Moro, ao prender provisoriamente tais pessoas a partir da apreensão de uma planilha em que os gastos registrados atestavam as ilegalidades cometidas pelo grupo, estava verdadeiramente buscando a justiça, de forma a oferecer agilidade no caso. Além disso, a repórter anuncia que o juiz deverá ainda decidir se o material será encaminhado para o Supremo Tribunal Federal (STF), instituição responsável por analisar o envolvimento de autoridades públicas a crimes. No entanto, por não serem completamente contextualizados, tais termos que são falados pela repórter, como o foro privilegiado, já associam o caso a ideia de impunidade, sobretudo por não explicarem o motivo pelo qual essas pessoas não poderiam continuar sendo julgadas pelo juiz Sérgio Moro. Assim, a reportagem segue citando os nomes de algumas das pessoas citadas na planilha, ao lado de valores específicos, e nesses momentos, imagens de arquivo são acionadas para cobrir a informação. Em seguida, a tela se volta para a imagem do documento e a tubulação gráfica ao fundo, destacando trechos em que o juiz poderá analisar o real envolvimento dessas autoridades ao caso, dizendo ainda que o ideal seria a possibilidade de realizar um maior detalhamento da planilha, analisando por mais tempo o caso para só então repassar ao STF. No entanto, na fala da repórter, o juiz, prezando pela cautela com o caso, preferiu encaminhar logo o caso ao STF – oferecendo assim uma perspectiva de que Sérgio Moro teria seu primeiro compromisso com a Justiça. Por fim, quando a repórter finaliza a matéria com algumas considerações do juiz, uma imagem de Moro palestrando cobre a informação, enquanto o texto revela que as investigações da operação seguem, e já prendeu, por exemplo, o ex-marqueteiro do PT, João Santana e a sua mulher, Mônica Moura, suspeitos de terem recebido dinheiro do que a repórter chama de

“esquema da Petrobrás”, e é com a imagem da prisão (arquivo) dos dois que a reportagem termina.

Quadro 9 - Eixo e questões de análises relevantes para a pesquisa 2

<b>Personagens da matéria</b>	9 presos (recém libertados) da prisão provisória ligados à empresa Oderbrecht Juiz Sérgio Moro STF Casal de marqueteiros PT (único partido citado) Petrobrás Oderbreacht
<b>Pluralidade de vozes ou elementos de diversidade</b>	As vozes que aparecem na matéria são apenas as da repórter e a do Juiz Sérgio Moro, por meio do despacho de soltura. Nesse sentido, há apenas uma clara diferenciação em relação aos personagens que estão ligados ao crime cometido e àqueles que trabalham para a punição.
<b>Como se dá a construção da reportagem, há um conflito? Fechamento?</b>	A reportagem se desenrola em torno das decisões do juiz Sérgio Moro, apresentando primeiro o ato (a soltura dos presos), depois sua contextualização (o crime e o andamento da operação) e a expectativa dos próximos passos do processo (encaminhamento ao STF).
<b>Como são representados o preso/cárcere?</b>	Nesse caso, os presos estão representados pelos políticos, sobretudo na figura de João Santana e sua esposa, por terem seus rostos exibidos na reportagem sem qualquer roupa ou tentativa de encobrir o rosto. Mas mais do que isso, a ligação deles ao PT também produz uma associação entre os criminosos e o partido.
<b>A reportagem apresenta contextos? Quais?</b>	A reportagem contextualiza a prisão das nove pessoas, no entanto, algumas prisões da Lava-Jato que já aconteceram, citam algumas fases da operação mas não faz um panorama ou apresenta uma informação mais didática em relação ao que se propõe a operação.

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Tendo em vista os eixos de análise e as questões de pesquisa, é possível compreender como a classe dos políticos e as instituições de uma forma geral estavam, e ainda estão sendo questionadas pela mídia e, conseqüentemente (ou motivada) pela população. Nesse sentido, a matéria consegue reunir as características que são percebidas ao longo de diversas análises nas matérias que apresentam os termos buscados no primeiro semestre de 2016. Se o contexto político era de instabilidade e a preparação para o julgamento da então Presidente Dilma Rousseff, as notícias relacionadas ao cárcere e aos presidiários parecem estar mais associadas à classe dos políticos, assim, a associação de termos como criminosos também são utilizados para a produção de sentido das matérias. No entanto, o que chama a atenção nestes casos é que por mais que tanto o cárcere quanto os presos sejam associados às figuras dos políticos, as matérias não se aprofundam em relação às condições dessas pessoas, nem individualizam os

crimes cometidos por cada um deles. Pelo contrário, o que acontece, geralmente, é uma movimentação para generalizar os grupos aos quais eles pertencem, como no caso da matéria acima, de seus partidos.

#### 5.4 A COBERTURA DOS PRESÍDIOS NO GOVERNO TEMER

Tabela 7 - Edições de junho 2018 com edições em que houve presença das palavras selecionadas

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

**Análise geral:** Em junho de 2018 as matérias têm seu foco nos escândalos de corrupção, com ênfase nas prisões envolvendo membros da Petrobrás, greve dos caminhoneiros e alta em produtos domésticos, como alimentos e, sobretudo, o bujão de gás. Matérias sobre economia ressaltam as altas do dólar. Além disso, os vídeos da campanha “O Brasil que eu quero” do mês, abordam, sobretudo, temas como educação, corrupção e segurança. A copa do mundo na Rússia, o desastre dos meninos na Tailândia, e o esporte em geral também divide espaço nas matérias do JN.

Quadro 10 - Mapeamento das edições de junho do segundo semestre de 2018

(continua)

Dia	Tempo	Título	Descrição
02	27 seg	Tiroteio na Vila Kennedy, no Rio, termina com 2 mortos e 6 feridos	De acordo com a matéria o conflito aconteceu quando bandidos atacaram policiais que faziam um patrulhamento perto de um baile funk. Os tiros teriam partidos dos bandidos, e os policiais, revidaram. Um homem e uma mulher morreram. As imagens utilizadas mostram o local onde aconteceu o tiroteio, uma mulher chorando no hospital o corpo de uma das vítimas numa maca no hospital. A matéria menciona ainda que a vila Kennedy é considerada um “laboratório da intervenção federal” na área de segurança do Rio. Várias operações já foram realizadas no local.

Quadro 10 - Mapeamento das edições de junho do segundo semestre de 2018

(continua)

<b>Dia</b>	<b>Tempo</b>	<b>Título</b>	<b>Descrição</b>
02	25 seg	Fantástico mostra a explosão do tráfico de drogas no norte do Brasil	A menção é na verdade uma chamada para a matéria que será exibida no fantástico no dia seguinte (domingo), e denuncia esquemas de quadrilhas envolvidas com o tráfico de drogas no norte do país. A matéria menciona ainda o fato dessas ações influenciarem o cenário do tráfico do país como um todo.
04	24 seg	Quase 40 veículos são incendiados em 2 dias em MG	Com apenas 24 segundos, a nota traz informações sobre as 16 cidades, 35 ônibus e 4 carros que foram incendiados no estado. Na matéria, são mencionadas as escoltas dos ônibus para maior segurança. Além disso, a matéria relata a prisão de um adolescente e ataques a prédios públicos.
04	03 min	Tragédia da violência deixa de luto mais uma família no Rio	A matéria começa com a família no cemitério, e imagens da câmera de segurança mostram quando o contador Augusto chega em casa no Meier, com o filho de 11 anos, a mulher e um cachorro e foi abordado por um assaltante que se atracou com ele, mas o morador conseguiu fugir. Nesse momento, ele atira 5 vezes contra o morador, que recebeu 3 tiros, em seguida, o criminoso aparece pulando o portão sem levar nada e entra num carro com um comparsa já identificado. De acordo com a polícia, esse era o terceiro assalto daquela dupla na noite. O contador foi socorrido com vida, mas faleceu.
04	03 min	Tragédia da violência deixa de luto mais uma família no Rio	Na matéria, a repórter Lília Teles volta ao local do crime e revela que o que a câmera de segurança não mostrou é que o crime aconteceu na frente do filho da vítima, que se escondia no salão de recepção do prédio. Na matéria, a repórter conversa com o pai da vítima, que tinha feito aniversário na noite da morte do filho. A festa foi organizada pela irmã de Augusto, que tinha sido entrevistada em matéria do JN sobre a crise de desabastecimento, e relata preocupação para conseguir fazer o bolo de aniversário do pai.
04	24 seg	Brasil tem 11 mil mortes violentas no primeiro trimestre	William Bonner apresenta dados do Índice Nacional de Homicídios que registraram 11.578 mortes violentas pelo país, o apresentador reforça que os dados são resultado da iniciativa do G1 do Monitor da violência e da lei de acesso à informação.
05	02 min	Governo de MG admite que ordens de ataques vêm de facções criminosas	A matéria inicia com a chamada de Bonner, dizendo que os ataques em MG que incendiaram ônibus e destruíram patrimônios públicos foram comandados por facções criminosas. Imagens dos ônibus incendiados compõem a matéria. Com um recurso gráfico que representa o mapa de Minas Gerais, o repórter vai narrando as cidades atingidas. 51 ônibus foram atacados. De acordo com a matéria um carro do sistema prisional foi incendiado em Varginha, e para tentar evitar novos ataques, policiais estariam andando à paisana em ônibus nas cidades. Em uma passagem, o repórter Ricardo Soares diz que uma linha de investigação apurou que os ataques partiram de presídios mineiros, mas que a motivação ainda não havia sido esclarecida. Como fonte oficial, o governador de Minas Fernando Pimentel reforça o discurso em relação aos mandantes dos ataques. De acordo com o Comandante Geral da Polícia militar de MG, Herbert Figueiró, 47 pessoas já foram presas, nesse momento, imagens de pessoas detidas e nas celas compõem a matéria.

Quadro 10 - Mapeamento das edições de junho do segundo semestre de 2018

(continua)

<b>Dia</b>	<b>Tempo</b>	<b>Título</b>	<b>Descrição</b>
05	02 min	Governo de MG admite que ordens de ataques vêm de facções criminosas	A matéria inicia com a chamada de Bonner, dizendo que os ataques em MG que incendiaram ônibus e destruíram patrimônios públicos foram comandados por facções criminosas. Imagens dos ônibus incendiados compõem a matéria. Com um recurso gráfico que representa o mapa de Minas Gerais, o repórter vai narrando as cidades atingidas. 51 ônibus foram atacados. De acordo com a matéria um carro do sistema prisional foi incendiado em Varginha, e para tentar evitar novos ataques, policiais estariam andando à paisana em ônibus nas cidades. Em uma passagem, o repórter Ricardo Soares diz que uma linha de investigação apurou que os ataques partiram de presídios mineiros, mas que a motivação ainda não havia sido esclarecida. Como fonte oficial, o governador de Minas Fernando Pimentel reforça o discurso em relação aos mandantes dos ataques. De acordo com o Comandante Geral da Polícia militar de MG, Herbert Figueiró, 47 pessoas já foram presas, nesse momento, imagens de pessoas detidas e nas celas compõem a matéria.
07	02min	Novos ataques são registrados no Rio Grande do Norte	Ataques voltam a acontecer no Rio Grande do Norte. A matéria inicia falando da cidade de Mossoró, em que bandidos atearam fogo numa antiga base da guarda municipal, metralharam um posto dos bombeiros e incendiaram um carro e uma ambulância no local. Os ataques fariam parte de um movimento que começou na semana anterior, e já havia atingido 4 locais do estado, 2 suspeitos já teriam sido detidos com bilhetes de informações de presos. Na reportagem, a repórter diz que a “população está se sentindo insegura”, e reforça com o depoimento de moradores. A polícia diz que o movimento tem ligação com os ataques em cidades mineiras.
07	26 min	Diminuiu o número de ataques em Minas Gerais	A nota coberta é dada pela apresentadora do JN, dizendo que a onda de violência tem diminuído nas 35 cidades e que o governo de Minas nega a relação dos atentados com a transferência de presos para Uberaba.
08	2 min 19 seg	Violência no Rio não dá trégua: tiroteio fecha bondinho no Pão de Açúcar	Confrontos entre policiais e traficantes que fugiam do morro da Babilônia, bairro vizinho do Leme. A região sofreria com a guerra de facções. Nas imagens, os bandidos estavam fugindo pela mata que dá acesso ao Pão de Açúcar, muito acabaram presos. Na perseguição, um policial se feriu com uma granada, e fuzis foram apreendidos. De acordo com a matéria, essa teria sido a primeira vez que o bondinho fechou por uma questão de Segurança Pública. A matéria fecha com um turista uruguaio dizendo o quanto essa situação é ruim, e que apesar de adorar o Rio, a violência pode ser prejudicial para o turismo.
08	19seg	Cidades mineiras voltam a sofrer ataques criminosos.	A nota coberta atualiza a situação dos ataques em MG, que registram novas ocorrências, marcando mais de 100 ataques em 38 cidades em 6 dias seguidos.

Quadro 10 - Mapeamento das edições de junho do segundo semestre de 2018

(conclusão)

<b>Dia</b>	<b>Tempo</b>	<b>Título</b>	<b>Descrição</b>
09	02 min 19 seg	Operação das forças de segurança termina com 16 presos no Rio	Polícia Civil indiciou 26 pessoas por envolvimento na disputa pelo controle do tráfico de drogas na favela da Rocinha, na Zona Sul da cidade do Rio. As imagens mostram cenas gravadas por moradores, registrando os conflitos entre traficantes e as forças armadas. Os repórteres que gravaram entrevista também foram surpreendidos pelos tiroteios. De acordo com a investigação, o traficante Antônio Bonfim Lopes, o “Nem”, comandou de dentro da cadeia a invasão a favela em setembro de 2017, para expulsar Rogério 157. Em outra favela da zona sul, tiroteio entre policiais e traficantes assustam moradores.
14	02min 15seg.	Operação contra crime organizado prende 63	A matéria apresenta a operação que chegou aos suspeitos depois de encontrar papéis escritos em uma penitenciária. Os papeis eram escritos à mão, e registravam prestação de contas, avisos e comunicação entre integrantes da quadrilha que estavam presos e os soltos. Agentes da Penitenciária de Segurança Máxima de Presidente Venceslau apreenderam os primeiros bilhetes. Uma simulação gráfica é utilizada para explicar como os bilhetes saíam das celas, levados até visitantes e advogados. Depois de lidos eram descartados na privada. A secretaria de administração penitenciária colocou telas na tubulação para reter os bilhetes antes que caíssem na rede de esgoto.
15	23 seg	Incêndios criminosos destroem mais de 20 veículos em 2 cidades	Nota coberta dada por William Bonner mostra incêndios que aconteceram em 2 cidades mineiras, mas não fala sobre as motivações do incêndio.
16	24 seg	Agência bancária na zona norte do RJ é atacada com explosivos	Clientes de bares próximos foram obrigados a entrar na agência e a se deitar no chão, na madrugada deste sábado (16). Eles ainda ficaram no meio do tiroteio, quando a polícia chegou. Ninguém ficou ferido.
25	34 seg	Polícia do Rio ouve testemunha do assassinato de um estudante no Complexo da Maré	Nota coberta diz que a polícia do Rio ouviu testemunha que estava com o estudante Marcos Vinicius da Silva, 14 anos, baleado no conjunto de favelas da maré. De acordo com a testemunha, ao se depararem com um blindado da polícia civil resolveram voltar e que nessa hora um tiro vindo do blindado acertou Marcos Vinicius nas costas. A mãe do rapaz voltou a se pronunciar e a acusar policiais.
28	26 seg	63 policiais foram mortos no Estado do Rio em 2018	A nota coberta vem atualizar o número de policiais mortos no Rio de Janeiro em 2018. O último policial a ser morto foi o Geison da Costa Pinheiro de 42 anos, baleado na cabeça no morro dos macacos, na zona norte do rio, durante uma operação para procurar bandidos que feriram outro policial na tarde anterior. O policial deixou mulher, e 3 filhos.
<b>TOTAL DE MATÉRIAS: 16</b>			

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Tabela 8 - Edições de julho 2018 com edições em que houve presença das palavras selecionadas

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

**Análise geral:** As matérias do mês de julho trazem, em geral, muitas reportagens ligadas à violência e segurança. Além disso, também aparecem muitas reportagens em relação a Copa do mundo, e as frequentes abordagens das temáticas do esporte, também observamos notícias relacionadas a política internacional, a cobertura dos meninos da Tailândia, os vídeos do “Brasil que eu quero” e matérias de economia.

Quadro 11 - Mapeamento das edições de julho do segundo semestre de 2018

(continua)

Dia	Tempo	Título	Descrição
03	02 min	Eike Batista é condenado a 30 anos de prisão	A matéria traz informações sobre a amizade entre Eike Batista e Sérgio Cabral. O Empresário foi acusado de pagar propina ao ex-governador do Rio, que também foi condenado. Os crimes são corrupção ativa e lavagem de dinheiro. O ex-vice-presidente do Flamengo também é citado na matéria. A matéria explica ainda que Sérgio Cabral e sua esposa, Adriana Ancelmo tiveram a pena reduzida por abrirem mão de bens envolvidos nos crimes. Na matéria, Adriana e Sérgio aparecem com uma espécie de ficha criminal (arte gráfica). Os advogados de Eike dizem que irão recorrer da decisão.
04	25 seg	Polícia prende suspeito de desviar milhares de conta bancária	Na matéria, o suspeito é apresentado como um empresário, Itamar Silva Pereira, que possuía 33 mil contas e senhas de bancos em seu computador. A polícia estima que ele tenha desviado mais de 1 milhão de reais.
04	03min 16s	Meninos presos em caverna ganham companhia de mergulhadores	Bonner inicia a matéria dizendo que o mundo está em suspense, não só pelos confrontos dos times de futebol na Rússia, mas principalmente pelo time de futebol de meninos na Tailândia, que está preso em uma caverna. Diversos países enviaram auxílio para o resgate. A operação de salvamento, que é delicada, ganhou um suspiro de esperança, pois mergulhadores alcançaram os meninos e até fizeram um vídeo com eles (que é mostrado na matéria). O objetivo agora é treinar os meninos para uma possível saída. Na matéria, a repórter se comunica com um dos mergulhadores por videoconferência, que dá detalhes do resgate.

Quadro 11 - Mapeamento das edições de julho do segundo semestre de 2018

(continua)

<b>Dia</b>	<b>Tempo</b>	<b>Título</b>	<b>Descrição</b>
04	04 min	Lava jato prende diretor de hospital e executivos de multinacionais no Rio	Antes de começar a matéria, no Globo Play, é exibida uma imagem cinza com letras brancas, dizendo “ Este vídeo foi modificado em 04/07/2018 para corrigir a imagem de Daurio Speranzini Jr, CEO da GE, preso na operação”. Na matéria, o Ministério público descobriu que empresários, executivos e gestores públicos, roubavam da saúde, tanto na Secretaria de Saúde quanto no Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia (Into). Empresas multinacionais faziam um rodízio para fraudar e ganhar licitações internacionais na Sec. de Saúde e no Into. As fraudes chegam a mais de R\$ 600 milhões. Maior parte do dinheiro desviado saiu do Into. De acordo com a matéria, médicos também participavam das transações que criavam a necessidade de equipamentos a mais, ou que eram de interesse apenas das empresas, e não dos pacientes. A matéria mostra ainda a quantidade de pessoas que esperam na fila por uma prótese, 11 mil pessoas esperam pela cirurgia. Sofia, uma que espera pela prótese há 5 anos é mostrada na matéria. Ao final, Bonner lê as respostas das assessorias das empresas que defendem a inocência no envolvimento.
07	01 min	Preso no Rio o engenheiro suspeito de matar a namorada brasileira, na Austrália	A matéria anuncia a prisão do engenheiro Mário Marcelo Santoro, no Rio de Janeiro. Ele era considerado foragido pelas polícias do Brasil e da Austrália. A matéria trata Mário Marcelo como suspeito, apesar de construir sua narrativa sob a linha de investigação que aponta o término do namoro como possível causa para o assassinato, já que Mário não aceitava o rompimento. O corpo de Cecília Haddad foi encontrado, em abril, num rio nos arredores de Sidney, onde ela morava, com sinais de estrangulamento. Mário Marcelo, que voltou ao Rio na semana seguinte ao assassinato, negou participação no crime. De acordo com a matéria, Mário seria encaminhado para o Instituto Médico Legal antes de ser encaminhado à um presídio no Rio.
12	03 min	Crime sem punição	A matéria apresenta o pedido da Anistia Internacional, que pede comissão independente para acompanhar investigação dos assassinatos da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes. Há 120 dias os tinham sido assassinados, e ainda não haviam sido apuradas as causas do crime. Na matéria, os pais de Marielle aparecem dizendo que sempre apoiaram o trabalho da polícia, e temem que nada seja feito. A matéria retoma as imagens de câmera de segurança que registram a perseguição. O General Braga Neto, responsável pelas investigações diz que as investigações estão indo bem. A matéria contrasta a declaração dos militares com as manifestações, que cobram uma resposta em relação ao crime.
12	30 seg	Polícia do Rio prende quadrilha que fazia sequestro-relâmpago	William Bonner dá uma nota coberta sobre a prisão de 12 suspeitos de integrar uma quadrilha que atraía vítimas através de anúncios de venda de veículos na internet. Os membros da quadrilha marcavam um encontro com o interessado na compra do carro e iniciava o sequestro. De acordo com a matéria, a polícia suspeita que 2 desses sequestros terminaram em assaltos.

Quadro 11 - Mapeamento das edições de julho do segundo semestre de 2018

(continua)

<b>Dia</b>	<b>Tempo</b>	<b>Título</b>	<b>Descrição</b>
13	03 min	Por causa de um erro, traficante preso em Goiás ganha liberdade	De acordo com a matéria do JN, a decisão de soltar Leomar de Oliveira Barbosa, pelo Ministro do Supremo Marco Aurélio só poderia acontecer se ele tivesse não tivesse sido preso por nenhum outro motivo. O Juiz federal de Goiânia, Alderico Rocha Santos, que expediu o alvará de soltura, também foi claro: não era para soltá-lo se ele já tivesse respondido por outro processo. Mesmo assim, Leomar saiu da Penitenciária de Formosa. 2 funcionários do presídio de formosa que soltaram Leomar foram afastados das funções. A direção afirmou que eles deveriam ter consultado o sistema antes de soltar Leomar, que soma mais de 35 anos em condenações, dentre elas crimes como cárcere privado, sequestro, tentativa de homicídio, entre outros. E ele só havia cumprido 12 anos da pena. De acordo com o Sindicato da categoria dos Agentes Penitenciários, os agentes não têm como checar a ficha dos presos. O presidente do Sindicato, Maxsuell das Neves disse que a maioria das unidades do sistema prisional não tem nem computadores, o que impossibilitaria do agente fazer a conferência. Para o presidente da Comissão de Direito Penal da OAB de Goiás, Rogério Leal, os servidores penitenciários foram negligentes, pois o preso seria “conhecido” entre os responsáveis no sistema. Ainda de acordo com o presidente, Leomar seria membro de uma facção, portanto sua prisão deveria ser prioridade. Na matéria, são exibidas imagens de Leomar e as informações são de que investigações apontam Leomar como chefe de uma quadrilha do Rio de Janeiro, e já foi braço direito do traficante Fernandinho Beira-Mar. Ao final da matéria, a Administração Penitenciária de Goiás afirma que todos os presídios possuem computadores em funcionamento. Em Brasília, o Ministro da Segurança Pública Raul Jungmann classificou a liberação do traficante como um equívoco criminoso. Ao conceder o habeas corpus para o traficante, o ministro Marco Aurélio voltou a contrariar o entendimento da corte sobre prisão em segunda instância. No despacho, ele afirmou que o plenário não discutiu o tema de forma definitiva. Por fim, Leomar agora é considerado foragido da Justiça.
14	27 seg	Meninos que ficaram presos em caverna gravam vídeo de agradecimento no hospital	Eles agradeceram a torcida de todos e lembraram dos médicos e dos mergulhadores. Todos devem ter alto do hospital até a próxima quinta-feira.
16	02 min 14 seg	PF prende quadrilha que clonou celular de políticos e pedia dinheiro em nome deles	De acordo com a matéria, a quadrilha era especializada em clonar o celular de políticos e pedir dinheiro em nome deles. Golpe começou quando hackers invadiram os celulares de ministros e roubaram os contatos por meio de um grupo de redes sociais relacionados à Presidência da República. A investigação começou quando os celulares de 5 ministros foram clonados. De acordo com a reportagem eles faziam pedidos para depósito em dinheiro para as contas dos integrantes das quadrilhas.

Quadro 11 - Mapeamento das edições de julho do segundo semestre de 2018

(continua)

<b>Dia</b>	<b>Tempo</b>	<b>Título</b>	<b>Descrição</b>
16	02 min 27 seg	Golpistas roubam dados e sacam seguro-desemprego de trabalhadores	De acordo com a matéria, quadrilha seria especializada no roubo de seguro-desemprego. Ministério do Trabalho confirmou que recebe denúncias de irregularidades todos os dias e que a Polícia Federal investiga em sigilo fraudes no seguro-desemprego. Na matéria, conhecemos Ivani, uma das vítimas da quadrilha. Na matéria, o dono da lotérica que teria sido o local onde a senha de Ivani foi gerada, diz ter ciência dos riscos envolvidos nesses locais, e que “é o tipo de lugar que o golpista aproveita”, mas que toma todas as precauções possíveis para que não ocorram fraudes. A Caixa Econômica orientou que Ivani procurasse o Ministério do Trabalho para dar seguimento a resolução da situação, mas que precisaria de paciência para receber o dinheiro novamente. Na matéria, o repórter diz que além das precauções tomadas pela Caixa, a Polícia Federal investiga fraudes no seguro desemprego.
16	02 min	PF faz operação em 6 estados contra roubo de cargas	Mais de 30 suspeitos foram presos, resultado de mais de 1 ano de investigação em parceria com as polícias rodoviárias. 64 mandados de prisão foram expedidos em 6 estados brasileiros. A polícia disse que caminhoneiros participavam dos esquemas, dizendo ser vítimas de sequestro, e assim, avisaram às empresas que não tinham mais condições de rodar, e transportavam as cargas até galpões específicos, para serem roubados. Entre cargas e caminhões, a polícia calcula um prejuízo de 8 milhões e 600 mil de reais.
19	05 min	Médico e mãe indiciados por morte de paciente são presos no Rio	Indiciados pela morte da bancária Lilian Calixto depois de um procedimento estético, mãe e filho foram presos. Horas antes de ser preso, Denis Furtado gravou um depoimento numa rede social, dizendo que o que aconteceu foi uma fatalidade. A matéria acompanha a chegada dos dois à prisão cercados por jornalistas, mas sem dar declarações. A delegada responsável pelo caso disse que esperava que eles se apresentassem à delegacia, mas eles foram presos antes, por uma denúncia anônima (que oferecia mil reais como recompensa pelo disque denúncia). Nas declarações do médico, a bancária se sentia bem após a operação, apenas 6 horas depois começou a se sentir mal e ele então, a teria levado para o hospital. O taxista que levou Lilian disse que ela voltaria a Cuiabá na mesma tarde, e que 3h depois ela ligou e disse que o procedimento estava atrasado. O taxista disse que esperou Lilian por 12h. Na operação, o médico teria usado um derivado do acrílico em Lilian. Depois da morte de Lilian, 10 pacientes também foram à delegacia e contou que teve complicações depois de realizar o procedimento.
21	02 min	Rio tem mais uma vítima de bala perdida; tiroteio foi em Manguinhos	A matéria mostra a morte de José Carlos de Jesus, barraqueiro da praia de Copacabana, que foi morto numa troca de tiros entre bandidos e traficantes na porta de casa. Na matéria a família foi entrevistada, e pelas informações, um policial militar e um morador ficaram feridos durante o confronto, mas já foram liberados.

Quadro 11 - Mapeamento das edições de julho do segundo semestre de 2018

(continua)

<b>Dia</b>	<b>Tempo</b>	<b>Título</b>	<b>Descrição</b>
21	02 min	Rio tem mais uma vítima de bala perdida; tiroteio foi em Manguinhos	A matéria começa com a chamada de Bonner dizendo que uma família passou uma semana reunindo provas para tirar um trabalhador preso por engano da prisão. A matéria inicia com um depoimento da prima de Antônio Carlos, preso por ter sido confundido pela polícia com um assaltante. Entre as semelhanças listadas num relatório, que fazia parte de uma investigação que começava por uma comparação de fotos das redes sociais de Antônio Carlos as de um vídeo de um assalto ao consulado venezuelano. No processo, os investigadores citaram a cor da pele, o formato da cabeça e o formato do nariz como semelhanças entre os dois. O engano só foi desfeito porque a família começou a investigar por conta própria, e conseguiram as imagens utilizadas na prisão do familiar. Depois disso, conseguiram o CPF, endereço e todas as informações do verdadeiro assaltante, que já estava preso por outro assalto. A vítima que reconheceu Antônio Carlos reconheceu a luta dos familiares e pediu uma nova visita ao presídio. Lá, reconheceu o erro e pediu desculpas. Ao final da matéria, Bonner diz que mesmo depois de ser solto, a Justiça entendeu que ele ainda deverá responder o processo em liberdade.
21	02 min	Rio tem mais uma vítima de bala perdida; tiroteio foi em Manguinhos	Na matéria, são ressaltados os problemas de quem vive na comunidade. Na descrição textual, lemos: “José Carlos de Jesus, Barraqueiro da praia de Copacabana, foi morto numa troca de tiros entre bandidos e traficantes na porta de casa”. No entanto, na matéria, a repórter Lílian Telles anuncia a troca de tiros entre policiais e traficantes. Ao final da matéria, Herodoto Pereira diz que de acordo com a PM, o tiroteio começou depois que policiais abordaram “um carro suspeito com criminosos dentro”.
24	02 min	Polícia apura se presos participaram do assassinato da vereadora Marielle	A matéria apura as investigações que aponta um envolvimento de um PM reformado e ex-bombeiro foram presos por outro crime. Testemunha diz que eles atuaram na morte de Marielle e do motorista Anderson Gomes.
24	30 seg	Polícia prende ladrão de cargas numa clínica de cirurgia plástica	A nota coberta traz imagens de celular da prisão de Rodrigo Fernandes Goulão de Almeida. A matéria tem um “tom” de humor, focando na mudança de aparência do homem que, após ser sentenciado por roubar cargas de caminhões, fez um implante capilar, e no dia da matéria, passaria por mais um procedimento estético em uma clínica, mas os policiais chegaram antes. Por fim, nos 30 segundos, não temos mais informações sobre os roubos.
24	21 seg	Homem é executado com mais de 100 tiros	A matéria, que é uma nota coberta, revela o que se parecem imagens de câmera de segurança, quando Cláudio Roberto Ferreira é surpreendido em seu carro blindado por tiros de fuzis. Ao final da nota, a apresentadora Giuliana Morrone afirma que a polícia suspeita de que ele era chefe do tráfico.

Quadro 11 - Mapeamento das edições de julho do segundo semestre de 2018

(continua)

<b>Dia</b>	<b>Tempo</b>	<b>Título</b>	<b>Descrição</b>
26	03 min	No RJ, traficantes matam funcionário que entrava em comunidade	A matéria tem início com a gravação da testemunha que acompanhou o sofrimento de Rômulo Faria quando foi baleado em uma comunidade em São Gonçalo, na região metropolitana do Rio. De acordo com a testemunha, bombeiros e policiais não queriam tirar o garoto, e ela disse que tiraria. Nesse momento, a matéria mostra o vídeo do um sargento dando voz de prisão à testemunha. Na confusão, os bombeiros disseram que não tinham o equipamento necessário para resgatar um baleado, e a polícia sugeriu aguardar uma ambulância. Por fim, os bombeiros decidiram emprestar a maca aos moradores, que carregaram o jovem até onde estavam os bombeiros e policiais. O rapaz morreu na chegada ao hospital. O garoto, que trabalhava na empresa de fornecimento de água do Rio, foi morto quando foi realizar o corte de água em uma casa, e ao entrar na rua viram traficantes armados e decidiram retornar, e mesmo assim os traficantes atiraram. Na matéria, a repórter aborda outro caso, de um cabo que foi sequestrado, e apesar da denúncia pelo 190, a polícia se negou a ir fazer o resgate por considerar a área insegura.
26	03 min	No RJ, traficantes matam funcionário que entrava em comunidade	O oficial que atendeu a ligação acabou preso. A região em que foi negado o resgate é patrulhada pelo exército - operações que fazem parte da intervenção nacional de segurança no Rio. Na reportagem, a PM afirma que não poderia socorrer o rapaz pois faziam o patrulhamento em motocicletas, e por isso chamaram os bombeiros. Já os bombeiros afirmaram que a ambulância adequada para esse tipo de socorro chegou em 20 minutos e levou a vítima para o hospital.
26	03min 06seg	Santa Catarina é modelo em reabilitação de presos	A matéria inicia com a apresentadora dizendo que a “criminalidade que assusta os brasileiros acaba provocando mais do que medo, mas alimenta a desesperança de crer que um preso possa se recuperar”. A matéria toca nas iniciativas do Brasil que mostram o contrário, como é o caso de SC, modelo para os demais quando se trata de reabilitação. A matéria aborda a perspectiva do trabalho em uma penitenciária com 900 presos. Nela, 13 empresas estão instaladas e fornecem trabalho aos acautelados. Na entrevista de Willian Roberto dos Santos, a descrição embaixo de seu nome vem “preso”, e explica como funciona o processo de redução de pena. Claudinei Campolin, outro preso entrevistado, fala da importância do “salário” (que na verdade é dividido em uma série de porcentagens, inclusive uma para o estado). 3 em cada 10 presos em Santa Catarina trabalham - esse número é o dobro da média nacional. Na matéria, as fontes oficiais falam sobre os benefícios do trabalho em números. Por último, a matéria ouve Marley, que já está solto e comemora ter aprendido o ofício na prisão.
27	20 seg	54 são presos em MT suspeitos de agir como milícia	Nota coberta dada por William Bonner mostra prisão dos membros da milícia. Polícia diz que eles cobravam taxas de comerciantes e mensalidades de traficantes. De acordo com a reportagem, o esquema era comandado dentro de penitenciárias.

Quadro 11 - Mapeamento das edições de julho do segundo semestre de 2018

(continua)

<b>Dia</b>	<b>Tempo</b>	<b>Título</b>	<b>Descrição</b>
27	03 min	Prefeito de Japeri (RJ) é preso suspeito de ligação com o tráfico	A matéria aborda a prisão de um chefe da quadrilha que entra em contato com o prefeito de Japeri para pedir a liberação do baile que estava sendo proibido pela polícia da cidade. Gravação mostra Carlos Moraes Costa, do Progressistas, conversando com chefe de uma quadrilha de traficantes da localidade de Guandu.
28	29seg	Fortaleza tem segundo dia de ataques a ônibus	Nota coberta dada pela apresentadora Giuliana Morrone, informa que 12 ônibus foram incendiados na região metropolitana de Fortaleza desde sexta. Na matéria, são mostradas imagens dos ônibus queimados e informa-se a destruição de patrimônio público. Na ocasião, a secretaria municipal de segurança não informou a motivação dos ataques.
30	22 seg	Criminosos promovem ataques em Roraima	A polícia afirma que os ataques seriam uma “reação” de facções a uma vitória no maior presídio do estado.
30	22 seg	Criminosos atiram uma granada no prédio de uma delegacia em Maracanaú (CE)	Nota dada por Giuliana Morrone mostra granada que foi detonada por esquadrão anti-bombas. A informação é que o dia 30 de julho é o 4º dia de ataques na região metropolitana de Fortaleza. 16 ônibus já foram queimados.
30	03 min	No Rio, guerra entre tráfico e milícia leva terror a região da Zona Oeste	A matéria, anunciada por William Bonner mostra imagens de celulares com a narração de moradores sobre os intensos tiroteios nas comunidades. Em um dos vídeos, os moradores se perguntam “isso é bandido ou polícia”, e o outro responde “é bandido, pô”. A matéria, que aborda o surgimento das milícias como o maior problema enfrentado pela segurança do rio revela que quatro PMs foram presos por suspeita de envolvimento com criminosos. Na matéria, são explorados depoimentos fortes dos moradores sobre os conflitos, sobretudo da perspectiva do trabalho, já que muitos ficam impossibilitados de deixarem suas casas. A reportagem marca a presença da polícia, mas reforça que os policiais estão envolvidos com as facções.
31	03min	No Ceará, criminosos fazem ataques pelo quinto dia consecutivo	A matéria fala sobre a onda de ataques no Ceará. De acordo com a reportagem, essa seria a segunda onda de ataques criminosos no estado em quatro meses. Na matéria, muitas imagens de celulares são utilizadas, bem como a narração de moradores. A reportagem mostra uma delegacia de polícia que foi alvo de tiros, além de carros e ônibus incendiados pelo estado, também apresenta os números dos ataques, bem como seus alvos. Os moradores ouvidos ressaltam a insegurança e o medo de andar nas ruas, que está “insegura até para a polícia”. A matéria reforça ainda o histórico de ataques no estado. Governo descarta pedir reforços para a Força Nacional. Os ataques são atribuídos a facções criminosas, e também tem relação com vingança a morte de 3 homens no interior do estado.
31	24seg	Roraima vive a segunda noite de violência	A nota coberta dada por Giuliana Morrone mostra ataques na capital e no sul do estado. PM diz que ordem saiu de dentro da penitenciária e seria “reação” a uma vitória.

Quadro 11 - Mapeamento das edições de julho do segundo semestre de 2018

(conclusão)

<b>Dia</b>	<b>Tempo</b>	<b>Título</b>	<b>Descrição</b>
31	04 min	Vingança de policiais é um crime que se repete, diz Anistia Internacional	A matéria se inicia relembrando uma reportagem do JN que aborda a guerra entre traficantes e milicianos. No entanto, mostram moradores das favelas do Rio que relatam abusos durante operações em busca de bandidos que mataram ou feriram policiais nas redondezas. De acordo com a Anistia internacional, a situação é bem comum em várias cidades brasileiras. De acordo com as testemunhas, eles destroem, roubam, comem a comida das casas, entre outras coisas. De acordo com a reportagem, essas são chamadas “operações vinganças”. Na reportagem, testemunhas contam sobre os ataques sofridos pelo batalhão de choque. Na matéria, mostra o crescente aumento de relatos no disque denúncia, no entanto, contrapõe com a informação de que ninguém foi preso. Na matéria, uma defensora pública é ouvida, e explica que os moradores vivem sob dupla intimidação. A anistia investiga o mesmo tipo de ação em vários estados do país.
31	02 min	Polícia faz operação contra quadrilha de roubo de cargas em SP	Grupo roubava alimentos, cabos de cobre, bobinas de aço e matéria-prima para fabricar plástico. A matéria mostra a prisão da quadrilha que também havia sequestrado um motorista. Na matéria, áudios são exibidos além das imagens da prisão.
31	31 seg	PF prende cinco suspeitos de desviar dinheiro da prefeitura de Jales (SP)	A nota coberta dada pela apresentadora Giuliana Morrone revela um esquema de desvio público, em que segundo a PF, a diretora financeira transferia dinheiro público em benefício próprio e de parentes.
<b>TOTAL DE MATÉRIAS: 31</b>			

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Tabela 9 – Edições de agosto 2018 com edições em que houve presença das palavras selecionadas

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

**Análise geral:** no geral, as matérias do mês de agosto trazem temática da agenda dos candidatos à presidência, bem como entrevistas com os mesmos, além de dia dos pais, matérias sobre violência e criminalidade, corrupção e política, esportes e matérias internacionais, além dos vídeos da campanha “O Brasil que eu quero”.

Quadro 12 – Mapeamento das edições de agosto do segundo semestre de 2018

(continua)

<b>Dia</b>	<b>Tempo</b>	<b>Título</b>	<b>Descrição</b>
02	24seg	Polícia do Rio prende 12 suspeitos de integrar milícia	Nota coberta dada por William Bonner mostra que milícia extorquia dinheiro de moradores e comerciantes, entre outros crimes. Na nota, um dos suspeitos é um subtenente reformado do Exército. Outro suspeito é filiado ao Estado Islâmico deportado dos EUA.
06	03 min	No Rio, Paty Bumbum é presa por suspeita de organização criminosa	Prisão da massoterapeuta Patrícia dos Santos Polícia acredita que ela usava silicone industrial nas clientes, o que é proibido. Quatro suspeitas de participação na morte de modelo tiveram prisão decretada.
09	03 min	Números da violência assombram: são quase 200 mortes por dia no Brasil	A matéria cria uma espécie de unidade entre os que sofrem com a violência no país, cita mulheres, homens, jovens e idosos numa espécie de quadro, com diferentes rostos. Enquanto isso, a matéria traz um quadro comparativo dos recordes da violência no país. Em 2017, a média era de 175 mortes por dia no país, 7 por hora, citando a guerra entre facções criminosas como o ponto mais crítico. Apesar de ressaltar SP, SC e DF como os estados onde o índice de mortalidade é menor, os especialistas que falam na matéria dizem que os números são preocupantes. A matéria coloca como exemplo positivo a taxa de Nova Iorque, que é de 3,2 por 100 mil habitantes. A matéria aponta ainda o crescimento da violência contra a mulher. O Anuário Brasileiro de Segurança Pública destaca ainda o tamanho da população carcerária brasileira, a terceira do mundo, atrás apenas dos EUA e da China.
11	03 min	Dois jovens são mortos por ladrões de celulares em SP em pouco mais de 24h	A matéria ouve o pai de Robert Braga, de 16 anos, que foi assassinado no final de semana do dia dos pais. Um dia antes, Paula de Freitas, de 18 anos, morreu mesmo entregando o celular para o ladrão. Na matéria, são apresentados números que indicam mais de 700 roubos por dia em todo o estado.
13	03 min	Polícia do Rio prende quadrilha do jogo do bicho que pagava salários para policiais	De acordo com a matéria, apresentada por Renata Vasconcellos, dezessete pessoas da quadrilha foram presas, incluindo dez policiais e ex-PMs. Alguns já fizeram parte de um batalhão conhecido por abrigar policiais bandidos, como os condenados pela morte da juíza Patrícia Acioli.
14	02	Rio tem dia de violência: 17 tiroteios em todas as regiões da cidade	De acordo com a matéria anunciada por William Bonner a cidade teve em um dia, 20 tiroteios em todas as regiões. Nos últimos dois dias, foram 51 confrontos violentos entre traficantes e policiais, em pontos diferentes da cidade. Imagens de celulares são exibidas ao longo da matéria, enquanto a repórter vai fazendo um panorama sob todas as áreas em que houveram os tiroteios. Casos em que os policiais são feridos são mencionados, no entanto, não conseguimos ter detalhes de todas as mortes, com exceção da morte de Tânia, que levava seu neto à escola.

Quadro 12 - Mapeamento das edições de agosto do segundo semestre de 2018

(conclusão)

<b>Dia</b>	<b>Tempo</b>	<b>Título</b>	<b>Descrição</b>
15	03 min	MP questiona na Justiça excesso de visitas a Lula na prisão em Curitiba	A matéria, apresentada por William Bonner apresenta as visitas dos advogados de forma desorganizada, dizendo que a conduta de Lula e pessoas ligadas a ele, feririam as regras de liberdade de expressão e comunicação na prisão. Segundo os promotores, 'políticos do PT, registrados como advogados, têm livre acesso ao ex-presidente numa tentativa de ludibriar as regras e interferir no processo eleitoral'.
16	21 seg	Polícia prende dois homens pelo assassinato do adolescente Robert Braga	Nota coberta dada Por Renata Vasconcellos mostra a prisão de Leandro Silva e Uilton Dias confessaram o crime, segundo delegado. Robert foi morto quando tentou recuperar o celular roubado pela dupla.
17	36 seg	Justiça do Rio aceita denúncia e decreta prisão preventiva do Dr. Bumbum	Nota coberta dada por Renata Vasconcellos anunciou a prisão preventiva do médico Denis Furtado. Já a prisão da mãe dele, Maria de Fátima Furtado, foi revogada. Denis Furtado é acusado de homicídio doloso, pela morte da bancária Lilian Calixto, depois de um preenchimento estético.
23	02 min	Ladrões deparam casas e lojas na madrugada no Rio	Matéria mostra como agem assaltantes por câmeras de segurança. Na matéria, são mostrados casos como o de um restaurante, que teve 5 furtos em mais de 1 mês. Até os portões foram levados. As câmeras de segurança também mostram pessoas levando placas e tampas de bueiros das ruas. As pessoas que são ouvidas na matéria falam sobre insegurança.
24	02 min	Polícia faz operação em todo o país para prender condenados por homicídio e feminicídio	Ação nacional para combater feminicídios e homicídios. As imagens mostram policiais em todo o país cumprindo mandados de prisão. Agentes prenderam mais de 1.000 pessoas; mas o Brasil ainda tem 143 mil mandados de prisão em aberto em diversos crimes, a matéria apresenta esses números por um gráfico. A matéria passa ainda por estados informando quantas pessoas foram presas por estado.
<b>TOTAL DE PROGRAMAS: 11</b>			

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Tabela 10 – Edições de setembro 2018 com edições em que houve presença das palavras selecionadas

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30						

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

**Análise geral:** A maior parte das matérias do mês são sobre a facada do então candidato à presidência, Jair Bolsonaro, incêndio do museu nacional, crise na Argentina, campanha política presidencial, pesquisas de intenção de voto, corrupção (Lava Jato) e economia.

Quadro 13 – Mapeamento das edições de setembro do segundo semestre de 2018

<b>Dia</b>	<b>Tempo</b>	<b>Título</b>	<b>Descrição</b>
10	02 min	Polícia procura dezenas de presos que escaparam de presídio de segurança máxima na PB	A matéria aborda a fuga de 92 detentos que fugiram depois que outros explodiram o portão principal da penitenciária. Uma das moradoras que teve a casa invadida, conta que entraram para pegar roupas. A matéria mostra ainda a aflição dos agentes penitenciários que não puderam entrar para conter a fuga, já que estava havendo um tiroteio enquanto eles saíam, e muitos presos estavam armados. A matéria mostra ainda vídeos dos presos comemorando a liberdade, e um tenente que morreu baleado na cabeça. O secretário de administração penitenciária do estado disse que os agentes resistiram enquanto podiam, mas que a força de segurança não tem o mesmo poder de fogo dos criminosos. É a maior fuga registrada no estado.
17	04 min	Polícia prende 29 suspeitos de aplicar golpes em correntistas de bancos	De acordo com a matéria, criminosos mandavam e-mails e mensagens por celular pedindo a clientes para atualizar dados das contas bancárias. Dinheiro roubado financiava até clipes de músicas sertanejas.
<b>TOTAL DE MATÉRIAS: 02</b>			

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Tabela 11 – Edições de outubro 2018 com edições em que houve presença das palavras selecionadas

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

**Análise geral:** Como esperado, o mês de outubro se dedica a analisar o resultado das eleições, dando destaque para as pesquisas do Ibope, a agenda dos candidatos, entre outras matérias relacionadas à presidência. Também observamos uma recorrência de matérias relacionadas à corrupção e a economia.

Quadro 14 – Mapeamento das edições de outubro do segundo semestre de 2018

(continua)

<b>Dia</b>	<b>Tempo</b>	<b>Título</b>	<b>Descrição</b>
02	23 seg	Fuga em presídio do Tocantins acaba com 10 presos mortos	A nota coberta anunciada por William Bonner diz que 10 presos foram mortos em confronto com a polícia depois de fugir de um presídio em Araguaína no Tocantins. Detentos fizeram reféns uma professora e agentes penitenciários. Nenhuma informação sobre o presídio é dada.
06	23seg	Polícia prende passageiro de táxi com R\$ 100 mil suspeito de crime eleitoral	Em Teresina, homem disse que o dinheiro seria usado em uma transação comercial. Mas, segundo a polícia, ele tentou entrar em contato com um candidato.
06	37 seg	Polícia prende quatro suspeitos por compra de votos em Maceió	Nota dada por Renata Vasconcellos mostra que segundo a polícia, os suspeitos ficavam com cópias de títulos de eleitor como garantia e pagavam R\$ 100 por cada voto.
10	02 min	Polícia Civil de São Paulo prendeu quadrilha que roubou milhões de contas bancárias	Matéria mostra quadrilha que desenvolveu programa de computador que invadia e limpava contas. Criminosos gastavam fortunas com carros e viagens.
11	03min	PF prende 11 suspeitos de participar do desvio de R\$ 500 mi da saúde no AM	De acordo com a matéria que apresentam as investigações, grupo superfaturava contratos e cobrava pedágio de empresas que participavam do esquema. 11 pessoas foram presas.
13	02 min	Bandidos fazem reféns de “escudo humano” em tentativa de assalto em Manaus	A tentativa de assalto a uma loteria, em Manaus, provocou uma cena dramática. Na troca de tiros com a polícia, quatro assaltantes morreram e um quinto homem foi preso. Nenhum refém se feriu.
14	01 min	Câmeras gravam ação de bandidos atrapalhados no Paraná	A matéria é anunciada com um tom de humor. A chamada diz “A polícia do Paraná está procurando uma quadrilha muito atrapalhada do norte do estado”. Isso aconteceu porque o carro estacionado pelos ladrões não estava com o freio de mão puxado, que foi descendo morro abaixo ao longo do assalto até que bateu numa pilha de tijolos - os assaltantes são filmados correndo atrás do carro por câmeras de segurança. Moradores contam o susto que tomaram.
16	02 min	Bloqueadores de celular dos presídios de Goiás estão desativados	A matéria mostra que os bloqueadores de celular dos presídios de Goiás estão desativados, em que as 128 unidades prisionais do estado não possuem o mecanismo de bloqueio. A empresa que prestava serviço ao estado desligou os aparelhos há quase um ano por falta de pagamento. Isso significa celulares e internet para presos que possuem o aparelho celular. A matéria mostra ainda um diálogo entre um preso e sua esposa, em que ela pede orientações sobre a compra de um aparelho. A administração penitenciária do estado afirmou que abriu uma licitação para o processo de bloqueio de celulares.

Quadro 14 - Mapeamento das edições de outubro do segundo semestre de 2018

(conclusão)

<b>Dia</b>	<b>Tempo</b>	<b>Título</b>	<b>Descrição</b>
16	02 min	Sejus do CE suspende visita de crianças em presídio após menina ser estuprada	A matéria mostra avenidas interditadas por parentes de presos, que pediam melhores condições para as visitas nos presídios. Em um complexo penitenciário, houve motim depois que a Secretaria de Administração penitenciária do estado suspendeu as visitas de crianças a parte dos detentos (que respondem por crimes ligados a atos sexuais) depois que uma menina foi estuprada por um preso, quando tinha ido visitar o pai - a menina foi atraída para um local afastado por um preso. A matéria mostra ainda a disparidade entre o número de agentes que controlam as visitas para o número dos presos.
16	02seg	25 policiais militares foram para a cadeia no Rio de Janeiro	Eles são suspeitos de receber propina para ajudar quadrilhas de traficantes em Volta Redonda, no sul do estado. Ao todo, mais de oitenta pessoas foram presas na operação.
18	03 min	Delegados e policiais são presos no Rio suspeitos de extorsão	Foram presos dois delegados e cinco agentes acusados de pedir dinheiro para liberar criminosos.
19	02 min	PF prende 22 em operação contra fraudes na previdência de servidores municipais	De acordo com a matéria do JN, que mostra o esquema de ação da quadrilha, mostra que os membros agiam num município da região metropolitana do Recife. Os desvios mostrados na reportagem chegam a R\$ 90 milhões.
26	03min	Preso suspeito de enviar bombas a políticos democratas e críticos de Trump	Homem preso na Flórida tem histórico criminal.
<b>TOTAL DE MATÉRIAS:13</b>			

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Tabela 12 – Edições de novembro 2018 com edições em que houve presença das palavras selecionadas

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

**Análise Geral:** Em novembro de 2018, seguindo a proposta do mês anterior, o telejornal traz matérias que informam diretrizes políticas, além de reportagens que giram em torno da temática corrupção, economia e também o caso Lula. Também identificamos matérias relacionadas ao clima.

Quadro 15 – Mapeamento das edições de novembro do segundo semestre de 2018

(continua)

<b>Dia</b>	<b>Tempo</b>	<b>Título</b>	<b>Descrição</b>
02	41 seg	Preso no interior de São Paulo homem acusado de mandar matar a ex-mulher, no Rio	A nota coberta mostra o caso da corretora Karina Garofalo que foi assassinada, com 4 tiros, na frente do filho de 11 anos. Pedro Paulo vai ficar preso preventivamente. Outras 3 pessoas que estavam envolvidas foram presas. Na matéria o repórter diz que a polícia suspeita do motivo ter sido “ciúmes”.
09	02 min	Bandidos executam por engano jovem que estava internado num hospital do RS	A matéria mostra as câmeras de segurança do hospital quando dois homens armados chegam e abrem a porta do quarto onde estava internado Gabriel Minossi, de 19 anos. Rapaz foi confundido com outro criminoso internado na mesma unidade. A equipe de segurança do hospital já havia alertado sobre ameaças que Alex vinha sofrendo, e pediam escolta.
15	37seg	Preso mais um suspeito de envolvimento na morte do jogador Daniel	Segundo a polícia do Paraná, Eduardo Purkote é suspeito de agredir o atleta.
16	40 seg	Presos três suspeitos de ter matado um jovem por engano	O crime foi há uma semana dentro de um hospital, no Rio Grande do Sul. O verdadeiro alvo dos atiradores chegou a ficar internado na mesma ala da vítima.
20	27 seg	Homem que matou a ex-mulher a facadas é preso no Rio	Vanclécio Cordeiro foi localizado por parentes da vítima, quando estavam a caminho do velório.
22	02 min	Polícia Civil e PF prendem dezenas de suspeitos de exploração sexual de crianças	Operação contou com apoio da polícia da Argentina e dos EUA para combater crimes pela internet
26	03 min	Preso, no Rio, o ex-diplomata acusado de espancar a mulher	O caso ganhou destaque depois que a vítima, a atriz Cristiane Machado, gravou algumas das agressões que sofreu do marido Sergio Schiller Thompson-Flores.
26	28 seg	Força-tarefa do Ministério da Segurança Pública retoma controle da maior cadeia de RR	A nota coberta dada por William Bonner informa que a Penitenciária Agrícola de Monte Cristo, em Boa Vista, voltou à normalidade depois de recorrentes fugas. A cadeia, que tem capacidade para 700 presos, recolhe o dobro em suas celas. Só neste ano, foram quatro fugas em massa.
27	19 seg	19 presos em operação contra carne roubada no RS	A matéria mostra como funcionava o esquema de roubo de gado de fazendas. Após o roubo, a venda acontecia sem a devida inspeção.
27	02 min	PF faz operação contra mandantes de série de atentados em RR	A Polícia Federal fez uma operação contra os mandantes de uma série de atentados em Roraima, em julho, e quase todos já estavam presos.
29	02 min	Polícia de SP prende 41 pessoas em operações contra facção criminosa	De acordo com a matéria, a quadrilha era de presidiários. Entre os detidos está o homem considerado como "arquivo" da facção criminosa, que anotava todos os membros da quadrilha, o que cada um devia, etc. Ele foi preso portando pen drives, cadernos, entre outros arquivos.

Quadro 15 - Mapeamento das edições de novembro do segundo semestre de 2018

(conclusão)

<b>Dia</b>	<b>Tempo</b>	<b>Título</b>	<b>Descrição</b>
29	06 min	Pezão é primeiro governador do estado do RJ preso no exercício do mandato	As investigações federais revelaram que Sérgio Cabral e Luiz Fernando Pezão montaram uma rede nos órgãos de fiscalização e controle do estado para encobrir os casos de corrupção.
<b>TOTAL DE MATÉRIAS: 12</b>			

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

#### 5.4.1 Análise da materialidade audiovisual do segundo semestre

O segundo semestre reflete um período conturbado na política brasileira, afinal, o país vinha de uma instabilidade sofrida pelo impeachment da presidente Dilma Rousseff, eleita em processo democrático em 2014. Desde 2016, período em que Michel Temer assume como presidente do país, o país vivia uma corrida para entender quem ocuparia o cargo presidencial em 2018. Assim, é no período aqui descrito que começávamos a conhecer as propostas dos candidatos à presidência, e também, que os telespectadores estavam mais expostos a matérias relacionadas a política e aos principais desafios sociais enfrentados pelo país. Por isso, a matéria que reflete este período tem a ver com a atmosfera de caos e instabilidade retratada pela mídia no período. Com uma série de reportagens sobre o aumento da violência e da criminalidade, em meses em que o aparecimento de matérias relacionado ao cárcere é consideravelmente maior que no primeiro semestre analisado, selecionamos uma matéria que retrata a soltura de um traficante por engano, reforçando a condição de ineficiência do Estado, do sistema prisional e da relação com os presos e o cárcere. A matéria “Por causa de um erro, traficante preso em Goiás ganha liberdade<sup>23</sup>” foi exibida no dia 13 de julho de 2018, três meses antes do primeiro turno das eleições presidenciais. Na descrição da matéria no GloboPlay, encontramos “Leomar de Oliveira Barbosa poderia ser solto se não tivesse outras condenações. Mas ele tem e sua ficha penal não foi checada”.

Anunciada por William Bonner, a matéria de três minutos, tem relação com as matérias que haviam sido exibidas ao longo da semana no Jornal Nacional: o caos da criminalidade no país. Com matérias sobre a violência no Rio e em outras capitais brasileiras, o telejornal vinha retratando o aumento da violência no Brasil. Assim, Bonner introduz a matéria dizendo que por causa de um erro, um traficante internacional de drogas foi solto, e que o homem já havia sido condenado por vários outros crimes.

<sup>23</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8190705/>. Acesso em: 28 ago. 2019.

A matéria tem início com a fotografia tirada no dia em que Leomar de Oliveira Barbosa foi preso, e anuncia que a decisão em soltar o acautelado seria do ministro Marco Aurélio, do Supremo Tribunal Federal (STF), mas que na decisão do ministro, (evidenciada por um recurso gráfico que simula uma mesa de trabalho de um juiz, com papéis, pastas, entre outros objetos, destacando o ofício em que está escrita a decisão), há uma informação sob a condição que deveria garantir a soltura do preso apenas se ele não estivesse sido preso por nenhum outro motivo. Além disso, o juiz de Goiânia que expediu o alvará de soltura, Alderico Rocha Santos, também frisou a advertência de soltura caso o preso respondesse por outros crimes. Na matéria, o repórter Honório Jacometto conta que Leomar teria saído “pela porta da frente” do presídio na região de Goiânia, e que dois funcionários que trabalhavam no presídio foram afastados das funções, porém não diz qual é o cargo que eles ocupavam. De acordo com o repórter, a diretoria de administração penitenciária diz (pelo repórter) que eles deveriam ter consultado o sistema da Justiça estadual antes de liberar o preso, uma vez que ele respondia por outros crimes. Ao todo, são mais de 35 anos de condenação, por cárcere privado, sequestro, roubo e tentativa de homicídio – mas não cita nesse momento os crimes relacionados ao tráfico, dos quais Leomar cumpriu apenas 12 anos.

Uma das fontes ouvidas e que traz uma informação importante à matéria foi o presidente do Sindicato da categoria dos agentes penitenciários, Maxsuell das Neves, que explicou que os agentes não têm como checar a ficha dos presos, pois a maioria das unidades do sistema prisional não tem sequer computadores, principal motivo que inviabilizava esse tipo de acesso ao sistema estadual. Logo em seguida, a matéria exhibe a entrevista com o presidente da comissão de Direito Penal da OAB de Goiás, Rogério Leal, em que ele afirma a negligência com que os servidores penitenciários lidaram com o caso, e que seria “difícil de acreditar” que não houve uma checagem no caso de Leomar. No entanto, o principal argumento apresentado na fala de Rogério Leal é de que o preso seria “conhecido” entre os responsáveis do sistema, e que por ser membro de uma facção, sua prisão deveria ser prioridade. Em sua fala, afirma ainda que há muito trabalho para prender um chefe de quadrilha como Leomar, para que todo o trabalho seja agora perdido de repente.

Assim, são exibidas imagens de arquivo da prisão de Leomar enquanto são reveladas informações são de que investigações o apontam como chefe de uma quadrilha do Rio de Janeiro, e que ele já foi braço direito do traficante Fernandinho Beira-Mar. Já nos segundo finais da matéria, há uma nota dada por William Bonner de que a Administração Penitenciária de Goiás afirma que todos os presídios possuem computadores em pleno funcionamento. Em

Brasília, o Ministro da Segurança Pública Raul Jungmann classificou a liberação do traficante como um equívoco criminoso. Ao conceder o habeas corpus para o traficante, o ministro Marco Aurélio voltou a contrariar o entendimento da corte sobre prisão em segunda instância. No despacho, ele afirmou que o plenário não discutiu o tema de forma definitiva. Por fim, Leomar agora é considerado foragido da Justiça.

Quadro 16 - Eixo e questões de análises relevantes para a pesquisa 3

<b>Personagens da matéria</b>	Leomar Agentes penitenciários Presidente do sindicato dos agentes penitenciários Presidente da comissão de Direito Penal OAB Goiás Sistema prisional presidiários
<b>Pluralidade de vozes ou elementos de diversidade</b>	Na matéria, identificamos uma tentativa de geração de contraponto em relação a defesa dos agentes penitenciários em contraponto com o presidente da OAB Goiás. Nesse caso, os ministros citados não foram ouvidos ou emitiram qualquer nota sobre o caso, além disso, a própria administração penitenciária do presídio em Formosa não foi ouvida para relatar a real situação do presídio. Nesse sentido, apesar de haver opiniões contrárias, não consideramos como sendo a existência de pluralidade de falas – uma vez que elas são tidas no âmbito do distanciamento.
<b>Como se dá a construção da reportagem, há um conflito? Fechamento?</b>	Na análise identificamos uma tentativa de construção de um conflito em relação a responsabilidade da soltura indevida. No entanto, nessa construção o que ganha relevância é o erro do sistema, revelando também um certo amadorismo de nosso sistema prisional, que não consegue cumprir a dinâmica exigida pela justiça brasileira. Nesse sentido, a matéria exhibe uma preocupação clássica do nosso sistema: prender.
<b>Como são representados o preso/cárcere?</b>	Neste caso o preso é representado como um criminoso que reforça a impunidade no Brasil, associado a uma figura bastante conhecida pela população, o Fernandinho Beira-mar, símbolo da criminalidade no Rio de Janeiro. Nesse caso, ele reforça o que seria o grande problema do sistema prisional atualmente: a guerra ao tráfico.
<b>A reportagem apresenta contextos? Quais?</b>	Na análise, este seria o ponto mais crítico em relação a matéria. O Brasil é um país que possui um alto número de presos provisórios, em que grande porcentagem é liberada após a investigação. Nesse sentido, apresentando a situação como um caso isolado, sem oferecer esses dados, ou procurar por outros presídios para entender se essa realidade em relação aos computadores é verdadeira, a matéria não se aprofunda e não contextualiza a realidade do sistema prisional e sobretudo dos presos no país.

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Em um contexto de diversos crimes pelo país, reportagens específicas sobre o aumento da violência em todas as regiões, a matéria analisada em relação a um erro do sistema prisional reforça a sensação que os brasileiros estão sozinhos na luta contra a criminalidade. Assim, apresentando o próprio sistema prisional como um personagem, carente de uma figura própria, recorre aos defensores distanciados, que apresentam argumentos do que supostamente aconteceu. A matéria anuncia a falta de computadores no sistema, no entanto, ao invés da

verificação em outras penitenciárias da região, temos apenas a indignação do presidente da OAB de Goiás, afirmando não acreditar que tal fato aconteceu. Além disso, na contraposição que a matéria faz com as duas fontes que participam, não há uma tentativa em de fato revelar qual a situação que de fato aconteceu. Como apresentado no capítulo 2, o Brasil possui hoje 337.126<sup>24</sup> presos provisórios, número que representa 41% da população carcerária, com crescimento contínuo a cada ano. Nesse sentido, o que parece ser um caso de afrouxamento das prisões, ou um sistema que solta sem verificação como de fato aconteceu no caso de Leomar, a matéria reforça um fato que traduz o oposto da realidade, e não problematiza o fato de que, no Brasil, a prisão não é um problema, mas sim as condições do sistema para receber os acautelados, gerenciar todas essas pessoas e, principalmente, ressocializá-los. Assim, apesar do grande esforço para que as prisões aconteçam - e esse ser um ponto importante para que a justiça de fato aconteça - ela precisa ser acompanhada por um sistema prisional capaz de gerenciar seus acautelados, e oferecer condições para que os funcionários gerenciem esse complexo sistema.

No caso dos presidiários, a matéria reforça uma imagem que não corresponde com o personagem apresentado – tendo grande importância no cenário nacional. Nas cinco regiões do país, o cenário mais comum encontrado são contextos de desigualdade e de crimes envolvendo pouca complexidade. Em outras palavras, o que observamos em relação à maior parte da população carcerária é que os presidiários são pessoas com pequenas participações em complexas teias do tráfico de drogas, pagando suas penas sem usufruir de qualquer benefício, pelo contrário, vivendo muitas vezes em uma realidade de negligência do estado no que diz respeito à saúde e as condições de vida. Além disso, a personagem construída busca uma atribuição de sentido pela imagem de Fernandinho Beira-Mar, personagem conhecido da criminalidade no país, nesse sentido, empresta características, valores e juízos sob o presidiário envolvido na matéria e, conseqüentemente, aos presidiários como um todo. Nesse sentido, o telespectador parece ser levado a se perguntar: se traficantes envolvidos com uma figura importante como o Fernandinho Beira-Mar, considerado criminoso importante pelo sistema não são monitorados, como estaremos protegidos dos “delinquentes e traficantes” do dia a dia?

A sensação de desordem e impunidade é agravada ainda mais pela situação atravessada pelo país no período de julho de 2018, em que tivemos o início das chamadas Convenções

---

<sup>24</sup>Portal G1. CNJ registra pelo menos 812 mil presos no país; 41,5% não têm condenação. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/07/17/cnj-registra-pelo-menos-812-mil-presos-no-pais-415percent-nao-tem-condenacao.ghtml>. Acesso em: 28 ago. 2019.

Partidárias, eventos nos quais os partidos políticos tornam públicas as candidaturas para as eleições do ano. Em 2018, esse era o caso dos presidenciáveis. Nesse sentido, a narrativa de um sistema prisional caótico, que solta criminosos de volta à ativa reforça a necessidade de um presidente que soubesse dar uma resposta ao problema da criminalidade.

## 5.5 O LUGAR DOS PRESIDENCIÁRIOS NO GOVERNO BOLSONARO

Considerando o projeto político eleito para o Brasil em 2018, a partir do cenário apresentado sobretudo em relação aos problemas de Segurança Pública, julgamos necessário analisar o primeiro semestre de governo do atual presidente Jair Bolsonaro. O objetivo era identificar se a cobertura tão presente em relação as matérias de violência se manteria neste período – uma vez que estão em uma diferença de um curto intervalo de tempo.

Tabela 13 – Edições de janeiro 2019 com edições em que houve presença das palavras selecionadas

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

**Análise geral:** Em janeiro de 2019 as matérias giram em torno sobre o rompimento das barragens em Brumadinho, as decisões políticas de Jair Bolsonaro e sua equipe de ministros. Além disso, matérias relacionadas a economia e internacional também são muito frequentes.

Quadro 3 – Mapeamento das edições de janeiro do primeiro semestre de 2019

(continua)

Dia	Tempo	Título	Descrição
03	03 min	Governo do Ceará pede apoio da Força Nacional de Segurança	Região Metropolitana de Fortaleza registra série de atentados como ataques a ônibus, explosão e tumulto em presídio. A matéria deixa claro que as ordens vieram dos presídios, que envolvem 5 adultos e 3 adolescentes.

Quadro 17 – Mapeamento das edições de janeiro do primeiro semestre de 2019

(continua)

<b>Dia</b>	<b>Tempo</b>	<b>Título</b>	<b>Descrição</b>
03	30 min	Americano preso na Rússia é acusado de espionagem	Paul Whelan foi preso na semana passada e hoje foi acusado formalmente
03	23 seg	Decretada a prisão do filho do presidente da Câmara Municipal do Rio de Janeiro	Fábio Felipe é acusado de agredir a mulher a socos.
05	04 min	Força Nacional de Segurança atua com 300 homens para conter violência no Ceará	Atuação no Ceará começa, pois, mais de 90 ataques foram registrados no estado em menos de uma semana. A matéria trata especificamente das alterações sofridas pelos moradores desde o último ataque. Entre as ações, um caminhão que transportava aves foi queimado, e os animais foram queimados vivos (mais de 200). Carros e ônibus são incendiados, alterando a rotina dos moradores. O Conselho Penitenciário do Ceará diz que os ataques seriam uma resposta dos presídios ao novo Secretário de Administração Penitenciária do Estado, que afirmou que não reconheceria as facções existentes no estado. A Força Nacional está no estado para conter as ações.
05	02min	Policial é preso suspeito de matar duas pessoas e ferir outras duas no Amazonas	Um tenente da Polícia Militar do Amazonas está preso suspeito de balear e matar dois PMs e ferir outras duas pessoas. Segundo as investigações, voltavam de uma festa.
09	02 min	Governo do Ceará transfere mais 20 presos para presídio federal do RN	A matéria aborda como os ataques deram problemas à população e a força nacional. Eles são suspeitos de comandar os ataques que completaram uma semana. O medo e a falta de transporte afastaram as pessoas das ruas e lojas registram queda de 90% nas vendas. Em uma semana foram 160 ataques em 42 municípios. A matéria reforça a vinda do Secretário de Adm. Penitenciária como a causa para os ataques. Na matéria, o repórter cita medidas como “medidas simples”, a proibição de tomadas nas celas, a não separação dos presos por facção - que são medidas adotadas pelo Secretário.*** Essa matéria é interessante pq só coloca a perspectiva do Estado. Mas não fala sobre nada do presídio, sendo que o RN é apontado como um dos estados em que há investigação sobre tortura, etc.
09	21 seg	Bandidos levam 23 carros de concessionária em Cuiabá	Nota coberta informa que maior parte dos veículos roubados estava com pouco combustível e ficou pelo caminho na tentativa de fuga.
09	02 min	Bandidos explodem bomba em viaduto no 8º dia seguido de ataques no Ceará	Continuação das matérias ao entorno dos ataques no Ceará. Agora, a matéria aborda como o turismo no estado sofre as consequências da onda de violência. A perspectiva é em relação ao “prejuízo”.
10	03 min	Bandidos fazem arrastão no acesso ao aeroporto internacional do Rio	Linha Vermelha é o principal caminho usado por turistas para o Galeão.

## Quadro 17 – Mapeamento das edições de janeiro do primeiro semestre de 2019

(conclusão)

<b>Dia</b>	<b>Tempo</b>	<b>Título</b>	<b>Descrição</b>
12	31 seg	Criminosos derrubam portão de presídio em Passo Fundo (RS) com uma caminhonete	Nota coberta mostra dezessete presos que escapam correndo. Fugitivos são considerados perigosos.
16	23 seg	Pastor é preso suspeito de torturar dependentes químicos	Nota coberta dada por William Bonner mostra o caso está sendo investigado pela polícia pernambucana. O Pastor torturava mulheres e adolescentes, usando violência física e psicológica, e filmava tudo.
18	02 min	No Rio, guerra no mercado clandestino de estética tem mortes e prisão	Polícia prende suspeita de mandar matar duas pessoas para garantir a liderança no ramo.
19	40 seg	Ceará vive a 17ª noite de ataques de bandidos	A nota coberta passa por atentados em cidades do estado. Imagens dos atentados são mostradas enquanto a repórter lê a nota. Até o momento, 400 pessoas foram detidas.
23	02 min	Bandidos atacam postos de combustíveis no Ceará	Secretaria de Administração Penitenciária fez balanço das apreensões dentro das celas.
25	03 min	Ataques criminosos voltam a se intensificar no Ceará	A matéria começa resgatando imagens da matéria que fala sobre os postos de combustíveis. Imagens dando um panorama dos novos ataques são mostradas ao longo da matéria. A responsabilidade dos ataques é atribuída aos presidiários, que já tiveram TVs retiradas, tomadas inutilizadas, e visitas retiradas. Além da apreensão de celulares, 39 detentos foram levados para presídios Federais. O Secretário de Administração Penitenciária afirma que vai continuar a aplicar “medidas duras” contra o crime organizado nos presídios. A matéria mostra uma gravação dos ataques que eles mesmos fazem e colocam como se eles estivessem “prestando contas do crime que cometeram”. Na matéria, é a primeira vez que ouvimos o secretário de administração penitenciária Mauro Albuquerque, que informa que a população pode ficar tranquila, que eles não irão ceder. O diálogo é interessante, ele fala sobre lei, e o cumprimento da lei, finalizando a matéria.
30	14 seg	Criminosos incendiam ônibus na periferia de Fortaleza	Quatro homens obrigaram os passageiros a descer e atearam fogo. Até agora ninguém foi preso. O Ceará tem sido alvo de atentados desde o início de 2019.
<b>TOTAL DE MATÉRIAS: 16</b>			

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Tabela 14 – Edições de fevereiro 2019 com edições em que houve presença das palavras selecionadas

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28		

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

**Análise geral:** Em fevereiro de 2019, observamos uma grande recorrência nas matérias que abordam o feminicídio (tema que estava sendo discutido em toda a programação da emissora). No entanto, são as excepcionalidades que preenchem a programação do telejornal neste mês, que cobre o desabamento de um prédio em São Paulo, o incêndio no Ninho do Urubu, que matou 10 jovens; além de deslizamentos provocados pelas chuvas em Niterói, e a morte do jornalista Ricardo Boechat.

Quadro 18 – Mapeamento das edições de fevereiro do primeiro semestre de 2019

(continua)

Dia	Tempo	Título	Descrição
04	04 min	Moro propõe que lei classifique facções e milícias como organizações criminosas	A matéria fala sobre o “pacote anticrime”, do ministro Sérgio Moro. A matéria faz uma contextualização da medida que foi inspirada no Código Penal italiano, que cita os nomes de grupos da máfia. Texto do pacote anticrime amplia a definição de organização criminosa. O morador ouvido na matéria (com proteção), diz que vive em constante medo. No texto da matéria: “a milícia tem braços na política e as mãos sujas de sangue”. Na matéria também é mencionado o envolvimento da milícia no caso Anderson e Marielle.
06	02 min	No Rio, tiroteio entre PMs e criminosos na Avenida Brasil deixa cinco feridos	Na matéria, imagens mostram o tiroteio na avenida Brasil. Imagens dos celulares das pessoas que estavam no local compõem as imagens da reportagem. A troca de tiros foi em frente à Fiocruz. Os funcionários se jogaram no chão do refeitório e nos corredores. Também houve tiroteios na Linha Vermelha e na Rio-Santos.
08	02	Operação policial no Rio termina com 13 mortos	A matéria anuncia a guerra do tráfico que acontece no Rio. O morro do Fallet-Fogueteiro e Morro da Coroa vivem guerra de facções. Na matéria, um vídeo que parece ser de um morador mostra o momento em que os traficantes tentam invadir o morro. O batalhão de choque do BOPE foi acionado, e de acordo com os policiais, foram recebidos a tiros, e assim o tiroteio começou. A matéria traz ainda o depoimento de moradores que questionam a ação da polícia, alegando que mataram todos os rapazes que estavam dentro de uma casa. Na matéria, a moradora (que está protegida por uma tarja) diz que “é para prender, não é para matar”.

Quadro 18 - Mapeamento das edições de fevereiro do primeiro semestre de 2019

(continua)

<b>Dia</b>	<b>Tempo</b>	<b>Título</b>	<b>Descrição</b>
09	02 min	Bolsonaro concede indulto para presos com doenças graves	A matéria anuncia a concessão do Presidente, que chegou a anunciar que seu governo não concederia indulto nenhum, mas aceitou a proposta com viés humanitário e mais restritivo elaborada pelo ministro Sérgio Moro.
12	02 min	Traficante El Chapo é condenado à prisão perpétua de tribunal de NY	Aos 61 anos, ele foi condenado por todos os dez crimes de que era acusado, incluindo formação de quadrilha, lavagem de dinheiro e narcotráfico.
13	04 min	Presos de facção de São Paulo são transferidos para presídios federais	A matéria traz imagens da transferência dos presos, em que pessoas gravam vídeos impressionadas com a quantidade de carros de segurança e helicópteros envolvidos na transferência. Foram transferidos Marco Williams Herbas Camacho, o Marcola, suposto chefe da quadrilha, e mais 21 presos. De acordo com a matéria, o Ministério Público pediu transferência após descobrir plano de fuga para liberar os chefes da quadrilha.
13	02 min	Governo endurece regras de visitação nos presídios federais	A matéria informa as novas regras de visitação nos presídios federais, e faz relação com a matéria anterior. A partir das novas regras, presos vão se comunicar com visitantes por videoconferência ou parlatório. Segurança nos arredores das unidades para onde foram levados 22 presos de facção de SP é reforçada.
18	04 min	No Rio, acusado de espancar mulher tem prisão preventiva decretada	Foi o primeiro encontro de Elaine e Vinicius. Ela teve fraturas no rosto, perdeu um dente e tem lesões por todo o corpo. Não foi a primeira agressão cometida por ele.
21	02 min	PF de Tocantins prende 28 em ação contra tráfico internacional de drogas	PF de Tocantins prende 28 em ação contra tráfico internacional de drogas
27	23 seg	Homem é preso por matar mulher com botijão de gás	Nota coberta mostra que Suspeito já tinha sido preso por violência doméstica.
28	21 seg	Justiça determina a prisão do homem que atirou ácido na ex-mulher	Suspeito tinha sido liberado pela polícia de Alagoas depois de se apresentar espontaneamente.
<b>TOTAL DE MATÉRIAS: 11</b>			

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Tabela 15 – Edições de março 2019 com edições em que houve presença das palavras selecionadas

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

**Análise geral:** Como geralmente acontece no mês de fevereiro, as matérias voltam-se para a temática do carnaval e demais acontecimentos relacionados a ele. No entanto, é em fevereiro que o telejornal faz a cobertura sobre o ataque em uma escola em Suzano/SP, que deixou 10 mortos. Além disso, observamos também a recorrência de matérias sobre o cenário internacional.

Quadro 19 – Mapeamento das edições de março do primeiro semestre de 2019

<b>Dia</b>	<b>Tempo</b>	<b>Título</b>	<b>Descrição</b>
20	29 seg	Doleiro é preso suspeito de envolvimento na organização criminosa de Sérgio Cabral	Sérgio Reinas foi preso em São Paulo pela Polícia Federal.
21	02 min	Boletim JN 2: Michel Temer é o segundo ex-presidente preso por corrupção	Moreira Franco é o quinto ex-governador do Rio de Janeiro a ser preso. Os detidos serão levados para o Batalhão Especial Prisional da PM em Niterói, na região metropolitana do Rio.
21	02 min	Boletim JN: Prisão foi decretada pelo juiz Marcelo Bretas, da 7ª Vara Federal do Rio	Operação Radioatividade investiga suposto pagamento de propina pela Engevix em contratos com a Eletronuclear.
21	04 min	Prisões são resultado da investigação sobre obra da usina nuclear Angra 3	Usina é administrada pela estatal Eletronuclear. Segundo MPF, uma das empreiteiras responsáveis pela construção pagou propina para o grupo de Michel Temer.
21	01 min	PM é preso após agredir mulher em lanchonete no Rio	Imagens de lanchonete no Rio mostram PM arrastando mulher pelos cabelos, dando pontapés e várias coronhadas. Policial disse que foi tirar satisfações na lanchonete porque um dos sanduíches que pediu pelo celular foi entregue errado.
21	01 min	Prisão do ex-presidente Temer repercute na imprensa internacional	Rede britânica BBC escreveu, no site, que a prisão de Temer era considerada iminente, depois de ele ter perdido o foro privilegiado ao deixar a Presidência.
21	02 min	Ex-ministro Moreira Franco é o quinto ex-governador do Rio a ser preso	PF esperava Moreira no desembarque de aeroporto no Rio, mas ele conseguiu sair sem ser visto. Foi um taxista que levou os policiais federais até o carro onde estava o ex-ministro,
22	05 min	Preso no Rio, ex-presidente Temer fica em silêncio no depoimento à PF	De acordo com a matéria, Moreira Franco negou que tenha pedido ou pago propina. Habeas corpus pedido por Temer só será julgado na quarta (27) pela Primeira Turma do TRF-2.
22	03 min	Vizinho de Temer preso é suspeito de ser 'caixa-forte' da propina	Vanderlei de Natale é dono da Construbase que, segundo o MPF, transferiu R\$ 17,7 milhões entre 2010 e 2015 para a PDA Projetos, do coronel Lima, em benefício de Michel Temer
23	05 min	Temer passa o sábado preso no Rio sem visitas; PF não autorizou	Ex-presidente, o amigo coronel Lima e o ex-ministro Moreira Franco são investigados por crimes relacionados à construção da usina de Angra 3.
30	02 min	Justiça condena homem a 27 anos de prisão por feminicídio	A matéria mostra a condenação de um homem que matou a namorada com golpes de martelo no Mato Grosso do Sul, e o condenou a 27 anos de prisão.
<b>TOTAL DE MATÉRIAS: 11</b>			

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Tabela 16 – Edições de abril 2019 com edições em que houve presença das palavras selecionadas

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30				

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

**Análise geral:** Em abril de 2019 há uma recorrência de matérias que tratam de acidentes, temporais e desastres climáticos. Os protestos na Venezuela também se destacam, juntamente com matérias voltadas ao crime de feminicídio. Por fim, observamos uma forte cobertura internacional, especialmente pelo incêndio na catedral *Notre Damme*, em Paris.

Quadro 20 – Mapeamento das edições de abril do primeiro semestre de 2019

(continua)

Dia	Tempo	Título	Descrição
03	02min	No RJ, ex-presidiário confessa morte de namorada e é preso	A matéria diz que Cristiane e Alexandre se conheceram num aplicativo de mensagens, e que ele estava preso em Bangu por homicídio. Segundo a família, ela o ajudou a deixar a cadeia. Na matéria, as informações são que ele teria matado um homem que havia tentado estuprar a irmã dele. Na matéria, no depoimento do irmão, as brigas eram constantes entre os 2.
04	03 min	Ação contra ladrões de banco termina com troca de tiros e 11 mortos em SP	A PM já premeditava os ataques, e já havia enviado policiais ao local. Assim, quando os assaltantes chegam, começou a troca de tiros. De acordo com a matéria, a PM apreendeu fuzis, espingardas, pistolas e coletes à prova de balas. O Governador João Doria (PSDB) elogiou a ação da polícia e disse que vai condecorar os policiais.
05	02 min	Preso o quarto suspeito de participar de ataques a bancos de Guararema	A reportagem contextualiza como todos estão voltando ao normal na cidade após o tiroteio - quadrilha tentou explodir caixas eletrônicos; segundo a polícia 11 bandidos morreram.
10	02 min	Prisão de 9 militares envolvidos em morte de músico se torna preventiva	Músico Evaldo Rosa dos Santos, morto quando seu carro foi alvejado por 80 tiros, na Zona Norte do Rio, foi sepultado em clima de comoção.
19	03 min	Decretada prisão dos suspeitos de vender apartamentos dos prédios que desabaram na Muzema	A polícia procura três suspeitos de construir e vender apartamentos dos prédios que desabaram na Zona Oeste do Rio. A tragédia na comunidade da Muzema completou, nesta sexta (19), uma semana.

Quadro 20 - Mapeamento das edições de abril do primeiro semestre de 2019

(conclusão)

<b>Dia</b>	<b>Tempo</b>	<b>Título</b>	<b>Descrição</b>
24	02 min	Operação policial cumpre milhares de mandados de prisão em todo o país	A matéria anuncia a operação que aconteceu em todo o país, e mostra as imagens dos mandados de prisão sendo executados. De acordo com a matéria, presos e menores apreendidos respondem por crimes violentos.
26	03min	Monitor da Violência mostra que superlotação nos presídios aumentou	O Brasil, que tem hoje mais de 704.395 presos, e a capacidade seria para 415.000. O que significaria mais de 300.000 vagas. E os números das prisões continuam aumentando de forma muito mais rápida que o número de vagas. Na matéria, a repórter passa pelos maiores índices de superlotação do país, que começa por Pernambuco. De acordo. A presidente do conselho nacional de justiça e administração penitenciária, diz que para resolver o problema de vagas, a “conta é muito alta”, em torno de 17 bilhões de reais. E quando a repórter pergunta? “Então vai continuar essa superlotação? ”, ele responde: infelizmente vai. Mas nós temos que trabalhar mais no monitoramento eletrônico, agilidade no julgamento dos presos, reduzir as prisões provisórias e ampliar as penas alternativas”. Logo após a fala dele, a repórter traz dados que mostram que na realidade, o que acontece é outra coisa, mais de 250 mil detentos estão presos, mas ainda esperam o julgamento. Nesse monitoramento, há um levantamento que aponta de menos de 20% dos presos brasileiros trabalham, e percentual dos que estudam é menor ainda (12%). O levantamento é uma parceria do G1 com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública e o Núcleo de Estudos da Violência da USP.
<b>TOTAL DE MATÉRIAS: 07</b>			

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Tabela 17 – Edições de maio 2019 com edições em que houve presença das palavras selecionadas

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

**Análise geral:** Em maio, as coberturas se intensificam em torno da temática política. Há a cobertura de manifestações contra o corte na educação, apesar de um tanto superficiais. Nesse mês também observamos matérias em que são discutidos projetos de leis polêmicas (internação involuntária, decreto de armas, etc). A matéria sobre o massacre no presídio de Manaus aparece na grade da programação no dia 27, com mais de 10 minutos de duração, no entanto, bastante

focada na reação dos familiares do que do acontecimento em si. Ao fim da matéria, é apresentada uma passagem com informações ditas pelo Ministro da Justiça, Sérgio Moro.

Quadro 21 – Mapeamento das edições de maio do primeiro semestre de 2019

(continua)

<b>Dia</b>	<b>Tempo</b>	<b>Título</b>	<b>Descrição</b>
01	38 seg	Julian Assange recebe pena de 50 semanas de prisão	Justiça britânica considera que fundador do Wikileaks violou condicional.
03	34 seg	Falta de vagas em presídios do RS faz detentos ficarem dentro de carros da polícia	Nota de apenas 34 segundos mostra detentos em viaturas na rua, e os policiais não puderam patrulhar as ruas como de costume pois precisaram fazer vigilância aos detentos. Segundo governo gaúcho, faltam mais de 300 mil vagas no sistema prisional do estado, e a solução provisória que está sendo arranjada são contêineres para abrigar até 16 presos (com ar condicionado).
11	1 min	Justiça do RS determina que presos provisórios sejam retirados de viaturas e delegacias	O prazo é de 48 para a liberação dos presos que estavam presos em viaturas (que estavam no regime de prisão provisória). Proibiram também a prisão de pessoas por mais de 1 dia em viaturas. Mais de 90 presos estavam nessas condições. Governo gaúcho declarou que faltam 13 mil vagas no sistema prisional, mas que vai acatar a decisão.
14	02 min	Está preso, em São Paulo, o vigia que atirou num cliente de 74 anos	A matéria mostra o ataque ao idoso que está em estado grave.
16	41 seg	Justiça volta a decretar prisão de ex-ministro petista José Dirceu	TRF-4 manteve a pena de oito anos e dez meses de prisão por contratos irregulares com a Petrobras. Defesa de Dirceu ainda pode recorrer, mas disse que ele vai se entregar.
27	10min e 26	Justiça intervém em penitenciária de Manaus onde mais de 50 presos morreram	A matéria começa relatando as semelhanças entre o massacre de janeiro de 2017 com esse, inclusive no número de mortos. Foram dois dias de guerra interna de uma facção, detalhe que o massacre aconteceu no horário de visita do dia anterior, mas não foi noticiado pelo jornal nacional. Na matéria, a repórter houve a mãe de um preso, que relata ter recebido uma foto que parecia ser seu filho, morto. Quando a mulher termina de contar, a repórter pergunta: “e na foto ele estava o que? ”, e a mulher chorando, diz “ele estava morto, meu Deus”. Na matéria, a guarda Nacional faz a segurança do presídio, e das visitas que tentam entrar, mas já estavam suspensas por cerca de 30 dias por conta dos últimos assassinatos. A matéria diz que “ainda não se sabe o motivo ou a razão para o conflito”. O Complexo Penitenciário Anísio Jobim registrou um massacre há menos de um ano e meio. A matéria volta para o estúdio, em que William Bonner faz a ligação com os ataques de janeiro de 2017, em que 112 presos fugiram do presídio do Amazonas numa rebelião. A reportagem então resgata o arquivo da reportagem que foi ao ar no dia do massacre.

Quadro 21 - Mapeamento das edições de maio do primeiro semestre de 2019

(conclusão)

<b>Dia</b>	<b>Tempo</b>	<b>Título</b>	<b>Descrição</b>
27	10min e 26	Justiça intervém em penitenciária de Manaus onde mais de 50 presos morreram	A matéria contextualiza o que aconteceu naquele dia e também resgata números e reportagens do massacre do Carandiru. Depois, a matéria volta para o estúdio, com Renatta Vasconcellos, agora ouvindo informações de Brasília, sobre o ministro da Justiça, Sérgio Moro, que acertou a intervenção da Força Nacional pelo telefone, pois ia para Lisboa dar uma palestra. Por fim, Renata chama a repórter em Manaus ao vivo, que fala sobre a tristeza vivenciada dos familiares dos presos. De acordo com a repórter, nenhum agente penitenciário foi ferido, e 90% dos presos morreram asfixiados.
28	6 min	Governo do AM transfere presos acusados de comandar massacre	15h da tarde 9 detentos foram transferidos para unidades de segurança máxima no Amazonas. A matéria contextualiza que cinquenta e cinco presos morreram em dois dias de conflitos entre membros de uma facção em complexo penitenciário de Manaus. Governo federal enviou força-tarefa de intervenção. O Governador do estado comentou sobre a dificuldade de controlar o que acontece dentro das celas, dizendo que eles foram mortos por “companheiros de cela, então como você vai evitar uma situação dessas”? A matéria faz um apanhado de todas as mortes e os locais por meio de um esquema visual. Na matéria, são ouvidos representantes do Ministério da Justiça que dizem estar “atentos” à situação. Sérgio Moro também dá uma declaração sobre o acontecimento. Os familiares envolvidos falam de “seguir a vida” após a chacina. Os corpos sem identificação estão armazenados em um caminhão frigorífico que foi alugado pelo governo do estado, pois a capacidade do IML é de 20 corpos. O COMPAJ é administrado de forma público-privada, pela empresa Umanizzare.
<b>TOTAL DE MATÉRIAS: 07</b>			

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Tabela 18 – Edições de junho 2019 com edições em que houve presença das palavras selecionadas

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30						

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

**Análise geral:** As matérias de junho, no geral, trazem matérias relacionadas a temporada de festa junina, além de muitas matérias sobre saúde, educação e corrupção. Também há muitas matérias relacionadas à Copa do Mundo, além do caso do Neymar, em que o jogador foi acusado de estupro. Além disso, as matérias sobre os protestos contra bloqueios na educação

também tiveram destaque, com espaço ainda para as operações da Lava-jato, greves contra a reforma da previdência, casos de microcefalia em bebês, e o escândalo envolvendo mensagens do ministro da Justiça Sérgio Moro.

Quadro 22 – Mapeamento das edições de junho do primeiro semestre de 2019

<b>Dia</b>	<b>Tempo</b>	<b>Título</b>	<b>Descrição</b>
04	25 seg	Pais acusados de matar filha são condenados à prisão	Nota coberta informa a condenação dos pais acusados de espancar a filha de 5 anos até a morte no ano passado. O pai pegou 35 anos de prisão, a mãe, foi condenada a 23 anos. Júri popular foi realizado em Itapetininga (SP).
06	25 seg	Justiça alemã condena ex-enfermeiro à prisão perpétua	Assassino em série matou 85 pacientes entre 2000 e 2005
18	02 min	Mulher que passou 11 dias presa injustamente deixa a cadeia, no Rio	A matéria aborda o caso de uma mulher que foi presa injustamente por 11 dias em uma cadeia no Rio de Janeiro. A verdadeira suspeita era a irmã de Danielle, e está (até o período da matéria) foragida.
20	03 min	Dois filhos da deputada Flordelis têm prisão temporária decretada no RJ	Dois filhos da deputada Flordelis têm prisão temporária decretada no RJ
<b>TOTAL DE MATÉRIAS: 04</b>			

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

### 5.5.1 Análise da materialidade audiovisual do terceiro semestre

As edições que continham as palavras-chave buscadas no terceiro semestre de análise apresentavam uma particularidade, pois os termos “preso” e “presos” na grande maioria das matérias está relacionada a ação da polícia em prender, e não como um substantivo, identificando assim os presidiários. Acreditamos que esse fato tem a ver com uma tentativa de aproximação do que os resultados das eleições revelaram em relação às expectativas e desejos dos brasileiros para o comando do país. Levando à presidência Jair Bolsonaro, que tinha um discurso muito claro em relação ao combate à violência, revelando em suas propostas ações como o excludente de ilicitude<sup>25</sup> e o armamento da população. Por isso, a matéria selecionada “Ataques criminosos voltam a se intensificar no Ceará<sup>26</sup>”, representa esse momento de resposta ao combate da criminalidade do país, envolvendo um dos principais atentados relacionados a

<sup>25</sup>O chamado “excludente de ilicitude” define casos em que ação de agentes é considerada de 'legítima defesa', proíbe que eles sejam presos em flagrante e garante defesa feita pela AGU em processos judiciais. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/11/22/excludente-de-ilicitude-entenda-projeto-de-bolsonaro-que-pode-isentar-agentes-de-seguranca-e-militares-de-punicao-em-operacoes-de-glo.ghtml>. Acesso em: 15 jan. 2020.

<sup>26</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7330233/>. Acesso em: 15 jan. 2020.

facções criminosas nesse período no país – elemento central para o contexto da violência e dos desafios nos sistemas prisionais pelo país. Assim, a matéria exibida no dia 25 de janeiro de 2019 traz a figura do novo secretário de Administração Penitenciária, capaz de causar reação entre criminosos por endurecer a conduta dos presídios. Na descrição do site, o texto apresenta que o “Secretário de Administração Penitenciária afirma que vai continuar a aplicar medidas duras contra o crime organizado nos presídios”.

Assim, a matéria tem início com a chamada de Renata Vasconcellos, fazendo menção à volta de ataques no Ceará. É importante contextualizar que a matéria exibida no dia 25 é a 7ª matéria exibida no mês de janeiro sobre a situação que vivia o Ceará, já com mais informações sobre o caso como um todo. Construída nesse contexto, a matéria inicia resgatando imagens de câmeras de segurança dos ataques aos postos de gasolina e a ônibus públicos, fazendo uma espécie de panorama de tudo o que chegou a ser destruído no estado ao longo do mês. A matéria foca principalmente nas interrupções de atividades de serviços básicos, e também de obras da prefeitura. Na passagem, Alessandro Torres, repórter, traz informações sobre a que estavam sendo atribuídas as motivações dos ataques, que seriam a presidiários pertencentes a facções criminosas do estado. Ainda de acordo com o repórter, nesses 23 dias as ações da Força Nacional e da nova administração penitenciária transferiram 39 pessoas, apreendeu celulares, retirou tomadas, televisores e proibiu celulares, e mesmo assim os ataques não cessaram. Na matéria, o secretário de segurança André Costa é ouvido, e diz que pessoas que praticavam outros crimes passaram a fazer os ataques, o secretário diz ainda que muitos oportunistas estão se aproveitando da onda de ataques para praticar assaltos e outros tipos de crime, a que ele atribui a característica de “molecagem”. A matéria em seguida mostra uma gravação, que o repórter diz ser feita por bandidos, do incêndio de um ônibus, e de acordo com o texto, estariam “prestando contas” do crime que cometeram. Em seguida, são exibidas imagens do governador do Ceará, e o repórter introduz uma pergunta feita para o governador, se ele realmente teria decidido não separar mais os presos por facção, e ele afirma que está apenas cumprindo a lei de execução penal. Em seguida, a matéria apresenta a figura do Secretário de Administração Penitenciária, Mauro Albuquerque, que deu uma entrevista por telefone sobre a continuação das medidas duras contra os presidiários. Na fala do secretário, é exibido um recurso gráfico ao fundo, em que suas falas são transcritas. Nele, temos um discurso completamente voltado para as aflições da população, em que ele diz: “Nós não vamos ceder. A população pode ficar tranquila quanto a isso. Eu não faço acordo com bandidagem. Pode ter certeza que nós vamos

vencer. Para isso, nós estamos aqui. Não existe meio termo, existe a lei. E a lei vai ser cumprida.  
”, e assim a matéria termina.

Quadro 23 – Eixo e questões de análises relevantes para a pesquisa 4

<b>Personagens da matéria</b>	Criminosos responsáveis pelos ataques Os presidiários mandantes dos crimes Força Nacional de segurança Secretário de Administração Penitenciária Secretário de Segurança
<b>Pluralidade de vozes ou elementos de diversidade</b>	Não encontramos elementos de diversidade na matéria, a única perspectiva abordada é a de que o endurecimento das regras nos presídios teriam motivado os ataques, mas não há uma confirmação ou um contraponto de outra possibilidade de motivador.
<b>Como se dá a construção da reportagem, há um conflito? Fechamento?</b>	Na reportagem temos, assim como na dramaturgia, a construção de momentos narrativos que apresentam o cenário, exibem o conflito e depois apresentam uma resolução. Esses momentos são exemplificados por: as cenas dos ataques; a exposição da motivação dos ataques e seus personagens (presidiários) e o fechamento, com a fala do secretário Mauro Albuquerque.
<b>Como são representados o preso/cárcere?</b>	Na matéria analisada, observamos um empréstimo de sentido em relação aos criminosos que realizaram os ataques com os presidiários que teriam ordenado os ataques. No entanto, a matéria não apresenta qualquer verificação ou contraponto em relação a situação dos presídios e penitenciárias do Estado, nem mesmo por meio de fontes oficiais como diretores de presídios desses espaços. Assim, os presidiários são representados pela ideia de caos e de resistência a uma postura de correção por parte da administração penitenciária.
<b>A reportagem apresenta contextos? Quais?</b>	A matéria retoma a cronologia dos ataques no Ceará, no entanto, não coloca nenhum dado sobre superlotação, ou outra perspectiva em relação a situação desses espaços. Não contextualiza também a movimentação por todo o país da ação das facções criminosas, ou mesmo a linha de atuação do atual secretário de administração penitenciária.

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Após um processo eleitoral que teve como vencedor um presidente cujo discurso prometia uma vigorosa atuação das forças militares e policiais para conter a criminalidade – que foi representada ao longo do período eleitoral pela mídia – as matérias analisadas no primeiro semestre de 2019 apresentam, em sua grande maioria, resoluções de casos de violência. Dentre as matérias analisadas, selecionamos a matéria que aborda a atuação da Força Nacional para conter os ataques no Estado do Ceará. Nesse sentido, vemos emergir os personagens dos crimes (criminosos ateando fogo e realizando diversos crimes) orientados pelos presidiários – personagens que simbolizam a criminalidade e ainda são capazes de controlá-la em um espaço em que deveriam estar sendo contidos. Em contraponto, apresentam

a Força Nacional de Segurança e o secretário de administração penitenciária como as forças do Estado que já não toleram mais esse tipo de comportamento dos encarcerados. Na matéria, o repórter cita a proibição do uso de tomadas, televisores, e de visitas. Nessa perspectiva os direitos dos acautelados são confundidos com a concessão de privilégios, que possuem uma série de restrições naturais do ambiente da prisão, mas também sofrem uma série de privações que afetam diretamente na dignidade do apenado. Nesse sentido, encontramos a mesma superficialidade características de matérias relacionadas ao sistema prisional, incapazes de contextualizar os fatos a problemas mais complexos, auxiliando a população a entender de fato o tamanho do desafio social enfrentado. Assim, reduz-se a informação a uma espécie de comunicado, sem um aprofundamento que acompanha e também oferece pontos de reflexão.

Em relação a figura do secretário de administração penitenciária, que fecha a matéria, há um discurso que evidencia o trabalho feito por ele, destacando sua fala que tranquiliza a população e oferece uma ação “linha dura” contra o que ele chama de “bandidagem”. No entanto, a matéria não cita que o secretário teve participação em outros papéis em cadeias dos estados da região norte/nordeste, como em Alcaçuz, no Rio Grande no Norte, implementando regras de disciplina que estão sob investigação na perspectiva de violação aos Direitos Humanos<sup>27</sup>. O problema dessa perspectiva é que ela sugere que o simples endurecimento de regras nas penitenciárias seria o suficiente para a resolução de um problema bem mais complexo, e que na maioria das vezes, não envolve a concessão de privilégios aos presidiários.

## 5.6 UMA REFLEXÃO SOBRE O BOOM DA VIOLÊNCIA

Na busca por compreender quais semestres trouxeram as palavras-chave selecionadas e, sobretudo, em quais contextos elas apareceram, desenvolvemos uma série de gráficos que representam o crescimento dos termos e a aparição das palavras-chave em cada semestre analisado. Ao todo, analisamos 469 programas, exibidos ao longo dos três semestres analisados, e em um primeiro momento, o dado que mais chama a atenção é o fato de só termos encontrado uma única matéria ao longo desse período que tratava a temática da ressocialização. A matéria, exibida no dia 26 de julho de 2018 tinha como título: “Santa Catarina é modelo em reabilitação de presos”, e abordava, sobretudo, a perspectiva do trabalho como ponto central para esse sucesso – revelando uma dimensão capitalista na resolução de complexos problemas sociais.

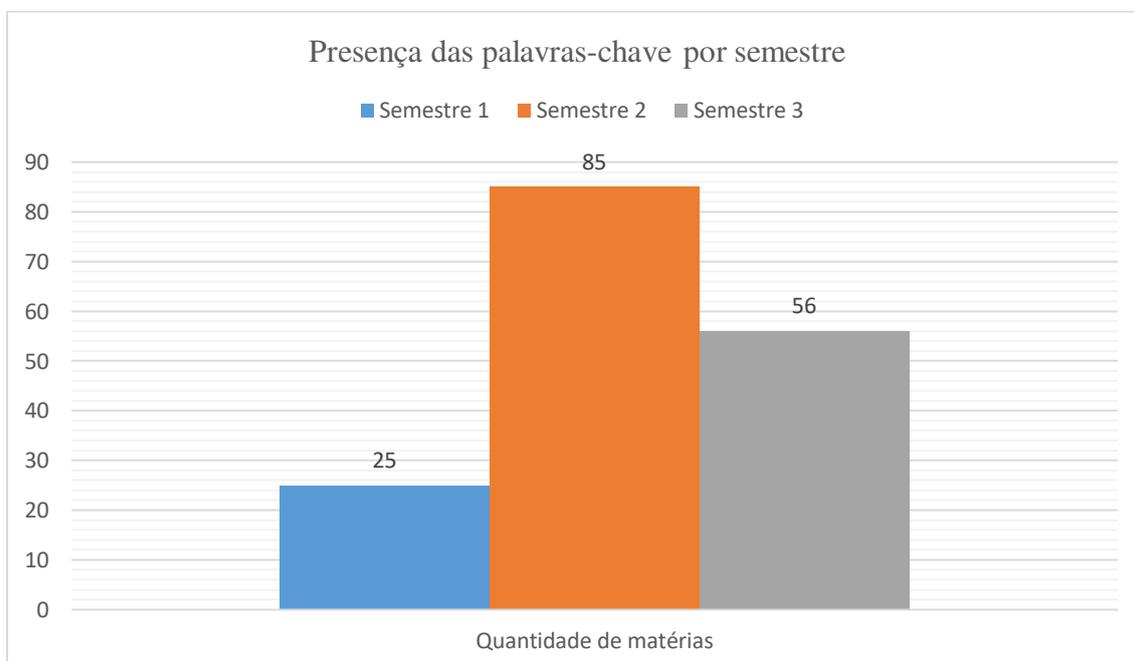
---

<sup>27</sup>Matéria disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/mecanismo-de-direitos-humanos-relata-a-onu-e-oea-tortura-massacre-e-desaparecimento-de-presos-em-alcacuz.ghtml>. Acesso em: 07 jul. 2019.

De uma forma geral, as análises sobre as edições dos três semestres em que há a presença das palavras-chave revelam que o pico do aparecimento de matérias que contém as palavras-chave, e, portanto, se relacionam com o cárcere e os presidiários, está localizado no segundo semestre de 2018, aquele em que compreende o governo de Michel Temer, e marca também o fim do período eleitoral e o resultado das eleições presidenciais de 2018. No entanto, em nossa análise, o contexto nos quais as palavras-chave aparecem revelam dados importantes para compreender como o boom da violência foi transmitido pelo telejornalismo do JN.

Se no primeiro semestre analisado (aquele que corresponde ao período pré-impeachment de Dilma Rousseff) vemos os termos ligados ao contexto político, apresentando o cenário de instabilidade no qual vivia o Brasil, no segundo semestre os termos e as palavras se relacionam diretamente com o aumento da violência, da criminalidade e da ação de presidiários – seja comandando crimes ou no centro de acontecimentos caóticos, como as rebeliões, massacres. No gráfico 1, podemos observar por meio de um esquema visual o que seria equivalente ao clímax de um contexto narrativo (semestre 2), ou seja, é no segundo semestre em que os principais conflitos se desenvolvem.

Gráfico 1 - Crescimento dos termos buscados

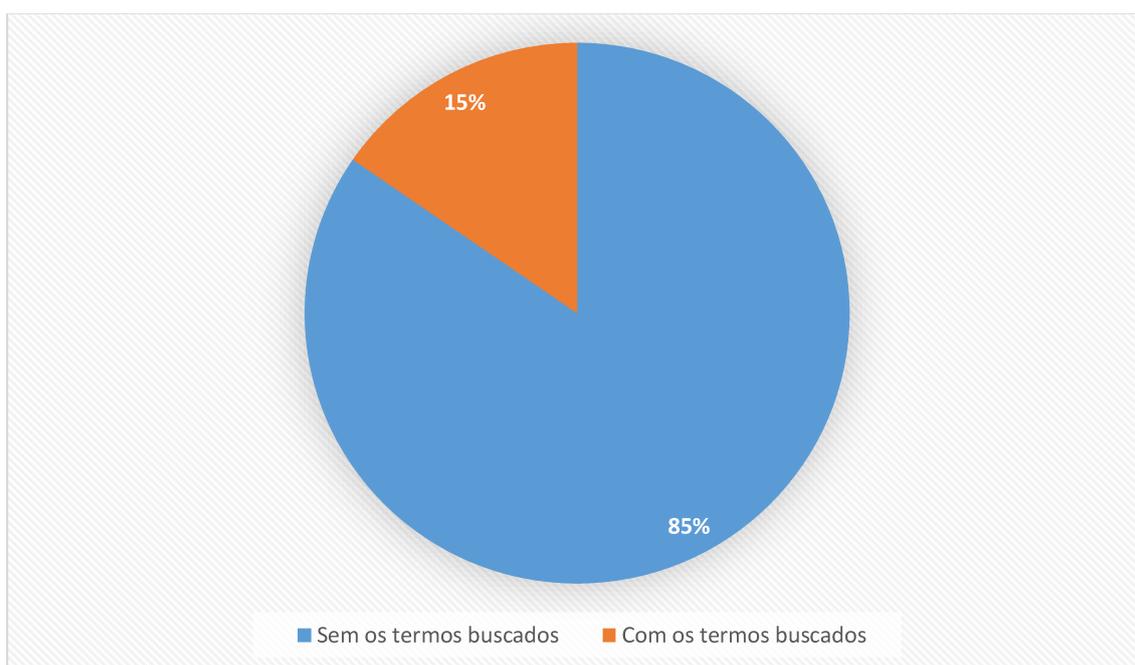


Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Nesse sentido, considerando os contextos dos três semestres analisados, observa-se algumas particularidades em relação ao volume de matérias envolvendo a temática da segurança

pública, sobretudo em relação aos presídios e presidiários, que parecem acompanhar a ascensão de discursos conservadores, principalmente no que diz respeito ao cárcere. Assim, é no período pré-eleitoral das eleições presidenciais de 2018 – na qual Jair Bolsonaro saiu vitorioso, que as matérias relacionadas ao cárcere e aos presidiários ganham maior visibilidade e intensidade na grade do telejornal.

Gráfico 2 - Edições em que houve presença das palavras-chave -1º semestre



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

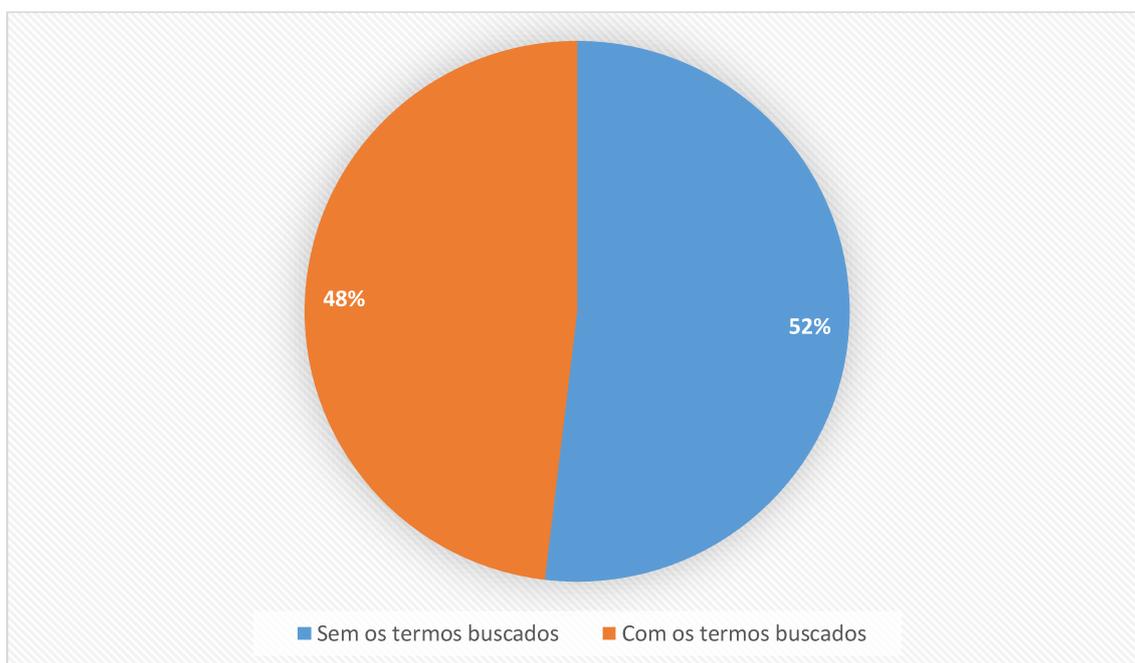
No primeiro semestre (gráfico 2), em que se vivia o período anterior ao impeachment da então presidenta, Dilma Rousseff, observamos muitas matérias em que os termos buscados estão ligados ao contexto político. Como mostra o parágrafo de “análise geral”, apresentado depois de cada tabela no capítulo 5, todos os semestres apresentam a temática corrupção em sua programação, mas é no semestre 1 que muitas das matérias que continham os termos buscados (presídios, penitenciárias, preso, presos, prisão, criminosos, detentos, bandidos, quadrilha), na verdade estavam relacionados a personagens e ao cenário político de uma forma geral.

Assim, observamos a construção de um cenário caótico que tem seu pico no período do segundo semestre analisado (semestre 2). Nesse sentido, acreditamos que tal representação favoreceu um sentido quase que “reativo” em relação ao cenário que se apresentava. Se o telejornal evidencia o fato de que aqueles sujeitos destinados ao isolamento, com os quais a sociedade já estabeleceu uma relação de distanciamento, são um dos principais responsáveis

pelos problemas da segurança pública no país (sem problematizar a falência de nosso sistema prisional, leis e práticas policiais), pela perspectiva da complementaridade, há uma clara intenção de sentido em tornar o seu oposto algo bom, resolutivo.

Assim, entendemos que o modo como são representados os presidiários nesse período, favoreceu a criação de um discurso de defesa que visava o endurecimento das práticas punitivas. Nesse sentido, acreditamos que esse cenário propiciou uma preferência pelo projeto político apresentado por Jair Bolsonaro.

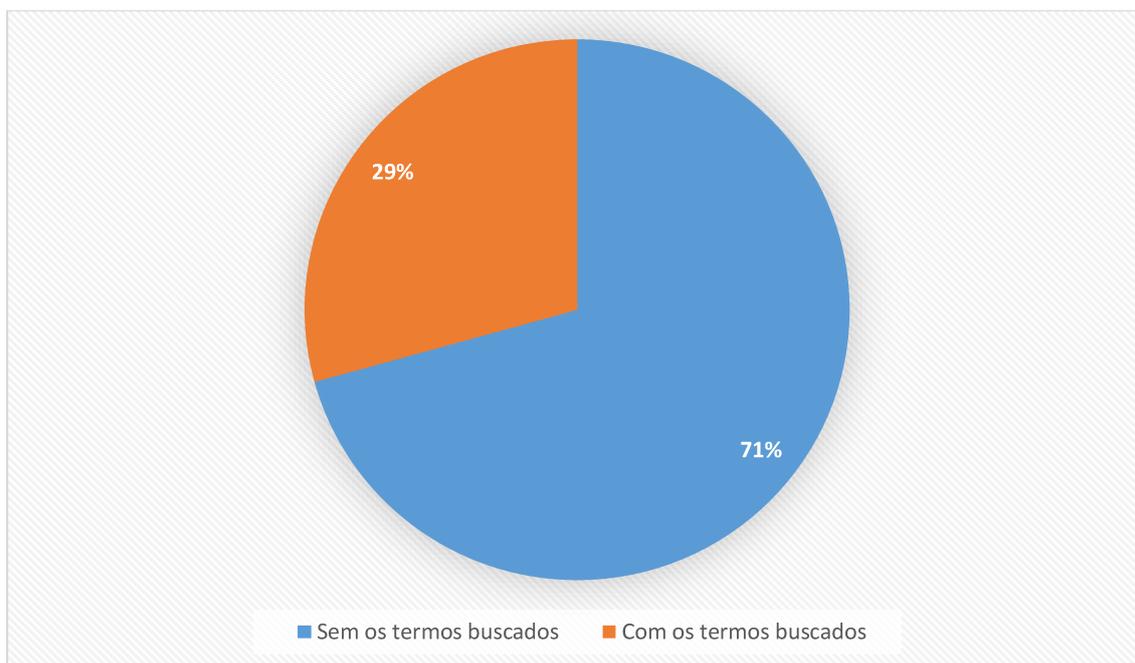
Gráfico 3 – Edições em que houve presença das palavras-chave – 2º semestre



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Se no semestre 1 observamos matérias que continham os termos buscados, mas apresentando-as em contextos relacionados à política de uma forma geral, no semestre 2, essa característica já não permanece. Pelo contrário, o que chama a atenção na análise qualitativa do semestre 2 é que de fato, a maioria das matérias que apresentavam a presença das palavras-chave tinham relação com o a criminalidade, o tráfico de drogas e o aumento da violência de uma forma geral - com ênfase na região Norte, Nordeste e Sudeste, mas com o aparecimento de todos os estados como “palcos da violência” e da crise da segurança pública.

Gráfico 4 – Edições em que houve presença das palavras-chave – 3º semestre



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Já no último semestre analisado (semestre 3), também primeiro semestre de governo Bolsonaro, observamos uma queda expressiva dos termos buscados. Do total de edições do semestre, apenas 29% continham matérias com as temáticas relacionadas aos termos buscados. Sendo que, mesmo nessa porcentagem, observamos uma grande parte em que as matérias noticiam, por exemplo, o cumprimento de mandados de prisão. Ou seja, ao contrário dos outros meses, em que os termos buscados noticiavam a impunidade política e o caos da violência, no semestre 3 as matérias com os termos tendem a uma certa normalização da situação que vivia o país em relação a segurança, e a apresentam a figura dos policiais e agentes da lei como mais eficientes e eficazes.

O que também chama a atenção nesse semestre é que número de edições em que há a presença dos termos buscados, parece não dar conta de refletir o complexo momento em que vivia o sistema penitenciário no país, uma vez que em maio de 2019, o Complexo Penitenciário Anísio Jobim, em Manaus, registrou um novo episódio de violência em que 55 presos foram assassinados durante um dia de visitas de familiares, e o tensionamento desse cenário não aconteceu da noite para o dia. A mesma penitenciária viveu episódio parecido em 2017, em que 56 presos foram mortos após uma rebelião<sup>28</sup> que durou mais de 12 horas, e havia começado

<sup>28</sup>Rebelião em presídio chega ao fim com 56 mortes, diz governo do AM. Disponível em: <http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2017/01/rebeliao-no-compaj-chega-ao-fim-com-mais-de-50-mortes-diz-ssp-am.html>. Acesso em: 07 jul. 2019.

com uma fuga dos detentos, desde então, a região vive em constante tensão. Além disso, outros conflitos em presídios foram registrados ao longo do semestre, como o aumento de doenças em presidiários do Rio<sup>29</sup>, e observamos uma quebra no acompanhamento dos casos e, também, na importância de contextualizar os telespectadores sobre essa violência constante.

---

<sup>29</sup>Matéria disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2019-04/morte-de-presos-por-doencas-cresce-114-em-presidios-do-rj-em-7-anos>. Acesso em: 07 jul. 2019.

## 6 NAS RUAS: CONFRONTANDO A REALIDADE

Ainda que a internet e as novas tecnologias tenham colaborado para o desenvolvimento de diversas pesquisas – sobretudo nas áreas das ciências humanas – no jornalismo, a frase popularizada pelo jornalista Audálio Dantas ainda circula desde às redações até os cursos de graduação: “um bom jornalista tem sempre sujos seus sapatos”. A ideia, neste caso, seria estimular e provocar a prática de um jornalismo mais humano cotidianamente, e nas diversas regiões do país, capaz de mobilizar não só a caneta (e ferramentas técnicas) do repórter para outras realidades, mas sua atenção verdadeira: seus olhos, ouvidos, mãos, pernas e corpo.

No entanto, nem sempre o ideal se materializa na prática. A crise do modelo de negócios do jornalismo – em que a dependência da publicidade se acentuou, trouxe também uma rotina de trabalho extensa, envolvendo uma série de competências, habilidades e envolvimento. Em alguns casos, esse dinamismo resulta em pautas mais rasas, cumprindo um papel que se assemelha a um simples registro, intimamente relacionado com o que é vendável, e desperta mais interesses de consumo. Como nos sugere Vizeu (2005), a ideia de “audiência presumida” permanece ainda nos dias de hoje, em que o público do telejornal é entendido como uma pessoa específica, que se comporta de determinada forma, e consome determinado tipo de informação. A audiência presumida, portanto, imagina necessidades, supõe interesses e articula as produções de acordo com as pistas de quem está atrás das telas. Por uma perspectiva mercadológica, essa movimentação também faz parte do dia a dia das redações, em que o tempo e esforço da equipe jornalística deve se voltar para as necessidades dessa audiência.

No entanto, o que acontece é que nessa lógica, alguns limites éticos podem ser tensionados, e resultarem em abordagens sensacionalistas, ou ainda rasas em termos de informar com clareza ou esgotar um fato ou acontecimento – sobretudo quando tangenciam a temática da violência. Um exemplo dessa busca pode ser visto na cobertura do sequestro de um ônibus na ponte Rio-Niterói<sup>30</sup>, no dia 20 de agosto de 2019. A Globo News<sup>31</sup> realizou a transmissão do sequestro (que durou quatro horas), utilizando imagens de drones, helicópteros, entre outros recursos técnicos. Na TV Globo, além da programação que era interrompida frequentemente para mostrar o andamento do sequestro, houveram matérias específicas sobre o caso nos telejornais. No entanto, foram as imagens feitas pela TV Record e reutilizadas pelos dois canais que transmitiram o momento exato em que o sequestrador foi atingido.

---

<sup>30</sup>Matéria disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/08/20/sequestro-na-ponte-veja-relatos-de-refens-e-parentes.ghtml>. Acesso em: 07 out. 2019.

<sup>31</sup>Canal de televisão por assinatura que transmite programação jornalística durante 24h.

O que chama a atenção neste caso, é que mais do que a busca por informar ou prestar um serviço à população em relação à resolução de um caso de grande impacto, a busca por uma imagem que gere fascínio, ou curiosidade, e, conseqüentemente, audiência, torna-se uma prioridade, capaz de movimentar a cobertura que os jornalistas estão dando ao fato.

Nesse sentido, a proposta de uma cobertura humanizada – ponto importante na discussão sobre como representar grupos em vulnerabilidade – revela dimensões mais complexas, como, por exemplo, a necessidade do anonimato para a continuidade da vida em sociedade. Nesse sentido, o jornalismo e as formas de narrar o cárcere são fundamentais para o enfrentamento desses desafios sociais, estabelecendo vínculos que são capazes de oferecer perspectivas importantes para a compreensão de uma realidade que é praticamente desconhecida.

Assim, para a construção de uma representação responsável, atenta a todos os pontos de discussão necessários para o entendimento do momento que vive o sistema prisional no Brasil, bem como os principais desafios enfrentados por acautelados e também pela gestão desses espaços, é necessário um rompimento com estruturas físicas e simbólicas, que acessam uma superfície de polos extremos; por vezes vulnerabilizando ainda mais esses grupos, ou ainda, romantizando determinadas vivências.

Dessa forma, essa proposta de um jornalismo mais comprometido com a escuta, muitas vezes acontece longe das grandes audiências e das melhores edições técnicas. Na tentativa por compreender as particularidades do Sistema Prisional brasileiro, iniciamos uma busca pelas principais iniciativas relacionadas à comunicação nesses espaços em Minas Gerais.

## 6.1 COMUNICAÇÕES POSSÍVEIS: OUTROS MODOS DE NARRAR A VULNERABILIDADE NA PRISÃO

Ao longo deste trabalho, trabalhamos com a identificação de determinados modos de representar os presidiários do país. Nessa narrativa, identificamos a manutenção de estereótipos, que acabam por não conseguir representar a complexidade e diversidade de crimes e contextos de violência. E é nesse sentido, que identificamos uma narrativa única que se sobrepõe na vida cotidiana, em relação aos presidiários e os presídios brasileiros. No entanto, é por considerar que tal sobreposição é prejudicial para a compreensão das camadas de nosso sistema prisional, e sobretudo, suas falhas, que acreditamos ser necessário a busca por alternativas – tanto de políticas públicas quanto de narrativas e representações.

Considerando as mudanças em relação ao mercado de trabalho do Jornalismo, identificamos uma necessidade cada vez maior de velocidade na apuração e divulgação das pautas. Nos capítulos anteriores, tensionamos os papéis que a audiência e o interesse público possuem no funcionamento midiático, por vezes priorizando as perspectivas empresariais e privados em detrimento do primeiro compromisso do jornalismo: que é com os cidadãos (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003). Assim, entendemos que as práticas jornalísticas precisam ser capazes de compreender graus de vulnerabilidade, e mais do que isso, ser capaz de dar voz às diversas realidades existentes na sociedade.

Motivados por essa questão, iniciamos uma busca sobre outras formas de narrar a prisão e também, os presidiários. Nesse sentido, a tentativa é trazer para o pensamento científico práticas e produções que estão em concordância com a questão da responsabilidade social que se insere o Jornalismo e também os jornalistas, e dialogam de alguma forma com o contexto da Comunicação. Nesse sentido, no início do desenvolvimento da pesquisa, em 2018, inicia-se uma busca por projetos que possuem relação com a comunicação em unidades prisionais de Minas Gerais – estado onde se desenvolve a pesquisa. Tal escolha reflete também a dificuldade de encontrar tais iniciativas, sobretudo por questões de registro e divulgação, uma vez que a atuação dentro de presídios e penitenciárias precisa ser orientada por uma série de critérios, tanto de segurança quanto de concordância com os projetos e direções das unidades, tornando o seu conhecimento pela sociedade uma tarefa difícil. Apesar do artigo 10 da Lei 7.210/1984<sup>32</sup>, conhecida como **Lei de Execuções Penais**, garantir assistência ao preso como um dever do Estado, garantindo a ele uma série de assistências, como assistência educacional, social, à saúde, material e jurídica, essas iniciativas muitas vezes não se concretizam em projetos dentro das unidades, por dificuldades de recursos – desde agentes penitenciários até material básico.

Nesse sentido, foi por meio da participação em um projeto desenvolvido em duas unidades prisionais de Juiz de Fora, que conhecemos outras iniciativas que visavam oferecer alguma forma de desenvolvimento dos acautelados, tendo a Comunicação como parte importante desse processo.

### **6.1.1 Projeto A Voz – São João Del Rei/MG**

Descrito como um conjunto de iniciativas nas áreas de educação e comunicação desenvolvidas em diversas unidades prisionais. De acordo com o site oficial do projeto, o Projeto Voz surge como espaço para debates sobre o universo carcerário:

---

<sup>32</sup>Lei de Execução Penal - 7.210/1984. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L7210.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7210.htm). Acesso em: 10 fev. 2020.

O grande diferencial é que trazemos novas vozes, as dos presidiários e seus familiares, para se unirem aos tradicionais discursos que permeiam essa discussão, sem a qual não é possível criar políticas de segurança pública eficientes. Este portal surge não apenas para apresentar as diversas iniciativas do Projeto Voz, mas também para ser um espaço privilegiado no confronto de pontos de vista sobre um sistema carcerário que vai além das rebeliões que permeiam os noticiários. (PORTAL VOZ, 2016, recurso online).

Em setembro de 2018, realizamos uma entrevista com uma das idealizadoras do projeto, a jornalista Natália Martino. Na ocasião, além de informações relacionadas ao projeto, a jornalista falou um pouco sobre a representação dessas pessoas na mídia, identificadas no trecho abaixo:

O que a gente sente é que essas pessoas não estão satisfeitas com o que veem na mídia, no geral, em que os focos estão nos acontecimentos de violência e nos crimes em si. Sentimos que há uma demanda para pautas que ultrapassam os crimes, possibilitando o entendimento dos contextos que permearam esse crime. Mas, sobretudo, elas e eles também querem falar sobre os filhos, trabalhos, enfim, outras questões. Na minha percepção geral, é que as pessoas que estão privadas da liberdade, em sua maioria pobres e negros, não sentem que há um tratamento justo sobre as diferenças.<sup>33</sup>

Figura 1 - Matérias da revista “A estrela”



Fonte: Portal digital da revista A estrela (2016).

A iniciativa da equipe A Voz confirma que existem demandas nos espaços de privação de liberdade para pautas que vão além da criminalidade. Assim como acreditamos em uma perspectiva inclusiva para um jornalismo mais plural, entendemos que é apresentando diferentes abordagens sobre as pessoas presas que conseguiremos participar de seu processo de

<sup>33</sup> Entrevista concedida por Natália Martino no dia 17 de setembro de 2018 via Skype.

ressocialização, e mais que isso, nos comprometermos com a estrutura na qual vivemos, e que reserva punições específicas a determinadas parcelas da população.

### 6.1.2 Projeto Carta Social – Patrocínio/ MG

O projeto foi criado em 2019 pela equipe de assistentes sociais da Penitenciária Deputado Expedito de Faria com o objetivo de resgatar – a partir das correspondências – os vínculos afetivos entre acautelados e familiares, rompidos com a situação de privação de liberdade. O projeto conquistou ainda o apoio do Conselho da Comunidade de Execução Penal da Comarca de Patrocínio<sup>34</sup>, que destinou recursos (como selos) para o desenvolvimento da iniciativa pelo prazo de pelo menos um ano, envolvendo entre mais de 700 detentos, entre homens e mulheres.

Figura 2 – Projeto Carta Social



Fonte: Agência Minas (2019).

Em um país marcado pela desigualdade social, a iniciativa chama a atenção pela sensibilidade em possibilitar o afeto entre os acautelados e os familiares que não possuem condições de fazerem a visita fisicamente, permanecendo, muitas vezes, todo o período da pena longe do familiar. Nesse sentido, enxergamos a iniciativa do projeto não só como uma forma de aproximar os parentes dos detentos, mas oferecer a eles uma possibilidade de afeto e alternativa para determinadas estruturas e condições familiares.

---

<sup>34</sup>Informações publicadas no portal: <http://www.agenciaminas.mg.gov.br/noticia/projeto-em-penitenciaria-utiliza-cartas-para-resgatar-lacos-familiares>. Acesso em: 07 nov. 2019.

### 6.1.3 Projeto Jequitibá Rosa – Juiz de Fora/ MG

O projeto Jequitibá Rosa, desenvolvido pela Organização não-governamental (ONG) Associação dos Amigos, nasceu da expansão de outros projetos ligados à ONG, que já atua no sistema prisional em Juiz de Fora há mais de 10 anos. Em 2018, o projeto que até então era pautado na reflexão sobre temáticas que se relacionam diretamente com o contexto das drogas, se estruturou ligado a vertente artística, levando técnicas de argila para o cotidiano de mulheres da Penitenciária Jose Edson Cavaliere (PJEC). O projeto, que foi inicialmente idealizado para o público masculino, mas teve sua primeira turma no anexo feminino, só iniciou a primeira turma com os homens em abril de 2019, na Penitenciária Professor Ariosvaldo Campos Pires, com o mesmo objetivo de utilizar a arte para auxiliar na expressão, no desenvolvimento psicológico e emocional dos acautelados. Foi neste ano (2019) e com a turma masculina que a autora deste trabalho se inseriu como responsável pelos registros do andamento das oficinas.

Antes desse período, em janeiro de 2019, realizamos uma entrevista com Luciana Lopes, artista plástica coordenadora do projeto, na busca por compreender como era desenvolvido esse tipo de projeto (de artes) na penitenciária, até então, restrito ao anexo feminino. No trecho abaixo, a coordenadora conta como a iniciativa abriu também novas oportunidades além dos espaços da prisão para as acauteladas:

Pergunta: Ao longo desse primeiro ano do projeto, qual seria o principal ganho para os acautelados além da possibilidade de remissão de pena?

Luciana: Com o projeto, foi possível mostrar para elas que a arte pode ser terapêutica, mas pode também tornar-se um produto, enfim, pode abrir portas para um mundo que talvez eles não conheçam. Por isso para mim, o principal ganho é justamente apresentar para todas elas um pouco dessas infinitas possibilidades que a arte traz.

Pergunta: Como fica o tensionamento entre liberdade, arte, e o ambiente de controle e disciplina de uma penitenciária?

Luciana: Muitas vezes é preciso deixar os objetos secarem, ou ainda, retornar o trabalho na próxima aula. Então, dentro da penitenciária isso acaba sendo um desafio, pois eles possuem poucos espaços, então temos que adaptar, fora que o projeto ainda é uma novidade geral, tanto para as mulheres quanto para a direção e a equipe de agentes penitenciárias, então é sempre delicado. É importante dizer que os projetos que envolvem a arte estão ligados com o íntimo das pessoas, então, se elas têm dias ruins, isso reflete também no trabalho, assim como os dias bons. É preciso respeitar esse tempo, mas as

vezes as pessoas não compreendem esse processo, acham pequeno, infantil, não entendem que é um processo em que você vai crescendo passo a passo.<sup>35</sup>

Figura 3 – Projeto Jequitibá Rosa



Fonte: Arquivo pessoal da coordenadora do projeto.

Com o avanço do projeto, iniciam-se as oficinas com o público masculino. Inicialmente, também focada na apresentação de técnicas em argila e com momentos de reflexão conduzidos por uma profissional do Direito e com a colaboração da autora deste trabalho, que também sugeria temáticas e pautava as discussões. Assim, com o andamento das aulas, a coordenadora do projeto decidiu direcionar as oficinas para as técnicas em pintura, apresentando desde as técnicas em desenho até a prática da tinta a óleo e acrílica. Em outubro de 2019, o projeto ganha um novo professor de desenho, Gabriel Brandão, atuando nas duas unidades, ampliando as possibilidades de desenvolvimento dos alunos e alunas. Assim, em dezembro de 2019, o projeto realizou a formatura de 17 acautelados das duas penitenciárias participantes do projeto. Na ocasião, foi apresentada a cela em que aconteciam as aulas na unidade masculina, e que foi revitalizada pelos acautelados com uma réplica do quadro “Noite Estrelada”, do holandês Vincent Van Gogh<sup>36</sup>, um dos autores trabalhados nas oficinas, detalhada na seção 6.2 – processo que acompanhamos pela participação na equipe do projeto.

## 6.2 ENTRE EXPERIÊNCIAS E AFETAMENTOS: A PARTICIPAÇÃO NA OFICINA DE ARTE NAS PENITENCIÁRIAS JOSÉ EDSON CAVALIERI (PJEC) E PROFESSOR ARIOSVALDO CAMPOS PIRES (PPACP)

<sup>35</sup> Entrevista cedida pela coordenadora Luciana Lopes no dia 14 de janeiro de 2019.

<sup>36</sup> Vincent van Gogh (1853-1890) foi um importante pintor holandês, um dos maiores representantes da pintura pós-impressionista.

Ao longo das análises realizadas no primeiro ano de pesquisa no Mestrado e dos estudos realizados em conjunto do Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (NJA CNPq-UFJF), a superficialidade com que as matérias abordavam o cárcere e os presidiários foi elemento que chamou a atenção em um primeiro momento de reflexão. Nesse sentido, apesar da literatura relacionada à privação de liberdade e suas implicações sociais, faltavam elementos que pudessem esclarecer um pouco da realidade de nosso sistema prisional para aí sim, entender como a televisão, e sobretudo o Jornal Nacional apresentava essa realidade. Mas mais do que isso, era preciso questionar os imaginários e estereótipos em torno do espaço prisão e também dos sujeitos presos e conhecer as dinâmicas (físicas e simbólicas) do cárcere.

Assim, foi por meio das reflexões descritas acima que iniciamos a busca por projetos relacionados aos presidiários em Juiz de Fora/MG (cidade em que se desenvolve a pesquisa), em 2018. Assim, já atuando como jornalista voluntária na organização, inicia-se um contato com a coordenadora do projeto Jequitibá Rosa, para uma possível participação – até aquele momento, pontual. As oficinas aconteciam no anexo feminino da Penitenciária José Edson Cavalieri (com acauteladas no regime misto), e no masculino da Penitenciária Professor Ariosvaldo Campos Pires (acautelados do regime fechado).

No entanto, na primeira semana de participação houve uma forte colaboração entre a equipe do projeto, uma vez que todos estavam experimentando pela primeira vez o projeto na unidade masculina. Assim, toda a equipe se fortaleceu em um sentimento de colaboração mútua, em que todos participavam de todas as etapas da oficina (por vezes, inclusive fazendo as atividades artísticas), junto aos acautelados. Assim, pela relação de confiança desenvolvida entre as quatro voluntárias, passamos a integrar a equipe do Jequitibá Rosa oficialmente, como jornalista voluntária da organização – na qual o projeto está abrigado. Assim, toma-se conjuntamente a decisão de nos tornar responsáveis por realizar os registros das oficinas, manualmente; uma vez que o projeto não obteve autorização para gravações, fotografias, filmagens, etc. Nessa aproximação, tivemos a oportunidade de presenciar discussões, reflexões, e também propor pautas e assuntos a serem discutidos, além de selecionar materiais digitais/audiovisuais para serem exibidos nas aulas.

Assim, iniciadas em abril, as aulas tinham como proposta central a apresentação das técnicas artísticas em argila e pintura para a expressão do(a)s acautelado(a)s, trabalhando paralelamente com temas e textos que provocassem reflexões acerca da situação do cárcere, sonhos e vivências, bem como algumas questões relacionadas a mídia e representação. Como já mencionado, seguimos diretrizes de segurança de não fotografar, filmar ou gravar o dia a dia

das atividades. Assim, todo o registro da oficina, bem como os relatos diários dos presidiários foram feitos pela autora deste trabalho, por extenso, atendendo a necessidade de documentar e também dar visibilidade à iniciativa. Nesse sentido, diversos objetivos coexistiam nas aulas: o de proporcionar um espaço de expressão, troca e aprendizado; relatar as vivências e avanços do projeto, como forma de comprovação para a direção da penitenciária e, também, de propiciar uma vivência mais próxima do objeto de pesquisa. Nesse envolvimento, frases como “o presidiário é o brasileiro que mais assiste televisão”, “Vi no Jornal Nacional que o rapaz pegou 5 anos de cadeia e era inocente”, “Só consigo dormir se assistir à novela das nove”, intensificaram a experiência de pesquisa e marcavam presença da TV mesmo em espaços onde nem mesmo o sol consegue entrar. Na rotina do projeto, revelavam-se situações em que se tornava possível compreender os dilemas em relação ao estigma da prisão e os desafios no retorno à sociedade, como na situação em que os acautelados compartilhavam os contextos nos quais foram presos, as reflexões que faziam sobre suas vidas, caminhos e atitudes.

Nesse sentido, por meio das experiências vivenciadas a partir da atuação como jornalista da ONG participante do projeto, julgamos importante relatar algumas dessas vivências no presente trabalho. Por meio do Inciso VII do Art. 1º da Resolução nº 510 de 07/04/2016<sup>37</sup>, que orientam as práticas do Comitê de Ética em Pesquisa Humana, no Brasil, encontramos na categoria dos “relatos de experiência” uma oportunidade para relatar os acontecimentos experimentados no exercício da função de jornalista da organização<sup>38</sup>.

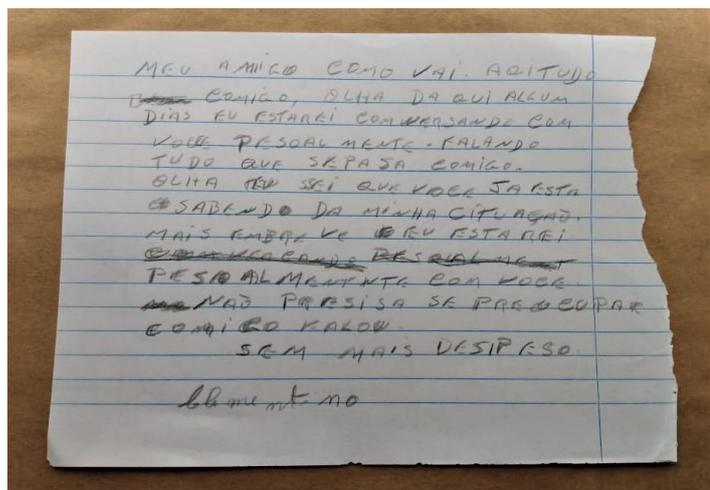
Assim, ao longo da atuação no projeto, os participantes entregavam as atividades envolvendo os temas propostos para as reflexões. Ao longo das aulas, a confiança entre eles e os professores da oficina iam se fortalecendo, e mesmo entendendo que todo o material das aulas sairia da cela em que as aulas aconteciam, iam revelando dilemas, situações e desejos pessoais. Na figura 4, um dos alunos quis registrar o que diria para alguém com quem já não tem mais contato, ou seja, que vive em liberdade. Apesar da atividade ter sido proposta na dimensão da oralidade, a necessidade do registro tem muita importância em um lugar que parece estar descolado do mundo. Assim, para que o sentimento exista, é preciso escrever, desenhar, como uma espécie de estaca cravada no tempo.

---

<sup>37</sup>Norma disponível no portal do Comitê de Ética em Pesquisa Humana: <https://www2.ufjf.br/comitedeetica/normativas/>. Acesso em: 07 jul. 2019.

<sup>38</sup>Os “relatos de experiência” referem-se ao aprofundamento teórico de situações que emergem espontaneamente da prática profissional, e, portanto, são dispensados da apreciação ética pelo sistema CEP/CONEP.

Fotografia 2 – Fotografia da atividade: O que você diria para alguém que está lá fora?

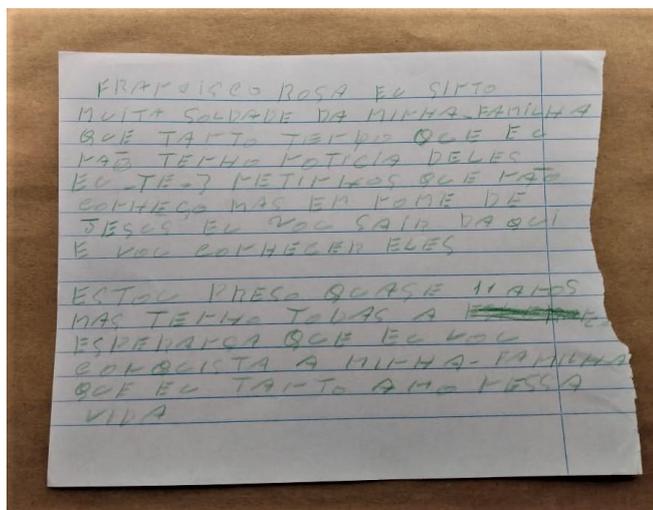


Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

“Meu amigo como vai? Aqui tudo bem comigo. Olha daqui alguns dias eu estarei conversando com você pessoalmente. Falando tudo que se passa comigo. Olha, eu sei que você já está sabendo da minha situação. Mas, em breve eu estarei pessoalmente com você. Não precisa se preocupar comigo, falou? Sem mais, despeço.” – Clementino.

A criminalização das famílias dos presidiários é uma triste realidade presente no Brasil. Nos relatos dos acautelados, encontramos histórias de familiares que sofreram discriminações e preconceitos pela ligação de seus parentes com a criminalidade. Também por isso, muitos familiares preferem não utilizar o direito da visita ao familiar que cumpre sua pena. No entanto, em outros casos, o julgamento e a vergonha impedem os familiares de manterem uma relação com quem cumpre pena. Nos dois casos, a saudade é presença constante nos pavilhões, e talvez seja o maior motivo para os registros, desenhos, e quaisquer atividades dentro da prisão. Na figura 5, há o relato do Sr. Francisco, que está prestes a completar 11 anos de prisão e perdeu o contato com sua família, sobretudo com as filhas. Na atividade, Francisco conta que deseja retomar o contato com a família e conhecer os netos.

Fotografia 3 – Fotografia da atividade: “Saudade”

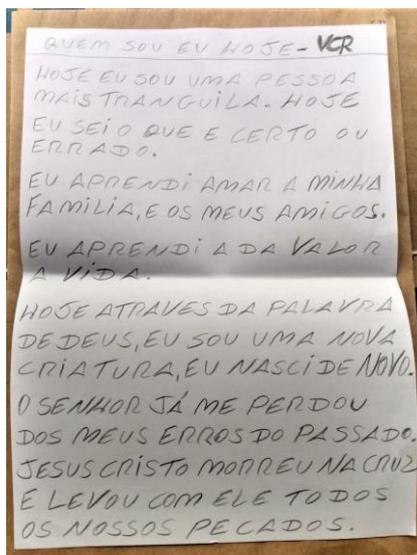


Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

“Francisco – Eu sinto muita saudade da minha família que tanto tempo que eu não tenho notícia deles. Eu tenho netinhos que eu não conheço, mas em nome de Jesus eu vou sair daqui e vou conhecer eles. Estou preso quase 11 anos mas tenho todas as esperanças que eu vou conquistar a minha família que eu tanto amo nessa vida. ”

A dificuldade em olhar para si também faz parte do cotidiano de quem não tem mais a liberdade de ir e vir. Essa necessidade corriqueira para a maioria da população não é possível em um espaço em que espelhos são proibidos – pelo perigo que apresentam quando quebrados e manuseados na intenção de cortar ou perfurar. Uma das propostas mais difíceis nas atividades da oficina foi a de escrever um texto que respondia à pergunta: “quem sou eu? ”. Primeiro por um limite físico: espelhos não são permitidos no presídio. A outra, é a própria dificuldade de identificar quem sou agora, já que o que se sabia sobre si mesmo se confunde com a vivência de um espaço que desumaniza. Além disso, existe a dificuldade em se enxergar no presente, e isso parece fazer com que eles projetem os desejos para o futuro. Este é o caso da figura 6, em que o aluno projeta o seu entendimento para a nova pessoa e as novas experiências fora das grades.

Fotografia 4 - Fotografia da atividade: “Quem sou eu?”

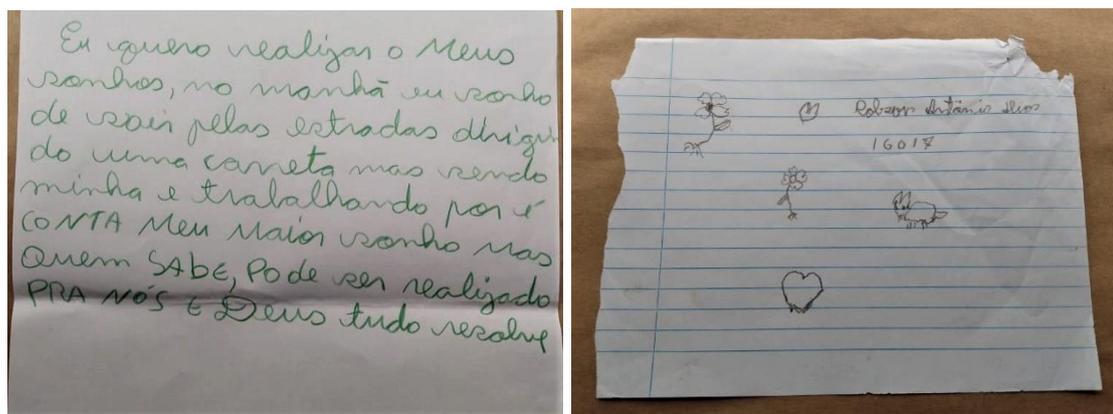


Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

“Hoje eu sou uma pessoa mais tranquila. Hoje eu sei o que é certo ou errado. Eu aprendi amar minha família e os meus amigos. Eu aprendi a dar valor a vida. Hoje através da palavra de Deus eu sou uma nova criatura, eu nasci de novo. O senhor já me perdoou dos meus erros do passado. Jesus Cristo morreu na cruz e levou com ele todos os nossos pecados.” – Valtencir

Uma temática que sempre surgia na oficina era sobre o que eles gostariam de fazer quando terminassem de cumprir a pena. A figura 7 também é fruto de atividades reflexivas na oficina, atividade cumpria um papel importante de estimulá-los a continuarem se expressando, vivendo, e compreendendo que existiria uma vida após o período na penitenciária. Distantes do mercado de trabalho de suas regras, parecem conseguir identificar de fato o que os motivaria a levar uma vida diferente da que escolheram anteriormente – e em muitos casos, acabaram por levarem seus caminhos a prisão. Alguns participantes das oficinas não eram alfabetizados, e por isso, se expressavam por meio de desenhos.

Fotografia 5 – Fotografia da atividade: “O que gostaria de fazer quando sair da penitenciária ”



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

“Eu quero realizar os meus sonhos, na manhã eu sonho de sair pelas estradas dirigindo uma carreta, mas sendo minha e trabalhando por minha conta. Meu maior sonho, mas quem sabe pode ser realizado, para nós e Deus tudo resolve.” – Luiz.

A dimensão do trabalho é algo que afeta profundamente os acautelados, sobretudo os homens. Em vários casos, a manifestação por novas ocupações quando cumprirem a pena eram expressadas. No entanto, acreditamos que esse fator tem relação com a própria dinâmica do presídio que oferece a perspectiva do trabalho como saída possível ao contexto do crime. Nesse sentido, há um estímulo para que os acautelados, ao invés de participarem de projetos como o Jequitibá Rosa, que apresentam a possibilidade de remissão e não de remuneração, direcionem seus interesses aos trabalhos disponíveis dentro da penitenciária. Acreditamos que tal fato também tem relação com o modelo em que esse tipo de projeto se estrutura dentro das penitenciárias, uma vez que tanto a organização quanto o Estado recebem pelo preso empregado<sup>39</sup>, acabando por revelar também uma perspectiva utilitarista sobre a população carcerária.

Em junho de 2019, a coordenadora do projeto juntamente com a equipe, propôs o estudo das técnicas do pintor holandês *Van Gogh* para estimular os acautelados a se expressarem. À medida em que trazíamos desenhos, livros sobre o autor, todos começaram a se interessar pelo personagem – que também havia sido preso, mas num manicômio, por ser considerado louco. Apesar das restrições em relação à entrada de dispositivos tecnológicos na penitenciária,

<sup>39</sup>O trabalho dos presos está regulamentado na Lei 7.210, conhecida como Lei de execução penal. Apesar do artigo 1º e 5º da Constituição assegurarem que nenhum brasileiro (a) poderia trabalhar recebendo menos que um salário mínimo, o que na prática, não acaba acontecendo com os presidiários, que recebem  $\frac{3}{4}$  do salário mínimo, que ainda são divididas em partes ao Estado. Além disso, os empregados em privação de liberdade não estão sujeitos às regras da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), incluindo sua proteção.

conseguimos organizar uma espécie de cinema para que pudéssemos assistir ao filme *Com amor, Van Gogh*, lançado em 2017 pela plataforma *Netflix*. Graças à colaboração da direção da penitenciária, conseguimos por meio de documentos e burocracias internas, o empréstimo de uma TV da escola da penitenciária. Assim, a levamos para a cela juntamente com um pendrive contendo o filme, além de pipoca e suco, para completar a ambiência do cinema. Desde então, os alunos tornaram-se mais engajados nas aulas, tentando entender a técnica do pintor e reproduzir em seus desenhos, como mostra a figura 8.

Figura 4 - Fotografia da atividade “início das aulas inspiradas nas técnicas de Van Gogh”



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

Com o avanço das aulas, os acautelados puderam aprender mais sobre a técnica utilizada por *Van Gogh*, que consiste em pinceladas firmes e carregadas, com cores fortes, próprias do movimento ao qual pertence o autor. Assim, a figura 9 apresenta o resultado final das oficinas no ano de 2019, apresentando as releituras dos acautelados em formas de quadro.

Fotografia 7 – Fotografia da produção de réplica da *Noite Estrelada* – Van Gogh



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

As dificuldades da vida na penitenciária podem ser atenuadas com algumas qualidades como a criatividade e as habilidades manuais. Como muitos objetos são proibidos, e mesmo aqueles materiais permitidos possuem uma série de regras para a entrada, muitos acautelados utilizam aquilo que é oferecido pelo próprio sistema para melhorar a vida na prisão, ou mesmo, para presentear alguém. Na figura 10, temos uma bolsa e um avental confeccionados por um dos acautelados e dados como presentes na primeira semana de aula para todas as professoras do projeto. Os presentes são feitos com os saquinhos de leite ofertados no café da manhã dos acautelados, e costurados por um plástico presente nos colchões, esticado até formar uma linha resistente e maleável.

Fotografia 8 – Fotografia dos presentes confeccionados com saquinhos de leite



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

Com o objetivo de gerar renda para o projeto, as professoras do Jequitibá Rosa propuseram para a unidade do anexo feminino, a produção de peças de decoração com a temática natalina, feitas a partir das técnicas em argila aprendidas ao longo do ano. As peças devem estar disponíveis para a venda no ano de 2020. A peça na figura 11 também foi um presente recebido no dia da formatura, em dezembro de 2019.

Fotografia 9 - Fotografia de peça em argila produzida por alunas do anexo feminino



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

Com o objetivo de dar visibilidade ao projeto, em 13 de dezembro de 2019, o projeto foi pauta em uma matéria do programa Alterosa em Alerta, da TV Alterosa Zona da Mata<sup>40</sup>. A matéria foi enviada pela autora deste trabalho como sugestão de pauta para algumas equipes das emissoras locais. Assim, a figura 12 mostra o registro feito pela TV da cela que foi revitalizada e transformada em sala de aula. A réplica escolhida foi a da “Noite Estrelada”, do holandês Van Gogh, principal autor trabalhado na oficina.

---

<sup>40</sup>Presos pintam reprodução de quadro de Van Gogh. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P1LbvCpGMr4>. Acesso em: 04 abr. 2019.

Figura 3 – Matéria veiculada na TV Alterosa em 17 de dezembro de 2019



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

Assim, encerrando também as atividades como jornalista da organização, o evento finalizou o período de participação no projeto, que continua a ser ofertado ainda nas duas unidades das penitenciárias. Mais do que possibilitar um espaço de contato e de aprendizado sobre o sistema prisional, suas regras e funcionamento, o projeto possibilitou o desenvolvimento de uma habilidade fundamental para o exercício do jornalismo: a escuta ativa. Com a criação de um vínculo, que trabalha em paralelo as vulnerabilidades da fonte, de suas vivências, medos e frustrações, corremos menos riscos de desenvolver uma abordagem superficial sobre essa população, na medida em que nos permitimos compreender as camadas que fazem parte dessa complexa estrutura de punição que é a prisão.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil, a relação do que é ofertado na programação televisiva possui consequências muitas vezes difíceis de serem mensuradas na vida cotidiana. Nessa rede invisível, os conteúdos se transformam no imaginário popular, se colando e descolando de preconceitos culturais, além de reforçarem e modificarem determinadas práticas culturais. Nesse sentido as representações midiáticas afetam profundamente o modo como determinados conceitos são internalizados na sociedade. No caso do cárcere, uma representação voltada para a perspectiva do descumprimento da lei, muitas vezes não é capaz de relatar o problema da violência no país de uma forma ampla, colaborando para o reforço de determinados estereótipos ou mantendo o silenciamento de determinadas vozes.

Nesses tensionamentos representativos, muitas vezes, enquanto jornalistas, mantemos a estrutura de poderes que determina os lugares que cada personagem ocupa em nossa organização social. Ao tomarmos o mapeamento dos três semestres das matérias em que cárcere e presidiários são abordados nas edições do Jornal Nacional como exemplo, é possível identificar que a cobertura na violência no Brasil é um desafio. Se por um lado, é preciso dar respostas à população que sofre os impactos diretos com os ataques violentos, que de fato se intensificaram nos últimos anos, por outro, é preciso contextualizar toda uma estrutura que propicia emergir, cada vez mais forte, o ciclo da violência em diversas regiões do país. Na prática, o que acaba acontecendo são as frequentes utilizações dos “atalhos de sentido”, em outras palavras, a utilização de estereótipos e representações sociais, que resumem e “entregam” um sentido já conhecido pela maioria dos telespectadores. Além disso, o telejornalismo (aqui representado pelo Jornal Nacional) parece não problematizar o contrato feito entre Estado e sociedade para “esconder” essa população, que pouco tensiona os marcadores da criminalização em nosso país.

Por essa perspectiva, é preciso, mais uma vez, voltar nossos olhares para a discussão do modelo de negócios que orienta a prática jornalística no país. Inicialmente, entendemos que a rotina produtiva das redações torna o tratamento e aprofundamento das informações um desafio, visto que mesmo entre os portais de notícias que possuem assumidamente uma postura voltada para a contextualização e o debate de ideias, são raras as reportagens que dão conta de contextualizar os problemas da segurança pública como um todo. Mas é preciso lembrar também que mesmo as emissoras comerciais possuem diretrizes relacionadas a prestação de serviço, aos direitos humanos e à responsabilidade social. Nesse sentido, tais formatações e rotinas não podem ser, eternamente, um argumento que impeça esse compromisso social

acontecer, uma vez que as matérias relacionadas a violência continuam a preencher grande parte dos noticiários. É preciso entender as camadas de vulnerabilidades onde estão envolvidas as fontes, as personagens da matéria, ainda que essa compreensão estenda o tempo da reportagem, ou ainda, faça com que o tempo de apuração seja mais longo. O importante, nesses casos, é garantir que situações e vivências complexas, já imersas em uma série de problemáticas sociais não sejam tratadas por óticas simplistas e irresponsáveis. É importante pontuar que o desmonte da TV Pública e a ausência de uma regulamentação que fiscalize e oriente o cumprimento de tais compromissos sociais favorece a manutenção de um jornalismo que não se preocupa com essa complexidade, chegando a ser superficial, e que pouco colabora para os enfrentamentos sociais do país. Nessa perspectiva, entendemos que os critérios de noticiabilidade, que orientam a prática jornalística servem para orientar o dia a dia das redações, mas não devem funcionar como uma forma rígida, restringindo as abordagens e produzindo sempre as mesmas matérias ou angulações.

Ainda sobre o papel dos jornalistas na representação dessas vulnerabilidades, é importante dizer que, em um país como o Brasil, em que a desigualdade social é um problema estruturado e afeta todas as dimensões da vida das pessoas, a defesa dos Direitos Humanos e de políticas que trabalhem pela recuperação dos indivíduos à margem da sociedade deve vir acompanhada de uma informação acessível, comprometida com os problemas enfrentados pela população. No caso do cárcere, por exemplo, as matérias que trabalham a ressocialização precisam dar conta de explicar que ressocializar não é uma forma de atenuar os crimes cometidos por esses sujeitos, mas que está dentro da proposta de nossa Constituição, entendendo que em nosso país, a volta dessas pessoas para o convívio social é um fato – e que por aqui não possuímos prisão perpétua ou pena de morte. Assim, garantir que essas pessoas tenham acesso a projetos, a educação e cultura para a ressocialização deixa de ser visto como um privilégio (negado também à população que vive fora das grades), mas como ferramenta necessária para esse retorno ao convívio social. Em outras palavras, o jornalismo não pode resolver o problema da desigualdade social, mas pode trabalhar para pôr fim à noção de que pessoas em privação de liberdade devem ser isoladas daquilo que está nos faz caminhar enquanto sociedade, que é o acesso ao aprendizado e à reflexão.

Ainda refletindo sobre os impactos do modelo de negócios do qual o telejornalismo do Jornal Nacional está inserido, identificamos por meio das análises suas escolhas de representação da realidade de forma mais clara, ao passo que pudemos entender em quais contextos as matérias foram exibidas e sobretudo, quais temáticas e perspectivas não entraram

na tela. Se ao início da pesquisa, pensávamos que a inserção de mais matérias relacionadas aos presidiários e ao cárcere não eram incorporadas à programação do Telejornal por um receio de esgotamento da temática, no sentido de parecerem repetitivas e cansativas emocionalmente ao público - visto que a violência em si não é uma temática visualmente estimulante e que aciona sensações não muito agradáveis -, ao decorrer das análises tivemos uma outra percepção, inclusive, que o telejornal, imerso na crise das instituições, provocando descrença na população, colaborou para a construção de um cenário de país ideal para um modelo político conservador.

No segundo semestre analisado, aquele correspondente ao período de governança de Michel Temer e que marca o início das campanhas eleitorais, percebemos um aumento de 37% das matérias que abordavam o contexto do cárcere e/ou do presidiário. Com a característica específica que a maioria das matérias trazia de fato, reportagens ligadas à criminalidade, ao aumento da violência e a acontecimentos relacionados à segurança pública. Esse dado se mostrou relevante ao longo da análise pois não encontramos as mesmas características contextuais em outros semestres analisados. Por exemplo, o primeiro semestre de 2016 (período que antecede o impeachment de Dilma Rousseff), apresenta apenas 15% de edições com os termos buscados, sendo que a maioria dessa porcentagem tem relação com um contexto em que políticos estão sendo presos. Já o primeiro semestre de 2019 (terceiro semestre analisado na pesquisa, correspondente ao primeiro semestre governado por Jair Bolsonaro), traz marcantes acontecimentos em relação aos presídios, mas ainda assim, a incidência dos termos buscados foi menor do que no período do governo de Michel Temer (período pré-eleitoral).

Como um dos exemplos desses acontecimentos (2019), poderíamos citar o massacre no Centro de Recuperação Regional de Altamira<sup>41</sup>; o aumento de 114% das mortes em presídios no Rio<sup>42</sup>; a morte de 55 presos em dois dias em quatro unidades penitenciárias em Manaus<sup>43</sup> - sendo que 40 deles apareceram nas reportagens como tendo sido encontrados mortos. Assim, é sintomático perceber que mesmo com tantos acontecimentos importantes e praticamente

---

<sup>41</sup>Em Altamira, nesta segunda-feira (29), líderes do Comando Classe A (CCA) incendiaram cela onde estavam internos do Comando Vermelho (CV). De acordo com a Susipe, 41 morreram asfixiados e 16 foram decapitados. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/07/29/massacre-em-presidio-no-para-e-um-dos-maiores-desde-carandiru.ghtml>. Acesso em: 28 ago. 2019.

<sup>42</sup>Um levantamento realizado pelo Mecanismo para Prevenção e Combate à Tortura, órgão vinculado à Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj), revela que as mortes nas unidades prisionais fluminenses aumentaram 114% em sete anos, subindo de 125 em 2010 para 268 em 2017 - a maior parte delas relacionadas a doenças. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2019-04/morte-de-presos-por-doencas-cresce-114-em-presidios-do-rj-em-7-anos>. Acesso em: 28 ago. 2019.

<sup>43</sup>Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2019/05/27/mais-presos-sao-achados-mortos-dentro-de-cadeias-em-manaus-15-morreram-neste-domingo.ghtml>. Acesso em: 28 ago. 2019.

inexplorados do ponto de vista informativo, o terceiro semestre analisado (que corresponde ao primeiro semestre do governo do PSL), apresenta apenas 28% das matérias contendo os termos buscados. Para acentuar ainda mais a falta de uma cobertura que seja capaz de se aprofundar na temática, na análise qualitativa das matérias observamos que o contexto nos quais as palavras-chave aparecem estão, na maioria dos casos, relacionados à ação da polícia, ou a alguma conclusibilidade de caso, agravando ainda mais a perspectiva do silenciamento das questões citadas acima.

É por esses fatores que identificamos que a dimensão do tempo (ou da repetição) não seria um problema para abordar com mais profundidade a temática do cárcere, visto que encontramos a cobertura massiva da violência ocupando quase metade dos programas exibidos no segundo semestre analisado, correspondente ao período do governo de Michel Temer. Assim, se pensarmos por uma perspectiva estatística, à medida em que a violência no país não diminui, não haveria então motivo para uma queda nas matérias com essa temática.

Além disso, é importante observar que dentre todos os 469 programas exibidos nos três semestres analisados, encontramos apenas uma matéria que abordava a perspectiva da ressocialização. A matéria, exibida no dia 26 de julho de 2018 tinha como título: “Santa Catarina é modelo em reabilitação de presos”, e abordava, sobretudo, a perspectiva do trabalho como ponto central para esse sucesso. Assim, dois fatos chamam a atenção nessa matéria. O primeiro é em relação a ela ser a única matéria com uma perspectiva positiva em relação às pessoas em privação de liberdade. É evidente que durante esse período, diversas iniciativas e projetos que trabalham a ressocialização e se dedicam a problematizar condições nas quais vivem os presidiários, oferecendo alternativas para o cumprimento das penas estavam sendo desenvolvidos no país - algumas até com certo nível de pioneirismo e impacto -, no entanto, insuficientemente capazes de ocupar espaço no horário nobre da emissora que lidera a audiência comercial no país.

Já a segunda tem relação com a perspectiva apresentada pela matéria de que o trabalho foi o fator chave para o sucesso do modelo da penitenciária. Ressaltamos aqui a compreensão de que muitas vezes é pela via do trabalho que parcela da população acredita que as pessoas em privação de liberdade poderiam “se redimir”, ou então, aprender a conviver socialmente. No entanto, o que parece se revelar nesse desejo expresso pela população para que os presidiários do Brasil trabalhem em seu tempo na prisão, é um desejo de punição. Assim, a ideia de que o preso precisa trabalhar cada minuto de sua pena parece acionar a própria etimologia da palavra,

que vem do termo em latim *tripalium*<sup>44</sup>, tendo mais a ver com uma espécie de castigo do que, de fato, uma ocupação, e muito menos, uma ocupação capaz de ressocializar. Assim, acreditamos que as matérias jornalísticas que endossam o trabalho como principal via de transformação da população carcerária acabam por reforçar uma perspectiva utilitarista dessa população, revelando uma estranha harmonia entre o mundo dentro das grades e aquele que permanece fora delas, quase como se fossemos apresentados a uma solução típica do capitalismo: a do trabalho como o salvador e principal fator motivador para as vivências individuais. Assim, em nossa perspectiva, para um jornalismo realmente comprometido com os desafios sociais, seria necessário problematizar essa esfera trabalhista na prisão, tão pouco discutida nas matérias. Dessa forma, é importante perceber que relacionar os presidiários com o cenário do aumento da violência no país é uma escolha, e não um fato puramente estabelecido.

Nesse sentido, ao considerar os três semestres analisados, torna-se claro que a escolha por intensificar as reportagens relacionadas ao aumento da violência, a atuação das facções criminosas nos presídios e sobretudo, a figura dos presidiários, se relacionava com a criação de um contexto que apontava para duas interpretações: a de que vivíamos um momento caótico em relação à segurança pública e que o então representante do governo, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), frequentemente identificado com uma orientação ideológica de Centro, estava sendo um presidente tão ruim quanto à sua companheira de chapa, eleita democraticamente.

Nessa perspectiva, a construção narrativa adotada pelo telejornal conversa com os elementos da dramaturgia do telejornalismo identificadas por Coutinho (2012) também pela formação de um ato dramático, em que somos apresentadas ao cenário (representado pelo momento de instabilidade no qual vivia o país); ao conflito, evidenciado pelo aumento das matérias relacionadas ao cárcere e a violência (com uma frequência mais intensa, em que os presidiários são o centro das matérias); e por fim, vemos a formação de um fechamento, ou conclusão do conflito, após a eleição de Jair Bolsonaro, representando, ao menos inicialmente, uma resposta ao caos da violência.

Nesse sentido é perceptível que, nas matérias analisadas, muito é silenciado sobre os contextos da violência no país e sobre como nosso sistema prisional pretende lidar com os

---

<sup>44</sup>O termo *tripalium* é formado pela junção dos elementos *tri*, que significa “três”, e *palum*, que quer dizer “madeira”. Esse era o nome de um instrumento de tortura constituído de três estacas de madeira bastante afiadas e que era comum em tempos remotos na região europeia. Desse modo, originalmente, “trabalhar” significava ser torturado.

problemas do encarceramento em massa, do aumento da posse de arma de fogo e com o incentivo da letalidade policial. Infelizmente, as ausências dessas discussões e as visões estereotipadas sobre as pessoas em privação de liberdade deixam também de pautar a dimensão cotidiana que as informações do telejornal influenciam. Afinal, de que modo o telejornal – e mais tarde, a população - pode considerar a existência de um ventilador na cela uma regalia, quando, na prática, esses espaços construídos para 15 pessoas, passam a receber mais de 60?

Nesse desafio, entendemos que é papel dos jornalistas buscarem uma forma de colaborar para uma sociedade livre, que preze pelos preceitos da igualdade e da justiça para todos. Uma das formas de lutar por esses preceitos, é com a produção de matérias que levem em conta os desafios sociais enfrentados nas cinco regiões do país. Assim, o olhar sobre a representação na mídia e a diversidade de versões sobre as realidades vividas no país são importantes para reconhecer os efeitos que essas construções do real produzem em nossa sociedade e indicar possibilidades de enfrentamento dos problemas. A ausência dessas narrativas diversas, ou a manutenção de uma única narrativa sobre a realidade do sistema prisional podem causar ainda mais profundas consequências em nossa estrutura social, e de certa forma, esvaziam a real função dos jornalistas em nossa sociedade.

## REFERÊNCIAS

A ESTRELA: das grades para o mundo. **Projeto Voz**. 2016. Disponível em: <https://www.projetovoz.com/?p=289>. Acesso em: 20 mar. 2019.

ALMEIDA, Rodolfo; MARIANI, Daniel. Qual o perfil da população carcerária brasileira. **NEXO**, 18 jan. 2017. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/grafico/2017/01/18/Qual-o-perfil-da-popula%C3%A7%C3%A3o-carcer%C3%A1ria-brasileira>. Acesso em: 3 jul. 2017.

ARONCHI, José Carlos de Souza. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARBIÉRI, Luiz Felipe. CNJ registra pelo menos 812 mil presos no país. **G1**, Brasília, 17, jul. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/07/17/cnj-registra-pelo-menos-812-mil-presos-no-pais-415percent-nao-tem-condenacao.ghtml>. Acesso em: 02 dez. 2019.

BARBOSA, Marialva. Comunicação e história: presente e passado em atos narrativos. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 6, n. 16, p. 11-27, jul. 2009.

BECKER, Beatriz. Mídia, telejornalismo e educação. **Matrizes**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 149-164, jan./abr. 2016.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 2002.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CARDOSO, Ciro. **Narrativa, sentido, história**. Campinas: Papyrus, 1997.

CASTORIADIS, Cornelius. **Figuras do pensável: As encruzilhadas do labirinto VI**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

CERQUEIRA, Laerte. **A Função pedagógica do telejornalismo e os saberes de Paulo Freire na prática jornalística**. Florianópolis: Insular, 2018.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística**. São Paulo: Summus, 1994.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. *In*: MARI, Hugo et al. (org.). **Análise do discurso: fundamentos e práticas**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso-FALE/UFMG, 2001. p. 23-31.

CHARAUDEAU, Patrick. **O Discurso das mídias**. Tradução de A. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

COUTINHO, Iluska. **Público, Telejornalismo e Identidade**: Uma reflexão sobre as esferas noticiosas e o destinatário da informação televisual. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – SP, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0925-1.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2019.

COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia do telejornalismo**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

COUTINHO, Iluska. A verdade tecida nas narrativas do telejornalismo. *In*: MUSSE, Christina Ferraz; SILVEIRA JR., Potiguara Mendes da (org.). **Comunicação: redes, jornalismo, estética e memória**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2013.

COUTINHO, Iluska. O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 39., 2016, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2016. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-3118-1.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2019.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. São Paulo: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Cinema 1: a imagem-movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ESTEFAN, André; GONÇALVES, Victor Eduardo Rios. **Direito penal esquematizado**. 2. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2013.

EXCLUDENTE de ilicitude pode isentar agentes de segurança e militares de punição em operações. **G1**, 22 nov. 2019. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/11/22/excludente-de-ilicitude-entenda-projeto-de-bolsonaro-que-pode-isentar-agentes-de-seguranca-e-militares-de-punicao-em-operacoes-de-glo.ghml>. Acesso em: 02 dez. 2019.

FERRÉS, Joan. **Televisão e Educação**. 1. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Representações, mediações e práticas comunicativas. *In*: FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de; GOMES, Renato Cordeiro; PEREIRA, Miguel (org.). **Comunicação, representação e práticas sociais**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Aparecida: Idéias & Letras, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da Prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GOMES, Itania Maria Mota. **Estabilidade em fluxo**: uma análise cultural do Jornal Nacional, da Rede Globo. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 34., 2011, Recife. **Anais [...]**. Recife: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da

Comunicação, 2011. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2640-1.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2019.

GUARESCHI, Pedrinho A.. Mídia e democracia: o quarto versus o quinto poder. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 6-25, 2007. Disponível em:

<http://www6.ufrgs.br/seermigrando/ojs/index.php/debates/article/viewFile/2505/1286>. Acesso em: 09 jul. 2019.

HALL, Stuart. Pensando a Diáspora (Reflexões Sobre a Terra no Exterior). *In*: SOVIK, Liv (org.). **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Tradução de Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HUGHES, Sallie. The Latin American News Media and the Policymaking Process. *In*: SCARTASCINI, Carlos; STEIN, Ernesto; TOMMASI, Mariano (org.). **How Democracy Works: Political Institutions, Actors, and Arenas in Latin American Policymaking**. Cambridge: David Rockefeller Center for Latin American Studies; Cambridge: Harvard University, 2010.

JOST, François. **Seis lições sobre televisão**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: O que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

LIMA, Venício de A. **Comunicação e Cultura: as ideias de Paulo Freire**. Brasília: Editora da UnB, 1996.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem** (Understanding media). Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 2007.

MONITOR da Violência. **G1**. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/>. Acesso em: 02 dez. 2019.

MOREIRA, Denise. **O poder criminalizante da mídia no processo penal: Uma análise sob a perspectiva de um processo justo**. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 9. Ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora da UnB, 2013.

MASSEY, Doreen. B. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Tradução de Hilda Pareto Maciel; Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

PEDROSO, Rosa Nívea. **A Produção do Discurso de Informação em um Jornal Sensacionalista**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1983

PROJETO em penitenciária utiliza cartas para resgatar laços familiares. **Agência Minas**, 10 out. 2019. Disponível em: <http://www.agenciaminas.mg.gov.br/noticia/projeto-em-penitenciaria-utiliza-cartas-para-resgatar-lacos-familiares>. Acesso em: 01 jun. 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

TEMER, Ana Carolina. **Notícias & Serviços nos telejornais da Rede Globo**. Rio de Janeiro: Sotese, 2002.

TEMER, Ana Carolina. **Flertando com o caos: comunicação, jornalismo e televisão**. Goiânia: FIC/UFG, 2014.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Editora vozes, 2009.

TRAVANCAS, Isabel. **Juventude e televisão: um estudo de recepção do Jornal Nacional entre jovens universitários cariocas**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

TRINTA, Aluizio. Televisão e formações identitárias no Brasil. *In*: LAHNI, Claudia Regina; PINHEIRO, Marta de Araujo (org.). **Sociedade e comunicação: perspectivas contemporâneas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

TV é o meio preferido de 63% dos brasileiros para se informar, e internet de 26%, diz pesquisa. **G1**, São Paulo, 24. jan. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/tv-e-o-meio-preferido-por-63-dos-brasileiros-para-se-informar-e-internet-por-26-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 09 set. 2019.

VIZEU, Alfredo. **O lado oculto do telejornalismo**. Florianópolis: Editora Calandra, 2005.

VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; MOTA, Célia (org.). **Telejornalismo: a nova praça pública**. Florianópolis: Insular, 2006.

VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska. **60 anos de Telejornalismo no Brasil: História, análise e crítica**. Florianópolis: Insular, 2010.

WILLIAMS, Raymond. **Televisão: tecnologia e forma cultural**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão**. São Paulo: Editora África, 2006.

ZAFFARONI, Eugênio Raúl; PIERANGELI, José Henrique. **Manual de direito penal brasileiro: parte geral**. 11. ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 2015.